



Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos



UEFS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U 18/05/2020

SAÁDIA RAMOS FERREIRA

**DO LITORAL AO INTERIOR: UM ESTUDO SOBRE O LÉXICO DE ORIGEM INDÍ-
GENA EM COMUNIDADES DO SEMIÁRIDO BAIANO**

Feira de Santana-BA
2024

SAÁDIA RAMOS FERREIRA

**DO LITORAL AO INTERIOR: UM ESTUDO SOBRE O LÉXICO DE ORIGEM INDÍ-
GENA EM COMUNIDADES DO SEMIÁRIDO BAIANO**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientador: Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Feira de Santana-BA
2024

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Ferreira, Saádia Ramos

F443d Do litoral ao interior: um estudo sobre o léxico de origem indígena em comunidades do semiárido baiano. / Saádia Ramos Ferreira.–, 2024.
120f.: il.

Orientadora: Norma Lúcia Fernandes de Almeida

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2024.

1.Léxico. 2.Lexicografia. 3.Semiárido baiano. 4.Tupi. 5.Macro-Jê.
I.Almeida, Norma Lúcia Fernandes de, orient. II.Universidade Estadual
de Feira de Santana. III.Título.

CDU: 801.3(814.22)

TERMO DE APROVAÇÃO

SAÁDIA RAMOS FERREIRA

DO LITORAL AO INTERIOR:

UM ESTUDO SOBRE O LÉXICO DE ORIGEM INDÍGENA EM COMUNIDADES DO
SEMIÁRIDO BAIANO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Estudos Linguísticos.

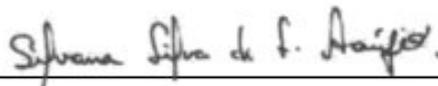
Aprovada em 27 de março de 2024



Prof.^a Dr.^a Norma Lúcia Fernandes de Almeida
Orientadora (UEFS)



Prof.^a Dr.^a Ivana Pereira Ivo
Examinadora Externa (UFBA)



Prof.^a Dr.^a Silvana Silva de Farias Araújo
Examinadora Interna (UEFS)

Feira de Santana – BA
27 de março de 2024

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus que me deu força e coragem para continuar, à minha família e aos povos indígenas que lutam todos os dias por sua sobrevivência.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por toda benção derramada em minha vida desde o início deste ciclo. Agradeço por ter me dado forças em muitos momentos e por ter permitido que eu fosse aprovada nessa turma e ter o privilégio de chegar até aqui.

Agradeço também à minha família, à minha mãe por sempre ter lutado por mim e feito de tudo para que eu tivesse as oportunidades que a vida não lhe deu, por todas as orações e momentos de acolhimento e escuta. Ao meu pai por batalhar sempre para que nada nos faltasse. E à minha irmã por todo apoio durante esse tempo.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Norma Almeida, por ter aceitado a missão de me orientar durante todos esses anos, por seu acolhimento, ética, boa vontade, sugestões, correções e por todo ensinamento que serviram para o trabalho acadêmico e para a vida.

Agradeço também às professoras Ivana Pereira Ivo (UFBA) e Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS) por terem aceitado participar da banca de avaliação do meu trabalho e pelas valiosas contribuições.

Agradeço aos professores do PPGEL por todo conhecimento compartilhado. À minha turma por sempre dividirem os saberes e serem solícitos, tornando a jornada mais leve, em especial à Ticianny Figueiredo pela amizade construída durante o mestrado e pela parceria no enfrentamento dos desafios da caminhada.

Agradeço a todos os professores que passaram por minha vida e que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu esteja aqui hoje.

E por fim, quero agradecer a todas as pessoas que me ajudaram durante essa caminhada, que me escutaram, me acolheram e me compreenderam. Agradeço à minha queridíssima amiga Thaisy Nascimento por todo o auxílio desde o início do mestrado e por ser inspiração na vida acadêmica.

RESUMO

Estudar o léxico de uma língua é conhecer a história e a cultura de um povo, uma vez que o léxico é a representação da cultura e da identidade de uma comunidade. Os estudos do léxico se fazem a partir de três principais disciplinas: a lexicologia, a lexicografia e a terminologia. Este trabalho está pautado nos princípios da lexicografia, que é a ciência responsável pela descrição e registro do léxico, por meio da elaboração de dicionários, e da sociolinguística que estuda a variação linguística, enfocando, por vezes, aspectos da variação e também da formação de uma língua. Para realizar tais estudos desenvolvidos neste trabalho, nos baseamos em: Biderman (1981; 1984; 2001), Lucchesi (2009; 2012), Mattos e Silva (2004), Naro & Scherre (2007), Rodrigues (1993), Santos (2012), entre outros. Buscando analisar as contribuições das línguas indígenas na formação do Português Brasileiro (PB) e no léxico do semiárido baiano, foram utilizados os quatro volumes que compõem o *corpus* Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano (Almeida; Carneiro, 2008), a fim de buscar lexias que possuam origem nas línguas indígenas, do tronco Tupi e do tronco Macro-Jê. Para desenvolver as análises das lexias encontradas, foram utilizados programas computacionais, seguindo o princípio da lexicografia moderna. Os dados identificados no material analisado mostram o quanto as línguas indígenas contribuíram e deixaram marcas até os dias de hoje no léxico utilizado no semiárido baiano e, conseqüentemente, no Português Brasileiro.

Palavras-chave: Léxico; Lexicografia; Semiárido; Tupi; Macro-Jê.

ABSTRACT

Studying the lexicon of a language is knowing the history and culture of a people, as the lexicon is the representation of the culture and identity of a community. Lexicon studies are carried out on three main subjects: lexicology, lexicography and terminology. This work is based on the principles of lexicography, which is the science responsible for describing and recording the lexicon, through the creation of dictionaries, and sociolinguistics which studies linguistic variations, sometimes focusing on aspects of variation, and also the formation of a language. To carry out the studies developed in this work, we based on the contributions such as: Biderman (1981; 1984; 2001), Lucchesi (2009; 2012), Mattos and Silva (2004), Naro and Scherre (2007), Rodrigues (1993), Santos (2012), and others. Seeking to analyze the contributions of indigenous languages to the formation of the Brazilian Portuguese (BP) and in the lexicon of the semi-arid region of Bahia, we used the four volumes that make up the corpus *Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano* (Almeida; Carneiro, 2008), to search lexias that have their origins in indigenous languages, from the Tupi and Macro-Jê trunks. Computer programs were used to analyze the lexias found, following the principle of modern lexicography. The data identified in the material analyzed shows how much indigenous languages have contributed and left their mark on the lexicon used in the semi-arid region of Bahia and, consequently, on Brazilian Portuguese.

Keywords: Lexicon; Lexicography; Semi-arid; Tupi; Macro-Jê.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Estimativas de população no Brasil | 17 |
| Figura 2 – Tipos de dicionários | 34 |
| Figura 3 – Conversão dos arquivos em txt no <i>AntFile Converter</i> | 43 |
| Figura 4 – Lista de palavras no <i>AntConc</i> | 43 |
| Figura 5 – Utilização da ferramenta <i>KWIC</i> no <i>AntConc</i> | 44 |
| Figura 6 – Ferramenta <i>File View</i> no <i>AntConc</i> | 45 |
| Figura 7 – Modelo da ficha lexicográfica | 46 |
| Figura 8 – Mapa com a representação do território do semiárido da Bahia | 118 |
| Figura 9 – Mapa da região do Piemonte da Diamantina (Caém / Anselino da Fonseca) | 119 |
| Figura 10 – Mapa da região da Chapada Diamantina (Rio de Contas) | 120 |
| Figura 11 – Mapa da região do Paraguaçu (Feira de Santana) | 121 |
| Figura 12 – Mapa da região Nordeste da Bahia (Jeremoabo) | 122 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|--------|-----------------------------------|
| Doc. | Documentador |
| Inf. | Informante |
| LGA | Língua Geral Amazônica |
| LGP | Língua Geral Paulista |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais |
| PB | Português Brasileiro |
| PE | Português Europeu |
| PPB | Português Popular Brasileiro |
| s.f. | Substantivo Feminino |
| s.m. | Substantivo Masculino |
| TLI | Transmissão Linguística Irregular |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO | 15 |
| 2.1 | A QUESTÃO DOS CONTATOS LINGUÍSTICOS | 18 |
| 2.2 | POVOS INDÍGENAS NA BAHIA E A CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS | 23 |
| 3 | ESTUDOS SOBRE O LÉXICO | 29 |
| 3.1 | LEXICOGRAFIA | 31 |
| 3.1.1 | Dicionários | 33 |
| 3.2 | ESTUDOS SOBRE O LÉXICO DE ORIGEM INDÍGENA NO SEMIÁRIDO BAIANO | 35 |
| 4 | METODOLOGIA UTILIZADA | 38 |
| 4.1 | O <i>CORPUS</i> | 38 |
| 4.2 | PERCURSO METODOLÓGICO | 42 |
| 5 | APRESENTAÇÃO DO LÉXICO DE ORIGEM INDÍGENA EM COMUNIDADES DO SEMIÁRIDO BAIANO | 47 |
| 5.1 | AMOSTRA DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE ANSELINO DA FONSECA (VOLUME I) | 47 |
| 5.2 | AMOSTRA DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE RIO DE CONTAS (VOLUME II) | 57 |
| 5.3 | AMOSTRA DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE FEIRA DE SANTANA (VOLUME III) | 67 |
| 5.4 | AMOSTRA DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE JEREMOABO (VOLUME IV) | 72 |
| 6 | ANÁLISE DOS DADOS | 88 |
| 6.1 | ZONA RURAL DE ANSELINO DA FONSECA (VOLUME I) | 88 |
| 6.2 | ZONA RURAL DE RIO DE CONTAS (VOLUME II) | 94 |
| 6.3 | ZONA RURAL DE FEIRA DE SANTANA (VOLUME III) | 100 |
| 6.4 | ZONA RURAL DE JEREMOABO (VOLUME IV) | 104 |
| 6.5 | DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS | 110 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 112 |
| | REFERÊNCIAS | 114 |
| | ANEXOS | 118 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido no sentido de colaborar com o conhecimento sobre as contribuições das línguas indígenas para a formação do léxico falado no semiárido baiano. O interesse por esse estudo se dá por investigar o que ainda se utiliza como herança dos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê em comunidades situadas no semiárido. Para realizar este trabalho, foram utilizados os quatro volumes que compõem a “Coleção Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano” que, respectivamente, são: Volume I – Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Anselino da Fonseca (2008); Volume II – Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Rio de Contas (2008); Volume III – Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Feira de Santana (2008); Volume IV – Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Jeremoabo (2008).

Quando os colonizadores portugueses e os jesuítas chegaram nas terras brasileiras, no século XVI, a língua que possuía maior predominância nesse território, principalmente na costa, era o Tupi¹, que, um tempo depois, passou a ser utilizada e denominada como Língua Geral. Conforme apresenta Nobre (2011), a primeira Língua Geral adotada pelos portugueses foi a chamada Língua Geral Paulista (LGP), que foi desenvolvida através dos processos de miscigenação entre os colonizadores portugueses e as indígenas tupinambás, como forma de adquirir uma certa dominação e conseguir explorar os povos indígenas, e se espalhou em outras regiões do território brasileiro através dos movimentos das Bandeiras. Houve, também, 100 anos depois da colonização da costa brasileira, a formação da Língua Geral Amazônica (LGA), constituída em condições semelhantes à LGP, a partir da colonização da região amazônica e a fundação do Estado do Grão-Pará e Maranhão. A LGA sobrevive até os dias atuais na região em que foi formada – o *Nheengatu* –, embora, segundo Rodrigues (1986), hoje em dia ela já esteja diferente da LGA do século XVIII, por diversos fatores, dentre eles os diversos dialetos que se constituíram através dessa língua com o passar dos anos. Esta não se espalhou em outras regiões do território brasileiro como a LGA.

O enfraquecimento das línguas indígenas, especialmente da chamada Língua Geral, começou a ser mais acentuado a partir da vinda de muitos cidadãos portugueses, em busca das

¹ É importante ressaltar que, de acordo com estudos realizados por Edelweiss (1969), há diferenças entre os termos Tupi e Tupinambá. O autor considera que o termo Tupi como um termo genérico utilizado para se referir aos indígenas que habitavam a costa no século XVI e à língua brasileira ou língua geral. Já Tupinambá é um termo específico que se refere a um conjunto de dialetos, pois nunca houve uma unificação de seus núcleos geográficos que corresponde ao tupinambá do Maranhão, o fluminense e o da Bahia.

minas gerais que aqui foram descobertas (Cunha e Souza, 2011, p. 34). Logo após, no ano de 1758, a coroa portuguesa proibiu o uso da Língua Geral e a Língua Portuguesa passou a se impor como representação de uma “civilização mais avançada”. Biderman (2002, p. 68) infere que “tanto o índio como o negro aprenderam o português por necessidade, mas deixaram marcas profundas na língua falada no Brasil”.

O interesse deste trabalho foi de investigar as contribuições dos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê na variedade da língua portuguesa usada no semiárido baiano, sendo que as contribuições do tronco Macro-Jê ainda são pouco investigadas. Com base nos estudos supracitados e em outros já realizados, suscitaram-se os seguintes questionamentos: a) até que ponto se utiliza o léxico de base indígena no semiárido baiano?; b) qual tronco linguístico apresenta maior ocorrência de lexias?; c) as lexias de origem indígena, que ainda são utilizadas nas comunidades mais afastadas dos grandes centros, conservam as mesmas significações de sua origem?; d) em quais faixas etárias são verificadas as maiores ocorrências dessas lexias?

O léxico é conceituado como um conjunto infinito de palavras de um determinado idioma, que carrega consigo as representações que um grupo, de determinada língua, faz do mundo. O léxico do português brasileiro foi formado, principalmente, pela incorporação de lexias indígenas e africanas, a partir da vinda dos colonizadores para essas terras, trazendo com eles africanos escravizados.

Apesar de o Tupi não ser mais uma língua plenamente utilizada como era até o período colonial, deixou fortes traços no léxico do português brasileiro. Nas primeiras décadas de contato europeu com língua da costa, os colonizadores portugueses enviavam correspondentes para o Brasil, para que eles aprendessem a língua mais falada na costa do país e quando as expedições chegassem, tais pessoas servissem como guias (Rodrigues, 1993).

O semiárido da Bahia também possui, e ainda possui, comunidades indígenas, portanto, é com base nesse pressuposto que surgiu o interesse para a realização desta pesquisa. O intuito é investigar o que ainda é utilizado na variedade do português falada no semiárido baiano que possui origem nos troncos linguísticos Tupi e Macro-Jê, uma vez que “Há, como se sabe, vários empréstimos lexicais das línguas de base tupi incorporados no português brasileiro, embora muitas vezes não se tenha consciência disso” (Ivo, 2021, p.49).

Esta pesquisa foi realizada tendo como base os quatro volumes que compõem o *corpus* “Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano”, com a finalidade de investigar a ocorrência das lexias de base indígena, de diferentes troncos linguísticos, em diversas comunidades do semiárido da Bahia. Fizemos o levantamento das ocorrências dos vocábulos de possível origem indígena e, a partir desse levantamento, foram pesquisadas suas respectivas ocorrências em

dicionários antigos e contemporâneos da língua portuguesa. A partir desses resultados, buscou-se responder aos questionamentos propostos anteriormente.

Os estudos acerca das línguas indígenas não são recentes, porém, é importante que possamos conhecer mais a respeito, sendo de extrema relevância para o resgate, para o conhecimento das línguas dos povos originários e para a conscientização de quem foram os primeiros habitantes das terras hoje chamadas de Brasil (Cunha e Souza, 2011), demonstrando que, apesar de tantas transformações e tentativas de apagamento ao longo do tempo, ainda são encontrados grandes vestígios e contribuições das línguas dos povos originários no léxico atual da língua portuguesa usada no Brasil.

Ao estudar o léxico de uma língua, também se estuda a cultura do povo que a fala, pois os significados atribuídos às palavras são resultantes do uso que elas possuem em determinado contexto social. Portanto, o interesse em pesquisar os reflexos das línguas dos povos originários é altamente importante, também, para que futuras gerações possam conhecer e reconhecer a importância das contribuições das línguas indígenas e africanas na constituição do Português Brasileiro (PB).

A fim de discutirmos o tema proposto e apresentar os resultados alcançados com o desenvolvimento das pesquisas, estruturamos este trabalho da seguinte forma: iniciamos com esta *Introdução*; na segunda seção, intitulada como *Formação do Português Brasileiro*, trazemos discussões de como se deu processo para a formação do PB e sobre os movimentos dos indígenas no território baiano; na terceira seção, intitulada como *Estudos sobre o Léxico*, falamos sobre os movimentos de lexicalização, apresentamos as ciências do léxico, focando na ciência da lexicografia e discutimos sobre o conceito de dicionário; na quarta seção tratamos sobre a *Metodologia Utilizada* para buscar os resultados pretendidos, mostramos o programa computacional e os demais mecanismos que foram utilizados, e trouxemos mais detalhadamente as informações sobre o *corpus*; na quinta seção, *Apresentação do Léxico de Origem Indígena em Comunidades do Semiárido Baiano*, apresentamos, em fichas lexicográficas, as lexias encontradas no *corpus* analisado; na sexta seção fizemos a *Análise dos Dados* mais detalhada, desenvolvendo os conceitos e as significações das lexias nos dicionários e em seus usos nos inquéritos; na sétima seção encontram-se as *Considerações Finais* do trabalho e logo após as referências utilizadas.

2 FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para falar sobre a formação do português brasileiro, é necessário, antes, falar sobre colonização portuguesa e sobre as contribuições das línguas indígenas e africanas nesse processo.

Quando Cabral chegou com suas naus, no século XVI, nas terras que hoje chamamos de Brasil, encontrou uma diversidade de povos pelos quais denominou, erroneamente, de índios, por achar que estava chegando à Índia. Essa denominação generalizada fez parte de um processo que buscava apagar todas as diversidades culturais e linguísticas existentes entre as comunidades indígenas, os transformando em um só povo na visão dos colonizadores. Além dos povos originários que aqui já habitavam, os colonizadores também trouxeram (em meados do ano de 1530) africanos escravizados, de diversas partes do continente, para que os servissem na ocupação e exploração do território (Cunha e Souza, 2011).

Ao desembarcarem em terras brasileiras, os portugueses não só encontraram os povos originários, como também se depararam com a dificuldade de se comunicarem com eles, pelo fato de as línguas serem distintas. Para executar o trabalho de exploração e escravização dos povos indígenas, os colonizadores foram obrigados a aprender a língua que predominava no território ao qual chegaram².

A distribuição das línguas indígenas brasileiras no século XVI nas áreas de penetração europeia não favoreceu o conhecimento da diversidade linguística. Uma só língua, o Tupinambá (Tupi Antigo), dominava quase inteiramente a extensa costa, do nordeste ao sueste, com apenas leves variações dialetais. Esse fato levou tanto os franceses quanto os portugueses a procurar aprender só essa língua, que era altamente funcional para os que pretendiam extrair o pau-brasil e estabelecer-se ao longo da costa: aprendida num posto desta, permitia comunicar-se em praticamente qualquer outro (Rodrigues, 1993, p. 86).

Além dos europeus terem aprendido a língua predominante na costa, os africanos escravizados também foram obrigados a aprendê-la. Língua essa que, um tempo depois, passou a se chamar *Língua Geral*. A chamada Língua Geral foi se expandindo em todo o território brasileiro, chegando até mesmo às comunidades indígenas que não eram falantes do Tupi, mas que foram obrigadas a se comunicarem com a língua adotada pelos colonizadores como um tipo de mecanismo para explorarem esses povos. Ivo (2021, p. 32) acrescenta que “nos primeiros anos do Brasil-colônia, essa língua foi chamada de língua brasílica, tendo sido, nativizada pelas gerações que nasceram da miscigenação entre portugueses e indígenas”. Para Franchetto e

² “O processo colonizador e evangelizador dos séculos XVI e XVII teve de utilizar, como instrumento fundamental para a dominação, línguas indígenas brasileiras” (Mattos e Silva, 2004, p.14).

Leite (2006, p. 26) a “multiplicidade de línguas era um empecilho à conversão, e todas as línguas deveriam ser reduzidas a uma só, a mais geral”. A língua foi um dos principais instrumentos de dominação utilizados pelos portugueses, Mattos e Silva (2004, p.14-15) infere que “a língua geral da costa, de base tupi, chegou a ser um risco para a hegemonia do português no Brasil, juntamente com outras línguas gerais indígenas que foram veículos de intercomunicação entre brancos, negros e índios [...]”.

Os jesuítas utilizavam a Língua Geral para escolarizar esses povos e os catequizar. Esses, inclusive, codificaram a língua geral, dando-lhe forma escrita e com isso chegaram a ser considerados os primeiros gramáticos da língua Tupi. Um dos gramáticos que mais ganhou destaque nesse meio foi o jesuíta José de Anchieta. Silva Neto (1976, p. 50) argumenta que a língua falada na costa brasileira “era simples e de reduzido material morfológico; não possuía declinação nem conjugação”. Por outro lado, Rodrigues (1986) mostra que a Língua Geral possuía um complexo sistema de formas verbais e de pronomes, contrariando a afirmação apresentada por Silva Neto (1976). Rodrigues demonstra esse sistema ao exemplificar algumas das mudanças ocorridas quando surgiu a LGA, comparando-a à LGP (tupinambá)

As maiores alterações sofridas pelo Tupinambá no processo de tornar-se Língua Geral resultam de uma progressiva simplificação das formas gramaticais, acompanhada de reorganização da construção das frases. O sistema de demonstrativos do Tupinambá, que era bastante complexo e distinguia formas para "este", "esse", "aquele visível", "aquele invisível", "es~e fisicamente presente", "esse de que falamos" etc., ficou reduzido na LGA a um sistema de apenas duas formas: kwá "este", iã'ã "aquele" (Rodrigues, 1986, p. 105).

Na época em que a colonização ocorreu, poucos países tinham o interesse de vir para as terras americanas, porém, quando, por erro de percurso, os portugueses chegaram aqui e se depararam com tantas riquezas e enorme extensão de terras, trataram logo de incentivar a ocupação do território brasileiro por cidadãos portugueses, para não correr o risco de que países rivais pudessem ocupar essas terras também. Para estimular essa ocupação, Portugal criou incentivos, como “conceder terras a quem tivesse recurso para ocupá-las; daí a política de doação de capitâneas hereditárias, sesmarias e a formação de fazendas açucareiras ao longo da costa brasileira” (Venâncio, 2007, p. 360). Por conta desse processo e de diversos conflitos ocorridos entre portugueses e indígenas, a população indígena e, conseqüentemente, suas línguas, foram diminuindo cada dia mais. A figura demonstrada abaixo evidencia esse processo.

Figura 1: Estimativas de população no Brasil

| Período | População indígena | População européia e africana | População Total | % de população indígena |
|---------|--------------------|-------------------------------|-----------------|-------------------------|
| c.1500 | 4.000.000 | – | 4.000.000 | 100,0 |
| c.1822 | 800.000 | 3.596.132 | 4.396.132 | 18,1 |
| c.1889 | 215.000 | 13.733.915 | 13.948.915 | 1,5 |

Fonte: Venâncio, 2007, p. 361.

O enfraquecimento da língua geral se iniciou no século XVIII, época em que se tinha um “fervedouro linguístico” no território brasileiro, envolvendo a Língua Geral e outras línguas indígenas³, a língua portuguesa trazida pelos colonizadores e as línguas trazidas pelos escravizados africanos. A língua portuguesa começa a ganhar maior espaço a partir da determinação da coroa portuguesa, com a reforma pombalina de 1757 e 1758, que proibia o uso da Língua Geral e determinava que a língua portuguesa passasse a ser a língua oficial no país, fato que mudou o percurso da trajetória linguística do Brasil que tinha todo potencial para ser uma nação majoritariamente de língua indígena. Sobre este fato, Mattos e Silva (2004, p. 71-72) infere que

O grande acontecimento histórico ocorrido naquele momento decorre da política geral e da política linguística pombalinas, que definem a língua portuguesa como a língua oficial da colônia brasileira e iniciam o incentivo a seu ensino, antes preterido pelos jesuítas, em função da catequese e da colonização, em favor da chamada língua geral indígena de base tupinambá, e do latim, língua de cultura letrada do mundo ocidental ainda nessa época.

Além dos acontecimentos já mencionados, outro fator que contribuiu para o avanço da Língua Portuguesa, em detrimento da Língua Geral, foi a vinda de muitos imigrantes portugueses em busca do ouro que foi descoberto em Minas Gerais. Com a descoberta dessas minas, os africanos e os indígenas escravizados foram levados para trabalhar em busca do ouro, com isso, há a grande difusão do Português Brasileiro que era falado pelos escravizados com in-

³ Na época, eram, aproximadamente, 1.175 línguas indígenas no território brasileiro. Segundo Cunha e Souza (2011, p. 37) “resistiram cerca de 180, faladas por aqueles poucos sobreviventes, refugiados em reservas espalhadas pelo país e, nessa mesma direção, das 200 (duzentas) a 300 (trezentas) línguas africanas transplantadas para cá, não há registro de língua africana sendo falada hoje como nativa por nenhuma comunidade linguística brasileira”.

fluências de suas línguas maternas e da Língua Geral adquirida anteriormente, caracterizando a Língua Portuguesa, como uma língua defectiva. Por conta desse processo, Mattos e Silva (2004) diz ter sido os africanos e seus descendentes os principais difusores do português pelo território brasileiro. Em meio a esse processo, houve, também, a vinda da corte portuguesa para o Brasil e a chegada de imigrantes alemães, japoneses, italianos etc.

Com a descoberta das minas de ouro, a vinda de portugueses para o território brasileiro aumentou significativamente e por conta desse grande fluxo, foi necessário se criar leis para controlar a migração de europeus, pois havia o temor de que se despovoasse o reino de Portugal (Venâncio, 2007, p.362). Essa medida não surtiu muito efeito, portugueses continuaram vindo atrás do ouro e, conseqüentemente, a quantidade de africanos trazidos para serem escravizados também aumentou e, mais tarde, ocorreu a vinda da corte portuguesa. Venâncio (2007, p. 369) infere que “ao longo dos quatro primeiros séculos de nossa formação, assiste-se a um declínio acentuado dos grupos indígenas paralelamente a uma africanização crescente da população brasileira”.

Como o contato entre os escravizados e os imigrantes era recorrente, essa variante defectiva da língua, falada pelos povos escravizados, foi perpassando entre eles, muitos desses imigrantes ascenderam socialmente e, segundo Lucchesi (2009), levaram esse Português Popular Brasileiro “ao seio da norma culta”. Diante de tais fatos, foi possível presenciar que, a língua que prevaleceu e que foi imposta como oficial, foi a língua portuguesa, pois era a língua que demonstrava hierarquias sociais e políticas, era a língua de poder.

Nesse contexto, há mais estudos sobre o papel que as línguas africanas tiveram para a formação do PB do que estudos que investiguem o papel das línguas indígenas. Uma das áreas em que se trabalha mais com a participação das línguas indígenas para a formação do PB é a lexical, até porque há, comprovadamente, forte participação dessas línguas nos topônimos e antropônimos. No entanto, estudos recentes, como os de Ivo (2021) entre outros, vêm demonstrando que a participação indígena na formação do PB pode ser muito maior do que foi evidenciado até o momento.

2.1 A QUESTÃO DOS CONTATOS LINGUÍSTICOS

Diante do que já foi discutido, podemos perceber que o processo de formação do Português Brasileiro se deu através dos contatos linguísticos que ocorreram no período da colonização, entre as línguas indígenas, as línguas africanas e as variedades do Português Europeu (PE). Se por um lado alguns teóricos defendem que esse processo se deu através das situações

de deriva secular, por outro, acredita-se na teoria de que algumas variações existentes na língua portuguesa utilizada no Brasil hoje, tenha se dado a partir dos contatos linguísticos.

Naro e Scherre (2019) defendem que a formação do português do Brasil não se tenha dado a partir das situações de contato ocorridas entre portugueses, africanos e indígenas, e sim através de uma deriva linguística, baseados no que foi proposto pelo linguista Edward Sapir, no início do século XX. Silva Neto (1976) explica como se dá essa deriva linguística, conforme proposta por Edward Sapir, apresentando dois tipos de deriva:

Como se sabe desde há muito, há uma deriva indo-européia que caminhava no sentido da simplificação das flexões. Apenas, no caso do aloglota, a simplificação é brusca e extrema, é uma dinâmica que realiza de chofre o que só se daria no curso de várias gerações.

Na constituição do português brasileiro há desde o século XVI duas derivas:

- a) uma deriva bastante conservadora, que se desenvolve portanto muito lentamente e
- b) uma deriva a que condições sociais próprias imprimem velocidade inesperada (Silva Neto, 1976, p. 115).

Os teóricos⁴ não descartam totalmente a hipótese de que tenha se formado uma variação da língua através dessas situações de contato, mas se isso aconteceu, essa variação foi extinta em pouco tempo. Naro e Scherre (2019, p. 451) argumentam ainda que

Através de todas essas fases, segundo nossa visão, o impulso motor do desenvolvimento do português do Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal. Se as sementes trazidas de lá germinaram mais rápido e cresceram mais fortes é porque as condições, aqui, mostraram-se mais propícias devido a uma confluência de motivos.

Para Naro e Scherre (2007), a variação da concordância verbal do Português Popular Brasileiro (PPB) se deu através de um processo de desanalização, que já era perceptível no PE antes da colonização, porém, Lucchesi (2012) refuta essa teoria argumentando que os teóricos não apresentam evidências empíricas e nem sustentação teórica para explicar essa questão da “variação fônica (desanalização) para a variação morfossintática (concordância verbal)”, e defende a ocorrência dessa variação através das situações de contato inferindo que

as pesquisas desenvolvidas desde as últimas décadas do século XX dão suporte empírico e teórico mais do que suficiente para identificar a origem da variação na concordância nominal e verbal que se observa hoje nas variedades populares do português brasileiro na simplificação morfológica que ocorreu nas situações de aquisição de segunda língua não sistemática por parte de falantes adultos e na formação pré-pidgins e pidgins-restritos [...] (Lucchesi, 2012, p. 262).

Sobre os pré-pidgins, também chamados de jargão, ele explica que é

⁴ Naro e Scherre resgatam a visão imanentista, segundo a qual a história de uma língua é regida pela lógica de sua estrutura interna. A língua, assim concebida, desenvolve-se de forma autônoma em uma direção prefigurada, e os contextos históricos e sociais que determinam o seu uso apenas podem acelerar ou retardar essas tendências internas (Lucchesi, 2012, p. 257).

A situação em que uma grande quantidade de falantes adultos de diversas línguas ininteligíveis entre si é forçada a se comunicar usando os recursos da língua de um grupo dominador minoritário, tal como se deve ter passado ao longo da colonização do Brasil, dá ensejo a um código de comunicação muito restrito denominado jargão ou pré-pidgin (Lucchesi, 2012, p. 260).

Quando o pré-pidgin, ou jargão, se expande e passa a ser utilizado em uma dada comunidade de dominados, ele se consolida como pidgin estável. Há também a questão dos pidgins restritos que se desenvolvem a partir da aquisição de segunda língua. Na formação do português brasileiro, nós temos, como exemplo de pidgin restrito, a língua geral brasílica que foi instituída pelos portugueses como língua de intercurso, para que conseguissem se comunicar com os povos que aqui encontraram.

Neste trabalho, nós levamos em consideração a proposta de que a língua portuguesa que conhecemos hoje se formou através das situações de contato que ocorreram na época da colonização. Portanto, como uma tentativa de estabelecer uma comunicação com os povos indígenas e unificar a língua que seria utilizada entre os europeus e os indígenas, a Língua Geral que predominava na costa, desenvolveu-se a partir do contato linguístico, envolvendo as variedades de base Tupi e o Português.

Essa língua geral ter-se-ia transmitido pela oralidade, sem controle de escolarização sistemática e em situações de aquisição imperfeita, no sentido de que nesse contexto de aquisição estariam indivíduos pertencentes a situações bilíngues (português/língua geral) ou multilíngues (português/língua geral/línguas indígenas e/ou africanas). (Mattos e Silva, 2004, p. 78)

A Língua Geral foi utilizada no território brasileiro até meados do século XVIII. Silva Neto (1976, p. 68) esclarece que “a língua geral era necessária a todos: aos mercadores nas suas viagens, aos aventureiros em suas expedições, sertão adentro, aos habitantes das vilas em suas relações com o gentio...”. Acredita-se que não existia apenas uma língua geral, mas, pelo menos, duas. Uma que possuía origem tupinambá e outra que era de origem Guarani, que é uma língua da mesma família da tupinambá (Mattos e Silva, 2004, p. 81).

Mattos e Silva (2004) apresenta uma hipótese de que, além das línguas gerais com base no Tupi e no Guarani, havia também uma Língua Geral que poderia ser um “português mal-falado” possuindo interferências das línguas indígenas e das línguas africanas. Para desenvolver essa hipótese, Mattos e Silva (2004) se baseou nas ideias de John Manoel Monteiro (1995), que afirma que

Na verdade, Domingos Jorge não apenas falava como também escrevia em português, algo inusitado para um Tapuya qualquer. Apesar de alguns tropeços na língua, o rude sertanista redigiu uma interessante carta ao rei, e sua firma mais que reconhecível aparece com alguma frequência nos registros do cartório de Santana de Parnaíba. *Acontece que o bispo – como tantos outros observadores portugueses da época colonial – facilmente confundia-se com o português colonial*, corrompido pela presença

de barbarismos africanos e indígenas, classificando-o como uma língua à parte [...]” (Monteiro, 1995 *apud* Mattos e Silva, 2004, p. 80)

Supõe-se que podem ter existido outras línguas gerais⁵, como a que se baseou no Cariri que pertence ao tronco Macro-Jê e que se difundiu no interior do nordeste brasileiro, mas que por alguma razão histórica esses dados se perderam. Mello (2011) discute que, além desse cenário de contato já conhecido por nós, ocorreu também o contato, social e linguístico, dentro das fazendas e das minas daquela época, através dos africanos que eram levados para trabalhar nesses ambientes e que possuíam línguas maternas diferentes. Com isso, acredita-se que esses africanos adotaram um meio de comunicação entre si, com os falantes de português e de línguas indígenas. “É possível que variedades de contato, que não sobreviveram à ação do tempo, tenham transitado em regiões de grande densidade de africanos” (Mello, 2011, p. 176).

Lucchesi (2015, p. 91), tratando sobre a polarização sociolinguística no Brasil, acrescenta que esta se atualizou “durante os quatro primeiros séculos da formação da sociedade brasileira, na diglossia entre o português falado pela elite colonial e do Império e as centenas de línguas indígenas e africanas faladas pelos povos subjugados”. Portanto, ainda de acordo com Lucchesi, ao longo do período colonial, os portugueses e seus descendentes diretos correspondiam a cerca de um terço da população brasileira e os outros dois terços era constituído pelos africanos, indígenas e seus descendentes. Essa variedade de povos ocupando o território durante o período colonial e imperial, explica o que chamamos de multilinguismo.

Uma outra situação de contato linguístico ocorria nos quilombos formados por escravizados fugidos e, nesses quilombos, também conviviam indígenas, mestiços e brancos que também eram fugitivos por algum motivo. A história do contato linguístico no Brasil é muito marcada pela grande miscigenação entre diferentes grupos étnicos, essa miscigenação é “caracterizada principalmente pela associação de homens brancos a mulheres indígenas e negras, o seu fruto – os mestiços – logo passou a compor o cenário brasileiro em grandes números até tornar-se a maioria da população brasileira” (Mello, 2011, p. 176). Vale lembrar que essa associação dos homens brancos com as mulheres indígenas e negras nem sempre era feita em comum acordo de ambas as partes, mas sim através de violência. Diante do que foi exposto, podemos concluir que a miscigenação ocorrida no Brasil não se deu apenas em relação à etnia ou à fusão de culturas e costumes diferentes, mas também em relação às línguas.

⁵ Para Mattos e Silva (2004, p. 81) ainda há muito a ser desvendado sobre o passado das línguas gerais indígenas e das línguas indígenas brasileiras, essa investigação será feita a partir de documentações remanescentes em arquivos brasileiros e estrangeiros.

O momento em que se deu o maior fervor do multilinguismo brasileiro, foi quando se deu início a busca ao ouro, quando se difundiu o português geral brasileiro. Sobre este fato, Mattos e Silva (2004, p. 86) infere que

Muito provavelmente a língua de comunicação generalizada nesse momento integrador da sociedade colonial seria o português geral brasileiro, não se negando que em situações específicas pudessem aí ser ouvidas tanto línguas gerais indígenas, línguas indígenas, línguas africanas mais gerais entre os escravos (fala-se de uma língua geral das Minas, de base banto) e, certamente, o português europeu, sobretudo porque um contingente significativo de portugueses se deslocou para a área mineradora em busca do ouro).

Nessa época de exploração das minas de ouro é que, também, se instituiu o português como língua oficial do Brasil, onde todos que habitavam o território brasileiro, a partir dali, deveriam apenas utilizar a língua portuguesa. Lobo (2015, p. 73) apresenta uma proposição de Mattos e Silva: “o português brasileiro emerge em contexto multilíngue: o contato linguístico é, pois, elemento constitutivo da sua formação”. A lei que foi lançada no ano de 1757, em Portugal, intitulada Diretório dos Índios ou Diretório do Marquês de Pombal, determinava o seguinte:

Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da Língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe.⁶

Essa lei tinha o objetivo de pôr fim ao trabalho dos jesuítas nos aldeamentos indígenas e transformar essas aldeias em vilas, além disso, ela “consolidou-se como uma lei geral que objetivava regulamentar as relações envolvendo os indígenas, os vassallos luso-brasileiros e portugueses e o Estado português” (Rodrigues, 2016, p.74). Devido a esse fato, todos tiveram que aprender a língua portuguesa para se comunicar no território. Para africanos e indígenas daquela época “o português era uma língua de senhores, uma língua que trazia consigo prestígio social superior” (Silva Neto, 1976, p. 121). Portanto, ao adquirirem a língua portuguesa, sendo que esses já possuíam uma primeira língua, seja africana, indígena ou geral, eles interferiram na pronúncia do idioma português e reduziram algumas formas fonéticas, e integraram “em seu novo sistema linguístico traços oriundos da interferência com a sua língua materna” (Silva Neto, 1976, p. 122), pois adquiriam a língua de forma bastante precária, não havia, para eles, escolas que ensinassem a falar o português. A partir dessas influências, esses povos ini-

⁶ O fragmento do Diretório citado neste trabalho foi retirado de um texto digitado a partir das cópias dos originais publicadas no livro “O Diretório dos Índios: um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII”, de Rita He-loísa de Almeida, Ed. UnB, 1997. (Ivo e Silva, 2015, p. 200).

ciaram um processo de Transmissão Linguística Irregular (TLI), onde passavam essa língua que aprenderam para seus descendentes ou para aqueles que se integravam à comunidade em que viviam, ou seja, africanos ou indígenas que chegavam para serem escravizados também.

A partir desse processo de transmissão linguística irregular é que se desenvolveu o Português Popular Brasileiro (PPB). Segundo Silva Neto (1976), esse PPB a que ele se refere como um “português deturpado”⁷ é encontrado, mais comumente, em comunidades que antes eram aldeamentos indígenas, fazendas onde conviviam brancos, indígenas e africanos, quilombos, entre outros. Com isso, criou-se uma grande diferenciação⁸ entre os falares urbanos (que era mais próximo do que se considera padrão) e os falares rurais (que é o PPB), ou seja, “falar e escrever bem, escrever à moda dos clássicos, tornava-se um meio de distinção e ascensão social, um sinal-marca de classe” (Silva Neto, 1976, p. 123).

Diante do que foi exposto, é pertinente retomar a afirmativa de que a língua portuguesa falada hoje em dia é resultado dos contatos existentes entre várias línguas no período da colonização. Este fato é explicado por conta das diversas características existentes no PB que são provenientes tanto de variedades das línguas indígenas como das línguas africanas. Essa fusão entre línguas aconteceu a partir de um contexto histórico que revela como se deu a formação do PPB e explica diversos fenômenos linguísticos existentes atualmente.

2.2 POVOS INDÍGENAS NA BAHIA E A CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS

O povoamento do sertão baiano pelos povos indígenas se expandiu a partir dos movimentos de aldeamentos realizados pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus. O intuito do aldeamento era justamente criar núcleos com o objetivo de catequizar e de controlar os povos indígenas. A catequização foi um dos principais elementos utilizados pelos portugueses com o objetivo de dominar os povos originários dos continentes americano, africano e asiático, com a intenção, também, de combater as religiões já cultuadas por esses povos e modificar a cultura deles. Os processos de aldeamento iniciavam-se, segundo Santos (2012, p. 43-44), da seguinte forma

⁷ É importante ressaltar que não consideramos como errado o português adquirido de forma irregular. Neste trabalho, utilizamos os termos “língua defectiva”, “português malfalado” e “português deturpado”, pois foram termos utilizados pelos teóricos a qual utilizamos como referência nesta seção. O PPB, que é resultado da TLI, como já foi explanado no texto, não se trata de uma língua falada de forma errada, mas sim de uma variedade do Português Brasileiro que possui um contexto histórico justificável para explicar a sua formação.

⁸ Ou o que podemos chamar, hoje, de preconceito linguístico.

Ele consistia, resumidamente, em três aspectos: a instalação do aldeamento, que podia se dar pela construção da igreja e da residência do missionário em uma aldeia indígena já existente ou em um novo sítio destinado para isso; a catequese propriamente dita, que consistia no ensino dos rudimentos da fé e na preparação para o batismo; o “descimento”, ou seja, o deslocamento de novos grupos indígenas para as povoações já estabelecidas, visando concentrar a catequese nesses espaços.

As primeiras aldeias organizadas pelos religiosos formavam-se próximas aos chamados núcleos coloniais, onde se concentravam os colonos portugueses. Na Bahia, esse núcleo era formado em Salvador. Portanto, o aldeamento foi organizado nas proximidades da atual capital baiana onde grupos indígenas desconhecidos eram “confrontados, convertidos e catequizados” (Santos, 2012, p. 50) e assim os povos indígenas iam sendo realocados entre as comunidades de acordo com sua aceitação à catequização. De acordo com Souza; Rodrigues e Almeida (2020, p. 5)

Os aldeamentos e missões criadas pela Companhia de Jesus possuíam composição, geralmente, multiétnica e multilíngue, reunindo nestes espaços diversas etnias, autorizando-nos a afirmar que se tratava de uma das políticas indigenistas adotadas pela referida instituição.

Os primeiros aldeamentos indígenas ocorreram com o propósito de que se conseguisse a “civilização” e conversão desses povos que habitavam os sertões. A Companhia de Jesus chegou ao Brasil no ano de 1549, com o intuito de converter os povos originários, que aqui habitavam, ao cristianismo. Esse modelo de núcleos de aldeias para catequização foi criado com base na realidade do local onde os missionários realizariam este trabalho. Para que essa conversão se efetuassem, iniciou-se o processo de aldeamento nas localidades citadas anteriormente e algumas regras foram impostas aos indígenas aldeados para que os jesuítas pudessem ter um controle maior sobre eles, como por exemplo, proibi-los de guerrear sem autorização do governador e de consultar seus líderes religiosos tradicionais (Santos, 2012, p.48).

Os indígenas até aceitavam facilmente a ideia do batismo, mas não se rendiam aos costumes europeus. Em outra região do território, na aldeia Piratininga que foi fundada em 1554, os jesuítas utilizaram o método de “unir à pregação um domínio maior sobre a cultura indígena, alcançando resultados mais duradouros” (Santos, 2016, p. 25), com isso, decidiram pôr em prática um novo método de catequização que eram os aldeamentos ou povoação. Com a chegada de um novo superior dos jesuítas, o Mem de Sá, estes conseguiram apoio para a execução dessa nova forma de dominação: “o governador guerreou com tenacidade os povos que resistiam à presença europeia e à catequese e sujeitou os demais, favorecendo a fundação das primeiras aldeias nas proximidades da capital da colônia” (Santos, 2016, p. 25). De acordo com Soares (2022, p. 15),

o movimento do aldeamento catequético seguiu rumo às entranhas do sertão baiano, de acordo com Bandeira (1972) e Dantas (1992), os padres jesuítas estabeleceram aldeias rente à estrada que percorre a Bahia ao rio São Francisco, sendo elas N. S. da Conceição de Natuba, Santa Teresa de Canabrava e Ascensão do Saco dos Morcegos.

Com o movimento dos agrupamentos, os missionários da Companhia de Jesus buscaram aprender a língua que predominava entre os indígenas aldeados, o Tupi, para que o processo de conversão se efetuasse na língua desses povos. Com isso, os missionários foram criando imensa autoridade sobre os povos originários e, com o passar do tempo, passaram a ser responsáveis, ou seja, governantes dos aldeamentos. Nessas aldeias, o trabalho de catequização era mais controlado e mais consistente, pois, por serem comunidades pequenas formadas por poucas pessoas, os jesuítas possuíam maior controle sobre os indígenas que nelas residiam. Os residentes das aldeias possuíam uma rotina com diversas atividades que, em sua maioria, estavam ligadas às tarefas da igreja. Porém, o governador do território que hoje se chama Bahia, não achava adequada toda essa relação de poder existente nos aldeamentos. Como infere Cunha (1992, p. 436), “contudo, os missionários nunca lograriam completa autonomia, como demonstram eloquentemente os vários casos de conflitos de poder registrados”.

Essa forma de catequização realizada pelos jesuítas também não foi bem vista por seus superiores na Europa, até que na década de 1580, o padre Cristóvão Gouvêa chegou ao Brasil com o objetivo de adequar os aldeamentos às normas da Companhia de Jesus. Gouvêa elaborou o Regulamento das Aldeias e, com o tempo, esse tipo de formação de núcleos para catequização foi sistematizado e se tornou a norma missionária oficial da província do Brasil (Santos, 2012). Apesar do regulamento criado por Gouvêa, muitos conflitos a respeito dos aldeamentos foram desencadeados posteriormente, sendo reprovado em Roma, mas os jesuítas seguiam resistindo e argumentando em favor da sua forma de administração. Então, no ano de 1755, foi promulgada uma Lei que libertava os povos indígenas aldeados no Maranhão e foi instituído que as aldeias se transformassem em vilas e cidades, até que o alvará de 1758 estendeu a Lei para todo o território da América Portuguesa e diminuiu o poder dos jesuítas no território, obrigando-lhes a encontrar outra forma de catequização dos indígenas.

Alguns fatores geográficos e econômicos contribuíram para a expansão da ocupação da capitania e, assim, o território foi dividido em três grandes regiões que se iniciava em Salvador, sendo a sede geral do governo; a Bahia de Todos os Santos, correspondia ao recôncavo; e o sertão, que era o restante do território mais afastado do litoral. O sertão da Bahia alcançou sua maior extensão territorial ao final da “Guerra dos Bárbaros”, que ocorreu no início do século XVIII, e chegou a abranger o rio São Francisco e o rio Paraguaçu. Após essa grande extensão

do sertão baiano, o território foi dividido em “sertão de baixo” e “sertão de cima”. O sertão de baixo era a parte que se localizava mais perto da costa, seguindo os rumos dos rios Jacuípe e Itapicuru; e o sertão de cima era a parte que ficava mais afastada do litoral e foi formada às margens do rio São Francisco pertencentes ao território baiano.

A partir da prosperidade crescente do reconvexo baiano, o sertão passou a ser identificado como a parte mais pobre do território, onde faltavam vários recursos, apesar de possuir terras férteis e adequadas para a lavoura. O sertão, então, se tornou a principal área para a expansão das atividades missionárias.

Por conta da grande extensão do território sertanejo, a quantidade de paróquias existentes não era suficiente, com isso, as que existiam precisavam abranger uma região grande, de forma que se tornava inviável a presença do pároco em todas elas. Santos (2012, p. 139) relata que

[...] a multiplicação de missões pelo sertão destinadas ao contato e à conversão dos grupos indígenas era um importante vetor de ocupação e colonização, mas também era vista, por alguns, como insuficiente para o povoamento e a cristianização do vasto território sertanejo, alegando-se que os missionários não atendiam adequadamente aos colonos, que acabavam ficando menos assistidos do que os próprios índios, recém-convertidos ao cristianismo.

A presença dos missionários na região não era suficiente para que o catolicismo se consolidasse no sertão. O conselho ultramarino encontrou como solução o envio de mais missionários, a fim de atender a todos os moradores desassistidos religiosamente. No ano de 1757, foi criado o Diretório Geral dos Índios que reformou o regimento de 1694 e criou um novo sistema de governo indígena. Em 1758, foi promulgado um alvará que indicava que as aldeias deveriam ser transformadas em vilas e paróquias, o que culminou na expulsão dos jesuítas. Esse alvará também objetivava a “civilização” dos indígenas que, a partir daí, passaram a ter mais relação com os colonos portugueses. Segundo Dantas, Sampaio e Carvalho (1992) “essas novas disposições culminariam com a expulsão dos jesuítas de Portugal e de todos os seus domínios, por força da Lei de 3/9/1759”. Assim, a administração das aldeias passou para outros religiosos como os franciscanos, os capuchinhos, os carmelitas, dentre outros, que atuaram em aldeias em diferentes regiões do território. “Muitos religiosos continuaram atuando na catequese indígena nos séculos seguintes e os descendentes dos que habitavam as aldeias do período colonial ainda hoje lutam por seus direitos e pela demarcação e posse de suas terras” (Santos, 2016, p. 30). No século XIX, existiam muitos núcleos advindos de assentamentos indígenas do período colonial na Bahia. Esse século também ficou marcado como o período de extinção dos aldeamentos indígenas.

Segundo estudos realizados por Pinto (1935) e publicados na primeira edição de seu livro “Os Índigenas do Nordeste”, algumas regiões que compreendem à localização das comunidades analisadas para a realização desta pesquisa, eram ocupadas, em grande parte, pelos povos Tupinambás, que pertenciam à família linguística Tupi-Guarani. Os Tupinambás ocupavam, praticamente, toda a costa do território baiano, essa ocupação se deu pelo fato de que esses povos migravam várias vezes dos lugares, motivados pelo desejo de fugir da escravidão, pela própria natureza nômade que caracteriza esses povos e pela esperança em chegar à “terra em que não se morre”. Dado este fato, os tupinambás eram considerados os maiores e principais grupos indígenas, seus parentes próximos eram os povos Tabajaras, Petiguaras, Caetés, Tupiniquins e Tamoios. (Pinto, 1935, p. 94-115).

Mais ao interior do território, se tinha a ocupação dos povos Camacãs, que eram pertencentes ao grupo dos Jês. Os Jês eram os considerados Tapuias⁹ que ocupavam a costa e que foram expulsos pelos Tupis-Guaranis. Os Camacãs são considerados como gêns orientais, por conta de sua localização e são parentes próximos dos Meniãs, Catatóis, Cutaxós e dos Massacarás (este último também se localiza no território baiano, em área abrangente ao nosso estudo), alguns desses povos citados já foram extintos. Da família dos Jês, temos também os povos Pataxós que se subdividem em Copoxós, Macunís, Panhames e Maxacalís, alguns destes também já foram extintos. Ademais se tem o grupo linguístico dos Cariris, que alguns teóricos consideram que se deu através da mistura dos Jês e dos Tupis. Estes, aqui na Bahia, foram aldeados em meados do século XVIII pelo padre João de Barros (Pinto, 1935, p. 124-135).

Alguns séculos após esses estudos, atualmente o território baiano possui a 2ª maior população indígena do Brasil, conforme o censo divulgado em 2022. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgou que, das 417 cidades da Bahia, foram mapeadas 134 localidades indígenas em 39 municípios baianos. Essa pesquisa também revelou que a maioria dos povos indígenas (o que compreende a 92,49%) vivem fora das terras delimitadas oficialmente.

⁹ Conforme afirmam Santos (2011) e Pinto (1935), os colonos portugueses chamavam de Tapuias o grupo de indígenas que eram resistentes e ferozes à dominação por meio da catequização, eram considerados “os outros”. Esses indígenas eram temidos tanto pelos portugueses quanto por indígenas de etnias diferentes. “A definição de “tapuia” passou a ter um caráter militar e administrativo, aplicando-se indistintamente a povos tupi e não-tupi, a depender de como se posicionavam diante do processo de conquista e dos interesses dos colonizadores” (Santos, 2011, p. 31). Cunha e Souza (2011, p. 46) ainda infere que “a expressão tapuio é trazida por alguns dicionaristas, a exemplo do dicionário Houaiss, como uma denominação dada aos índios, pelos portugueses, de grupos que não falavam as línguas do tronco linguístico Tupi e que habitavam mais para o interior do país, pertencentes, naturalmente, ao tronco linguístico Macro-Jê”.

A capital baiana, em um ranking nacional de capitais, ocupa a 2ª posição em moradores indígenas, ficando atrás apenas de Manaus, capital do Amazonas. Feira de Santana, que é a segunda cidade mais habitada da Bahia, ocupa a 6ª posição em população indígena no Estado e nacionalmente ocupa a 57ª posição.

Conforme as discussões apresentadas nesta seção, apesar das intensas tentativas dos colonizadores de instituir a língua portuguesa como língua oficial do país e terem conseguido efetivar tal feito, o português que se popularizou, e que vive (e se renova) até os dias atuais, carrega muitas marcas das línguas indígenas que tentaram aniquilar. Essas marcas podem ser percebidas tanto na língua que se considera padrão, quanto no PPB, principalmente quando se refere a lexias relacionadas à fauna e à flora brasileira, além de dar nome a muitas cidades. Com isso, é de se levar em consideração que muitos fatos sócio-históricos contribuíram para a formação e evolução do PB, tornando relevante considerar que o contato entre línguas, na formação da realidade linguística brasileira atual, deixou muitos traços significativos e que justificam diversos fenômenos linguísticos existentes no português brasileiro.

3 ESTUDOS SOBRE O LÉXICO

O léxico pode ser definido como o conjunto infinito de palavras utilizadas por falantes de um determinado idioma que carrega consigo as representações que um grupo, de determinada língua ou dialeto, faz do mundo. Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9) reiteram que o léxico é o primeiro meio de acesso a um texto, podendo ser considerado como uma janela pela qual “uma comunidade pode ver o mundo”. Além disso, Oliveira e Isquierdo (2001) apresentam o léxico como um conhecimento compartilhado por falantes que se formam no âmbito do saber vocabular de um grupo sociolinguístico cultural, além de manter uma estreita relação com a história cultural da comunidade e relacionar-se com a nomeação e com a compreensão, com isso, um indivíduo estará sempre vinculado a representar apenas as estruturas linguísticas da sua língua materna e não as estruturas de uma L2, por exemplo.

Barreiros (2017, p. 112) afirma que “o léxico constitui um amplo universo conceitual, devido à capacidade do falante de usar, de criar e de renovar a sua língua”. Por meio do léxico é possível perceber as crenças, os valores, os hábitos e costumes de uma dada comunidade, sobre isso Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9) afirmam que “na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura”. Neste trabalho, nós levaremos em consideração o léxico numa perspectiva sociocultural já que um dos nossos objetivos é contribuir com projetos de revitalização de línguas indígenas e, conseqüentemente, da cultura dos povos indígenas no semiárido baiano.

Para Biderman (1981, p.138) o léxico é “como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural [...]”. O patrimônio lexical de uma comunidade evidencia suas singularidades culturais, visto que esse nível da língua reflete as crenças e valores de um dado grupo. O léxico também pode ser considerado como um vasto campo de conhecimento linguístico. Antunes (2012, p. 29) fala que

O léxico, ao contrário, é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro.

Ou seja, o léxico é sistemático e aberto, e se constitui através de uma base que é bem definida e estável. Ele se desenvolve a partir do contato entre comunidades ou sociedades distintas e só deixa de se desenvolver quando uma língua morre.

Porém, se a língua continuar a existir como meio de comunicação oral e escrito, seu léxico se ampliará sempre. Os resultados do contato dos povos indígenas com os falantes do português são percebidos através do uso de palavras novas atribuídas aos

objetos e às ideias introduzidas pela cultura exterior. Assim, a expansão do léxico decorre do contato das sociedades (Spanghero, 2010, p. 272).

Barreiros (2017, p. 112) afirma que “são os falantes que criam e conservam o vocabulário de sua língua, funcionando como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico”. Estudar o léxico é também entender sobre a realidade social de uma comunidade, pois, para conhecer sobre uma língua, é necessário conhecer o meio em que a língua se desenvolve.

A partir desse movimento que acontece com a língua, palavras podem passar a ser utilizadas no léxico, enquanto outras que costumavam ser usadas, deixam de ser. Antunes (2012) caracteriza esses movimentos como lexicalização e deslexicalização. Para a autora, a lexicalização é quando ocorre o processo do surgimento de uma nova palavra no léxico utilizado por uma comunidade. Já a deslexicalização é quando ocorre o contrário, uma palavra que costumava ser utilizada no vocabulário de uma comunidade cai em desuso ou passa a ser utilizada em outras situações mais limitadas. São processos que nós acreditamos que ocorreram com o PB a partir do contato com as línguas indígenas e africanas.

O léxico, pois, é diferente de vocabulário. De acordo com Vilela (1995, p. 13) léxico é o conjunto de palavras que membros de uma comunidade comunicam entre si, já o vocabulário é o conjunto de vocábulos que realmente existem em um determinado lugar ou tempo.

Os estudos sobre o léxico de uma língua são desenvolvidos a partir de três principais disciplinas que são a lexicologia, a lexicografia e terminologia. A lexicologia é uma ciência antiga e que se responsabiliza pelo estudo e análise das palavras. Ela também pode ser conceituada como o estudo científico do léxico (Vilela, 1995, p. 14). Para Abreu (2019, p. 38) “o léxico de uma língua representa a comunidade que o utiliza, com isso podemos dizer que a lexicologia é a área do conhecimento que estuda o léxico a partir de seus significados e de suas representações”, ou seja, o estudo realizado pelos lexicólogos parte de entender, inicialmente, o significado até chegar ao significante. E para que se possa compreender da melhor forma os significados das lexias, é necessário conhecer sobre a cultura e as representações que a comunidade faz a respeito do léxico a qual utiliza.

Segundo Biderman (2001, p. 16), os lexicólogos também estão se ocupando com os estudos sobre os neologismos. Biderman (2001, p. 16) afirma ainda que “embora se atribua à Semântica os estudos das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”. Além da lexicologia ter afinidade com a Semântica, ela também dialoga com a Dialectologia e com a Etnolinguística, por propor estudos sobre as relações entre a língua e a cultura.

A língua apresenta uma linguagem geral, que é o que estuda a lexicografia, e em determinadas situações apresenta uma linguagem mais especializada, como linguagens técnicas, profissionais, regionais, científicas e de grupos sociais diferentes. Cabe à terminologia o estudo dos termos específicos de cada situação citada acima. Essa pode, facilmente, ser confundida com o conceito da lexicologia, porém, a lexicologia se encarrega de estudar todos os termos pertencentes ao léxico de uma língua, já a terminologia estuda as palavras que constituem linguagens mais especializadas, ou seja, a linguagem própria de um determinado grupo.

As linguagens especializadas se caracterizam pelo emprego da terminologia, que representa a estrutura conceptual de determinada matéria, enquanto os termos denominam os conceitos da rede estruturada da matéria em questão. A diferença fundamental entre um texto da língua geral e outro, de uma linguagem especializada, está no uso dos termos específicos de determinada área, que lhe confere o caráter de especificidade, em distintos níveis de especialização, conforme o tipo de matéria e seu grau de abstração (Andrade, 2001, p. 193).

Barbosa (1990) define a terminologia como “um conjunto de palavras técnicas ou científicas, que, como já foi assinalado, constituem o vocabulário específico de uma ciência, de uma tecnologia, de um pesquisador ou grupo de pesquisadores, ou de uma área de conhecimento”. Para Biderman (2001, p. 19), a terminografia é uma “teoria de referência”, pois parte de uma estrutura geral, fazendo relação com o código linguístico que corresponde a essa estrutura. Os terminógrafos têm o objetivo de atribuir denominações aos conceitos. Portanto, podemos dizer que, na terminologia, parte-se do macro (que é o conceito) para o micro (que é o termo relacionado), entendendo-se como um processo onomasiológico¹⁰.

3.1 LEXICOGRAFIA

A arte ou técnica da elaboração de dicionários, glossários e vocabulários cabe à ciência lexicográfica. Essa disciplina do léxico é antiga, em se tratando da elaboração de dicionários. De acordo com Biderman (2001, p. 17), a lexicografia começou nos séculos XVI e XVII, a partir da elaboração de dicionários em língua portuguesa, o primeiro chama-se *Vocabulário Português-Latino* de Rafael Bluteau e o segundo *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva. Segundo Biderman (1984, p. 5),

O dicionário de Moraes (2.a.ed.,1813) constitui um marco na lexicografia de língua portuguesa. É o primeiro dicionário de uso da língua, muito avançado para os padrões lexicográficos da época. Apesar de ter-se baseado na obra do Padre Bluteau, sobretu-

¹⁰ De acordo com o Aulete Digital, onomasiologia é “um método de pesquisa que, partindo dos significados capazes de ter expressão linguística, estuda as várias maneiras de exprimir determinada noção”, ou seja, é um processo que parte do significado para o significante.

do na primeira edição, na segunda edição Moraes libertou-se de seu modelo, ampliou consideravelmente a obra com respeito ao número de verbetes, incluídos, e mais que isso, apurou o seu trabalho lexicográfico. Omitiu informações de tipo enciclopédico incluídas no Bluteau, revelando consciência de que um dicionário da língua não é uma enciclopédia.

Barbosa (1990) infere que a lexicografia, assim como a lexicologia, também tem a palavra como objeto de estudo, porém a lexicografia se encarrega pela “compilação, classificação, análise e processamento, de que resulta, por exemplo, a produção de dicionários [...]”, enquanto a lexicologia faz um estudo mais geral do léxico, de forma mais ampla. A lexicografia, portanto, é uma atividade semasiológica, ou seja, ela tem como ponto de partida a palavra para daí chegar ao conceito, parte do significante para o significado ou significados, pois, tanto na língua portuguesa como em outras línguas, uma palavra pode ter significados diferentes (Vilela, 1995, p. 91), esse processo difere a lexicografia da terminologia, que faz o inverso.

A lexicografia possui duas acepções, conforme Welker (2004, p. 11), a prática e a teórica. A lexicografia prática “designa a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários”, já a lexicografia teórica ou metalexicografia, como também é conhecida, é “o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários e ainda a tipologia”. Ou seja, o responsável pela escrita e produção dos dicionários é o lexicógrafo e quem escreve sobre os dicionários são os metalexicógrafos. A metalexicografia é uma acepção recente e, segundo Iriarte Sanromán (2001, p. 45), ela é a “disciplina que estuda não só os princípios teóricos e metodológicos sobre a elaboração de dicionários, mas também as características que regulam a estrutura e o comportamento linguísticos na medida em que orientam e condicionam o trabalho do lexicógrafo”.

De acordo com Barreiros (2017, p. 117) “o trabalho realizado pela lexicografia contribui para uma visão mais abrangente da língua, pois indica as formas socialmente aceitas, bem como seus usos e possibilidades, agregando uma função tanto normativa quanto legitimadora”. Com isso, podemos dizer que a lexicografia também é responsável por representar a cultura e a identidade de um povo através dos registros dos significados dos verbetes nas obras lexicográficas. “A lexicografia não se reduz a um problema semântico, embora o acolha, uma vez que o sentido que interessa à lexicografia é definido nos usos socioculturais das palavras” (Santos, 2016, p. 143).

3.1.1 Dicionários

Os dicionários, como pudemos observar acima, são um produto da lexicografia. Como a lexicografia utiliza o processo semasiológico, parte do significante para o significado, os dicionários apresentam os verbetes e as suas acepções. Vilela (1995, p. 78) conceitua dicionário como

O conhecimento genérico culturalmente partilhado por uma comunidade linguística e codificado no léxico, ou é a codificação desse saber, concebido de forma estática, em suporte papel ou electrónico, arquivando esse saber e que pode ser consultado por pessoas ou por máquinas.

O dicionário irá registrar as definições das lexias de acordo com o momento da história em que a sociedade vive. Segundo Biderman (2001), ele “exerce funções normativas e informativas na sociedade”, ou seja, o dicionário é um produto cultural que deve ser utilizado por todos os usuários de determinada língua. Para Biderman (2001, p. 17) “o dicionário de língua faz uma descrição do vocabulário da língua em questão, buscando registrar e definir os signos lexicais que referem os conceitos elaborados e cristalizados na cultura”, a autora ainda reafirma que o dicionário “é um objeto cultural”.

É possível dizer que existem tipos diferentes de dicionários, Biderman (2001, p. 18) apresenta o dicionário padrão e os dicionários técnicos e especializados, o primeiro é aquele que apresenta em torno de 50.000 palavras ou lexias e suas acepções, o segundo são aqueles que recobrem diversos campos de conhecimento. Vilela (1995, p. 79) apresenta alguns que são definidos como: dicionários fundamentais, dicionários básicos, dicionários médios, grandes dicionários, dicionários de português antigo, dicionários etimológicos, dicionários de sinônimos, dicionários de verbos, dicionários de medicina, dicionários de linguística, dentre outros. Podemos perceber que Vilela (1995) apresenta as nomenclaturas do que Biderman (2001) apresenta como dicionários padrão e técnicos ou especializados. Welker (2004, p. 43) apresenta algumas diferenciações entre os dicionários como obras de consultas convencionais (são os clássicos dicionários impressos) e os dicionários eletrônicos, o autor também diferencia os dicionários entre monolíngues e bilíngues/multilíngues e os gerais e especiais. Para ele, os dicionários gerais são aqueles alfabéticos e sincrônicos, os especiais são os dicionários onomasiológicos, históricos, diacrônicos, entre outros. Welker (2004) ainda apresenta um esquema onde mostra essas divisões entre os tipos de dicionários.

Figura 2: Tipos de dicionários



Fonte: Welker (2004, p. 44)

O dicionário é organizado por sua macroestrutura e microestrutura. A macroestrutura, conforme Welker (2004, p. 81) apresenta a forma pela qual o corpo do dicionário é organizado, ou seja, é o conjunto total das estradas ou lemas e as partes complementares que formam o dicionário, como a introdução, os apêndices, dentre outros (Vilela, 1995, p. 78). Biderman (2001, p. 18) apresenta a macroestrutura como a “lista total dos lemas que constitui a nomenclatura do dicionário”, portanto, alguns teóricos se referem à macroestrutura como sinônimo de nomenclatura constituídas pelas entradas lexicais (lemas).

A microestrutura, segundo Vilela (1995, p. 78), corresponde à “entrada e o tratamento dado a essa entrada através da rede de relações definicionais, relações gramaticais, relações semânticas e relações pragmáticas”, ou seja, a microestrutura é formada pelos lemas e suas acepções. Para Biderman (2001, p. 18), a microestrutura “tem como eixos básicos a definição da palavra em epígrafe e a ilustração contextual desse mesmo vocábulo”. Essas definições podem ser apresentadas através de abonações ou através de exemplos. Welker (2004, p. 107) apresenta o conceito dado por dois teóricos para a microestrutura, de Baldinger (1960) e de Rey-Debove (1971), e o primeiro infere que a microestrutura responde perguntas acerca das acepções de cada palavra e o segundo diz que é o conjunto de informações organizadas de cada verbete ou palavra, após a entrada.

3.2 ESTUDOS SOBRE O LÉXICO DE ORIGEM INDÍGENA NO SEMIÁRIDO BAIANO

Muitos trabalhos são desenvolvidos no âmbito dos estudos lexicais no semiárido da Bahia, a fim de elucidar questões acerca da formação do PB. Cunha e Souza (2011) desenvolveu uma pesquisa com o intuito de produzir um glossário de lexias presentes na oralidade de indígenas Kiriri, na região de Mirandela que fica localizada no sertão baiano e que, de acordo com dados históricos, era uma região habitada por povos indígenas cuja língua pertencia ao tronco Macro-Jê. No glossário, as lexias são divididas em grupos. Primeiro, encontra-se as lexias referentes à fauna e à flora, depois as que nomeiam itens relacionados à caça e à pesca e por último as que se referem à culinária. O autor apresenta 38 lexias referentes à fauna e à flora e, apesar dos estudos terem acontecido em um grupo indígena que a língua materna pertencia ao Macro-Jê, todos os vocábulos presentes na primeira parte do glossário foram apresentados como pertencentes ao tronco Tupi. Em vista disso, Cunha e Souza (2011) aponta duas possibilidades que podem ter contribuído para esse resultado. A primeira refere-se ao fato da expansão da catequese pelos jesuítas ao longo do território baiano, o que fez com que esses padres introduzissem itens lexicais pertencentes ao Tupi na língua do povo Kiriri e consequentemente, no PB. A segunda possibilidade apresentada é referente ao movimento dos Bandeiras, que tinham o objetivo de desbravar o território brasileiro em busca de indígenas para escravizar, portanto “em decorrência desses fatos, mesmo em áreas não *tupi*, existem topônimos dessa origem, fato que tem ensejado equívocas notícias a respeito da presença desses povos em regiões jamais habitadas por eles” (Cunha e Souza, 2011, p. 168). Em relação aos grupos de lexias relacionadas à caça, à pesca e à culinária não foram apresentadas nenhuma oficialmente pertencentes ao tronco Macro-Jê, quando não pertenciam ao tronco Tupi, eram de origem controversa, com isso, há uma possibilidade de serem pertencentes à língua kiriri, do Macro-Jê.

Soares (2022) buscou analisar o léxico de moradores da cidade de Quijingue-BA, com o objetivo de encontrar lexias oriundas da família linguística kiriri, pois, segundo dados históricos, o território que abarca a cidade já foi habitado por povos falantes dessa família linguística e, além disso, possui contato territorial com os aldeamentos indígenas de Massacará e Mirandela. As lexias apresentadas por Soares (2022) nomeiam seres referentes à fauna e à flora, a objetos e utensílios culinários e a nomes próprios. Assim como em Cunha e Souza (2011), na pesquisa desenvolvida por Soares (2022), grande parte das lexias encontradas são pertencentes ao tronco Tupi, apenas algumas de origem controversa é que têm possível origem no tronco Macro-Jê. Algumas dessas lexias são papaterra, quixaba, caçuá, pote, maceté, dentre outras. Soares (2022) atribui a possibilidade dessas lexias serem de origem Macro-Jê pelo fato de se-

rem bastante utilizadas pelos informantes da comunidade, apesar de não aparecerem registros sobre suas origens em dicionários oficiais.

Outro estudo realizado a fim de desbravar o léxico do semiárido baiano em busca de lexias de origem indígena, principalmente do tronco Macro-Jê, foi o desenvolvido por Santana (2023). Esse estudo foi realizado através de uma investigação documental do “Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri”, com o objetivo de investigar vestígios lexicais da língua Kariri Dzubukuá na fala do povo Tumbalalá¹¹. As lexias para investigação foram selecionadas nas obras “Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Povo Indígena Tumbalalá” (2010) e “Índios na visão dos Índios” (2001) e, ao todo, foram localizados 47 vocábulos, alguns sem determinação oficial de sua origem, mas que foi possível localizá-los nas obras que serviram como base para a investigação, atestando-se, assim, a possível origem na língua Kariri, pertencente ao tronco Macro-Jê. Algumas delas são: Cabrobó, anjuká, koaki, pujá, dentre outras.

É importante falar também sobre o Dicionário Kiriri, que é intitulado como “ABC Kiriri: Artesanato” e foi desenvolvido no âmbito do Projeto Estudos Lexicográficos do Semiárido, com a finalidade de catalogar palavras que nomeiam objetos de artesanato pertencentes à cultura dos povos Kiriri, que estão presentes nos municípios de Banzaê, Quinjingue e Ribeira do Pombal. No dicionário são apresentadas diversas lexias, a exemplo de: abano, paiósca, paú e manzuá.

O trabalho desenvolvido por Santana e Mendes (2020) buscou investigar as heranças da família linguística Kiriri, do tronco Macro-Jê, na fala do povo Kaimbé da comunidade indígena Massacará, que fica localizada ao norte do estado da Bahia, no município de Euclides da Cunha. Com os resultados obtidos por meio da coleta de dados, eles elaboraram um glossário com palavras de origem indígena que foram identificadas na fala das pessoas dessa aldeia. Para a identificação das lexias e construção do glossário, os autores consultaram dicionários de língua portuguesa e a gramática da língua Kariri, de Mamiani (1699). Dentre as lexias localizadas, duas obtiveram destaque na pesquisa. Primeiro, a expressão *Boedu Craê*, que os falantes utilizam na comunidade como uma saudação e na gramática de Mamiani é encontrada como *Cayê* e significa *manhã*, podendo ser interpretada como uma saudação de “bom dia”. A segunda é a lexia *Bogó* que, na comunidade, nomeia bolsa de fibra vegetal e na gramática aparece como *Bocó*, mas com o mesmo significado utilizado na comunidade. Essas lexias se destacam, pois não foram encontradas nos dicionários de língua portuguesa o que fez os pesqui-

¹¹ Também conhecido como Pambu, vivem às margens do Rio São Francisco.

sadores pensarem que não eram utilizadas na Língua Geral, diferentemente das outras lexias identificadas que os dicionários apresentam como de origem Tupi. “Assim, chegamos à conclusão de que resquícios do tronco Macro-Jê como Bocó/bogó; Cayê/Boedu Craê permanecem vivos, fortalecendo falantes dessa comunidade indígena e circunvizinhas” (Santana e Mendes, 2020, p. 90).

Ainda se tratando dos estudos linguísticos referentes a línguas indígenas no semiárido baiano, é pertinente ressaltar a importância do projeto ao qual esta pesquisa faz parte que é intitulado “Um Estudo Lexicográfico do Semiárido Baiano”, que está em sua segunda fase onde busca investigar as contribuições de línguas indígenas na formação do PB, a partir de pesquisas realizadas na região do semiárido, sendo coordenado pela professora Norma Almeida desde o ano de 2019. Esse projeto é fruto de um anterior denominado “A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano”, que produziu muitos dados de fala e vem realizando estudos linguísticos, principalmente, em áreas rurais. O projeto é vinculado ao Núcleo de Estudos do Português (NELP), ao Programa para a História do Português (PROHPOR) e ao Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). Este trabalho de pesquisa irá contribuir com os estudos realizados pelo projeto sob coordenação da professora Norma Almeida e também contribuirá com o dicionário online LEXISS – Lexicografia Intercultural do Sertão/Semiárido, que é produto do projeto.

É possível observar que muitos estudos já foram produzidos com o intuito de mostrar o quanto o léxico indígena se faz presente na língua que é falada, nos dias atuais, no semiárido da Bahia. E, de fato, encontram-se muitas evidências de línguas indígenas no léxico atual, principalmente do tronco Tupi. O fato de se localizar mais lexias pertencentes ao tronco Tupi é explicado pelos movimentos de aldeamentos realizado pelos jesuítas, a fim de catequizar os povos indígenas no período da colonização e pelo processo de tupinização, com o intuito de homogeneizar as línguas indígenas de diferentes etnias. Em contrapartida, ainda são poucos os indícios de lexias pertencentes às línguas do tronco Macro-Jê. Embora a história mostre que existiam e ainda existem povos remanescentes desse tronco linguístico na região do semiárido baiano.

4 METODOLOGIA UTILIZADA

O objetivo da realização desta pesquisa é de estudar as contribuições das línguas de origem indígena, dos troncos linguísticos Tupi e Macro-jê, na formação do léxico do Português Brasileiro, através de um levantamento de lexias que possuam origem em línguas indígenas.

O *corpus* utilizado para obtenção de dados para a realização desta pesquisa foi a “Coleção Amostras da Língua Falada no Semi-árido Baiano”, quando se investigou a ocorrência de lexias de base indígena, de diferentes troncos linguísticos, em algumas comunidades do semi-árido baiano. Para a análise do *corpus*, seguimos os princípios da lexicografia moderna com o auxílio do programa *AntConc* para selecionar as lexias a serem investigadas. Foi levada em consideração a proposta de Sardinha (2000) sobre a linguística de *corpus*, que foi utilizada para identificação e análise das lexias selecionadas através de um programa computacional.

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador (Sardinha, 2000, p. 325).

Para encontrarmos os resultados propostos, inicialmente, fizemos um levantamento das ocorrências dos vocábulos de possível origem indígena nas entrevistas dos quatro volumes que compõem a coleção, com o auxílio do programa *Antconc*. Após isso, selecionamos uma lista de palavras para serem analisadas e, a partir desse levantamento, pesquisamos suas respectivas ocorrências em dicionários antigos e contemporâneos da língua portuguesa. As lexias identificadas foram organizadas em fichas lexicográficas que, em sua macroestrutura, são organizadas em ordem alfabética e na microestrutura apresentamos a classe de palavras a que pertence a lexia, suas acepções e as abonações.

4.1 O *CORPUS*

O *corpus* foi produzido no âmbito do projeto “A Língua Portuguesa no Semi-árido Baiano”, que é coordenado pelas professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e tem como objetivo estudar a formação do PB no semiárido da Bahia.

[O projeto] foi implementado no ano de 1996 (embora só tenha sido oficializado em 1998), na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob a coordenação das professoras Norma Almeida e Zenaide Carneiro. Inicialmente, as atividades do projeto centraram-se na formação de corpora gravados em comunidades rurais da região semiárida baiana. A gravação desse material começou em 1996 e estendeu-se até o ano de 2001, tendo sido contempladas comunidades localizadas em diferentes regiões sertanejas da Bahia (Araujo; Almeida, 2014, p. 26).

O material coletado pelo projeto para a formação desse *corpus*, foi adquirido através de gravações de entrevistas que foram transcritas e possuem versão digital no formato PDF. O *corpus* é formado por quatro volumes que, ao total, somam-se 72 entrevistas gravadas em algumas comunidades do semiárido e foi constituído entre os anos de 1994 a 2002.

O primeiro volume foi gravado na zona rural de Anselino da Fonseca, também conhecida como Caém, localizada no Piemonte da Diamantina, e possui doze inquéritos que foram obtidos na localidade de Piabas. As gravações foram realizadas entre os anos de 1994 a 1996.

Os informantes têm no máximo quatro anos de escolarização. Os inf. 01 e 04 têm 3ª e 4ª série primárias respectivamente, enquanto que todos os demais ou são totalmente analfabetos ou estão no grupo comumente caracterizado como analfabetos funcionais (aquelas pessoas que apenas desenham o próprio nome). São três as faixas etárias: Faixa 1 (2040); Faixa 2 (4060) e a Faixa 3 (acima de 60 anos), sendo que em cada faixa há sempre dois homens e duas mulheres (Almeida; Carneiro, 2008).

O território de Caém pertencia à Jacobina e só se desmembrou, tornando-se município, em 1963. Antes desse movimento, toda aquela região era conhecida como Sertão das Jacobinas e essa área foi ocupada pelos indígenas denominados Tapuias. Conforme Santos (2011), no século XVII eram identificados como Tapuias os indígenas das etnias “Payayá, Sapoiá, Tocós, Moritises, Maracás, Secaquerinhens, Cacherinhens, Caimbés, Pankararu, Ocren, Oris, Tamaguins, Araquenas, Anaiós, Topins. Desses “tapuia” das Jacobinas, um dos mais cuidadosamente descritos pelos documentos coloniais foram os Payayá” (Santos, 2011, p. 37-38).

O segundo volume foi constituído na zona rural de Rio de Contas, que fica localizada na Chapada Diamantina. As vinte e quatro entrevistas foram gravadas nas localidades de Bananal/Barra dos Negros e Mato Grosso. Essas localidades ficam em áreas que antes eram de mineração. A primeira, Bananal/Barra dos Negros, na verdade, são duas comunidades, mas que possuem relação muito próxima uma com a outra, por isso são apresentadas juntas. Essas comunidades são formadas a partir de antigos quilombos. Já a localidade de Mato Grosso é formada por descendentes diretos dos portugueses. Sobre o perfil dos informantes das duas comunidades, Almeida e Carneiro (2008) inferem que

Foram realizadas doze entrevistas em Bananal/Barra dos Negros e doze em Mato Grosso. Usando-se a metodologia laboviana, foram gravados inquéritos com seis homens e seis mulheres. Foram três as faixas etárias: Faixa 1: 1838 anos; Faixa 2: 3958 e Faixa 3 a partir de 59. A variável escolaridade foi determinada pelas condições locais, assim os informantes ou não possuem nenhuma escolaridade ou têm no máximo a 5ª série do ensino fundamental (Almeida; Carneiro, 2008).

As comunidades de Bananal e Barra dos Negros, que no trabalho são apresentadas como uma comunidade só, de acordo com Almeida (2005), são remanescentes de quilombos. As

comunidades formadas, majoritariamente, por negros são bastante pobres e com um nível de escolarização muito baixo. Conforme outros estudos realizados por Vasconcelos e Filho (2001), não há documentos que comprovem que essas comunidades são descendentes de escravos fugidos. As localidades sobrevivem a partir da agricultura de subsistência, ou seja, se alimentam daquilo que produzem.

A comunidade de Mato Grosso, segundo Almeida (2005), é mais antiga do que a sede do município de Rio de Contas e surgiu a partir de uma ordem feita por D. João V a Luiz de Siqueira da Gama, para que avaliasse como era desenvolvido o trabalho nas minas de ouro e para que ele escolhesse um lugar para a criação de uma nova vila. O povoado foi formado por duas grandes famílias, os Mafras e Freires. Sobre os Mafras se sabe que são descendentes de portugueses, já sobre os Freires não se têm informações sobre sua descendência. O povoado fica a 1.450 metros acima do nível do mar e também sobrevive da agricultura, mas além de usarem para subsistência, também plantam para vender.

Segundo estudos realizados por Matos (2021) houve presença indígena nessa região, principalmente na época em que os jesuítas fundaram a igreja de Nossa Senhora do Livramento (que dava nome a essa região antes de ser denominada Rio de Contas), e que até os dias atuais existem descendentes dos povos originários em busca de reconhecimento étnico. O grupo de moradores que buscam o reconhecimento são residentes da Rua da Panelada e, segundo eles, possuem laços étnicos de matrizes africanas e indígenas, sobretudo de origem indígena, que é a identidade que eles mais buscam explorar, e desejam ser reconhecidos como Povo Kariri da Panelada.

O primeiro destes laços é representado por seus corpos e alguns costumes que sinalizam a presença de uma etnicidade africana, fruto de um contato multiétnico. O segundo é o sentimento de pertencimento pessoal à etnicidade indígena, que parece ser mais explorada, mas nada os impede de negociar ambas as identidades (Matos, 2021, p. 81).

O terceiro volume foi gravado na zona rural de Feira de Santana, mais especificamente no povoado da Matinha que, segundo relatos dos moradores, o povoado se originou a partir de um quilombo, assim como aconteceu com Bananal e Barra dos Negros em Rio de Contas. Os moradores do distrito da Matinha possuem uma relação bem próxima com a cidade, pois os jovens saem de lá para estudar nas escolas que ficam na cidade e os produtores também vão à cidade comercializar seus produtos na feira.

O processo de constituição de um corpus em áreas rurais apresenta especificações que são próprias de cada localidade. A questão da escolaridade é um exemplo. Assim como não foi possível encontrar pessoas idosas com mais de três anos de escolariza-

ção, houve dificuldades em se encontrar jovens analfabetos. Desta forma, a distribuição da amostra, com informantes com no máximo 5 anos de escolarização, foi feita em três faixas etárias: Faixa 1: 1838 anos; Faixa 2: 3958 e Faixa 3: a partir de 59 (Almeida; Carneiro, 2008).

No povoado da Matinha existem algumas escolas de ensino fundamental, mas quando os estudantes passam para o ensino médio, vão estudar no centro de Feira de Santana, mantendo, assim, uma relação de contato estreito com a zona urbana. Antes era um povoado do distrito de Maria Quitéria, porém a partir de 2008 passou a ser distrito de Feira de Santana e abriga mais 15 povoados. No ano de 2016, foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares como comunidade Quilombola Matinha dos Pretos (Wikiwand, 2024).

Há relatos que afirmam que, antes da chegada dos europeus e dos africanos escravizados ao território que se constitui a cidade de Feira de Santana, houve a presença de indígenas da etnia Payayá¹² na região do distrito de Maria Quitéria. Almeida e Jesus (2016) inferem que, por esses povos possuírem uma característica nômade, eles não se fixaram no território a ponto de possuírem organização suficiente para resistirem à chegada e tomada de território dos portugueses. Com isso, muitos fugiram e àqueles que ficaram, maioria mulheres, se casaram com portugueses e, assim, deixaram alguns descendentes do povo Payayá naquela região. Por conta disso, é possível perceber que “a história do distrito de Maria Quitéria e da cidade de Feira de Santana pouco vincula a importância desse povo para o seu desenvolvimento provocando, assim, um desconhecimento que empobrece a construção de uma identidade local que reconheça os Payayá como parte da formação do distrito e sua sede” (Almeida e Jesus, 2016, p. 02).

O quarto volume foi gravado na zona rural de Jeremoabo, nas localidades de Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio. Essas comunidades possuem características diferentes uma da outra. A comunidade de Casinhas é formada por predominância e descendência dos negros, Tapera é formada por descendência indígena e Lagoa do Inácio por mestiços de brancos. Formando-se, assim, comunidades ricas em termos de diversidade linguística.

Na distribuição por faixa etária, optamos pela eleição de faixas descontínuas, com intervalo de 10 anos entre as mesmas, pois tal distância permite a melhor visualização das células etárias correspondentes aos jovens (faixa 1: 1525), medianos (faixa 2: 3545) e idosos (faixa 3: 5565). Os informantes foram escolhidos por serem pessoas nascidas nas comunidades e que não haviam passado mais de dois anos fora da mesma. Em sua maioria, eram pessoas economicamente humildes, mas todos possuíam rádio em casa e, salvo raras exceções, um televisor. Esses mantinham um restrito contato com esse meio de comunicação, pois só tinham acesso por intermédio da casa vizinha (Almeida; Carneiro, 2008).

¹² Etnia pertencente à família linguística Kariri, do tronco Macro-jê.

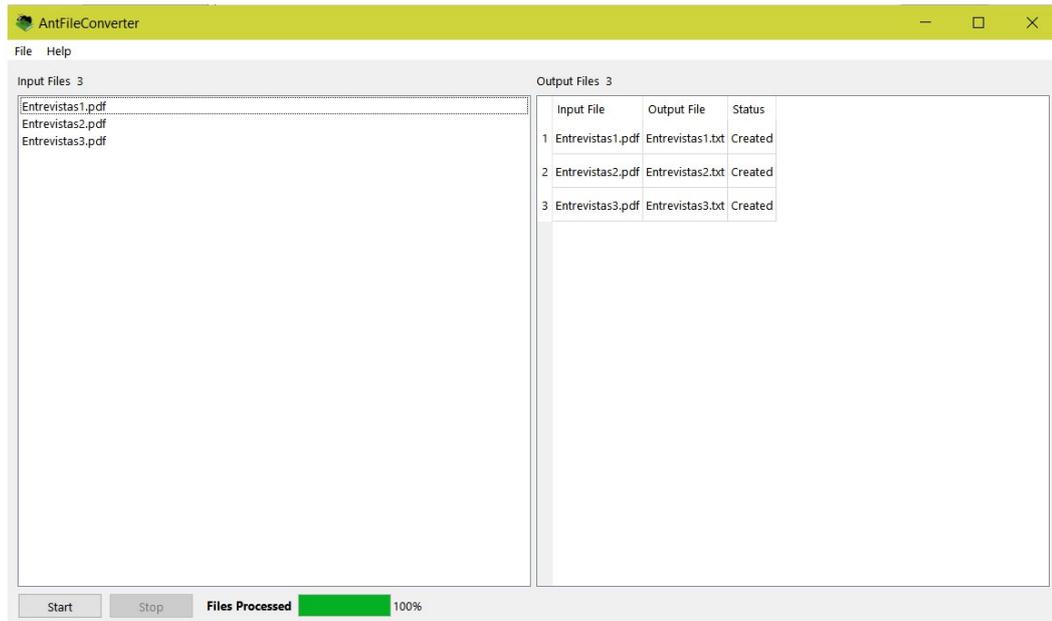
Antes de obter essa denominação, a cidade era uma freguesia chamada São João Batista de Jeremoabo do Sertão de Cima, depois, no ano de 1831, passou a denominar-se Vila de São João Batista de Jeremoabo e tempos depois se tornou município chamado apenas de Jeremoabo, que é uma palavra de origem indígena que significa “plantação de abóboras”, pois na região havia uma grande cultura desse tipo de plantação, cultura essa herdada dos povos indígenas que habitaram o território. Segundo o IBGE, a região da cidade de Jeremoabo era, primitivamente, habitada por povos indígenas das etnias tupinambás Muongurus e Cariacás.

4.2 PERCURSO METODOLÓGICO

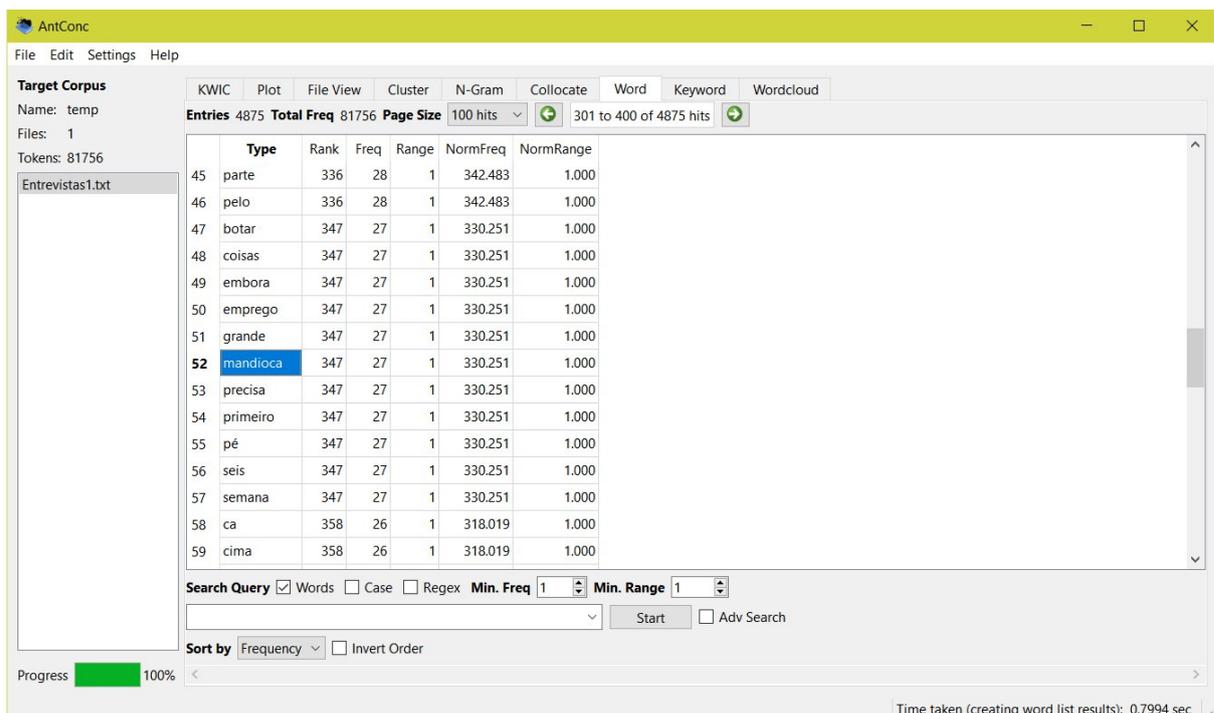
O *corpus* utilizado para análise possui formato PDF e está organizado em quatro volumes que, no total, somam-se 72 entrevistas gravadas nas localidades já citadas anteriormente. Para a realização desta pesquisa foram utilizados os quatro volumes com o intuito de encontrar a maior quantidade de lexias possível, diante dos dados que temos disponíveis.

Para fazer a seleção das lexias que seriam analisadas, foi utilizado o programa computacional *AntConc*. Antes de passar as entrevistas para o programa fazer a lista de palavras, foi necessário converter todos os arquivos das entrevistas para o formato *txt*, pois o programa só faz a leitura se estiver nesse formato. Para fazer essa conversão, foi utilizado o programa *AntFile Converter*, que é do mesmo criador do *AntConc*.

Figura 3 – Conversão dos arquivos em *txt* no *AntFile Converter*

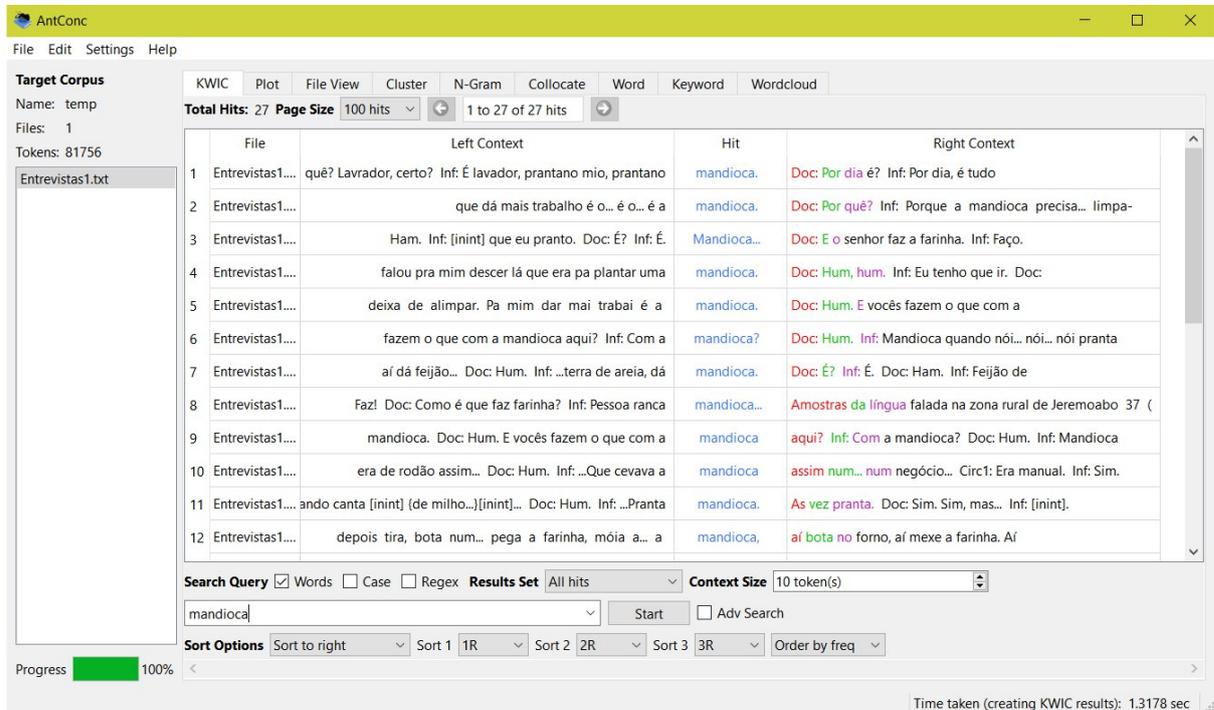
Fonte: *AntFile Converter*

Após esse processo, as entrevistas, já no formato *txt*, foram passadas para o programa *AntConc* uma a uma, separadamente, para serem geradas as listas de palavras na ferramenta *word*. A partir das listas de palavras geradas pelo programa é que foram selecionadas – com base em conhecimentos prévios sobre as línguas indígenas e com o auxílio dos textos de teóricos da área – as lexias utilizadas para análise.

Figura 4 – Lista de palavras no *AntConc*Fonte: *AntConc*

Após separar as lexias para análise, selecionamos palavra por palavra para observarmos suas ocorrências nas entrevistas, utilizando a ferramenta *KWIC*.

Figura 5 – Utilização da ferramenta *KWIC* no *AntConc*

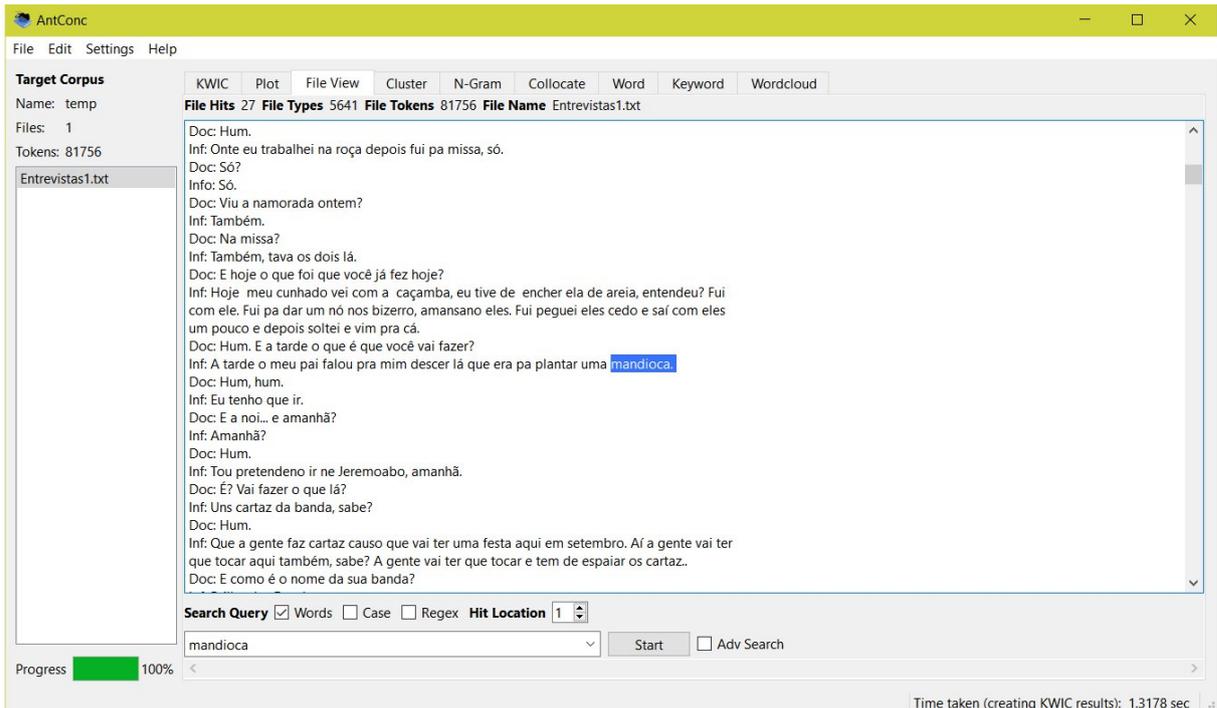


Fonte: *AntConc*

Passado todo esse processo, começamos a realmente analisar os contextos de usos das lexias, através da ferramenta *File View* e se os significados desses usos apresentados pelos informantes, eram os mesmos propostos pelos dicionários que foram utilizados para análise: o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, de Aurélio (1986), o “Aulete Digital”, o “Dicionário Tupi (antigo) – Português”, de Carvalho (1987), o “Dicionário Tupi Antigo”, de Navarro (2013) e o texto “Notas Sobre o Sistema de Parentesco dos Índios Kiriri”¹³, de Rodrigues (1948).

Figura 6 – Ferramenta *File View* no *AntConc*

¹³ Os indígenas Kiriris habitavam áreas mais distantes do litoral. Conforme Cunha e Souza (2011, p. 46) os Kiriris “possuíam culturas e falavam línguas muito diferentes daquelas existentes na costa, fatores fundamentais para o propósito português de transformar os indígenas em objetos de seus interesses mercantilistas. Como estratégia de dominação, os colonizadores denominaram tais povos de tapuia, por não serem falantes de línguas Tupi, criando, de antemão, uma divisão linguística entre os próprios índios, favorecendo a marcha colonial para o interior”.



Fonte: *AntConc*

Analizamos todas as lexias selecionadas e após as investigações nos dicionários citados anteriormente e sendo atestada que o contexto de uso da lexia no *corpus* possui o mesmo significado apresentado pelos dicionários, verificamos também nessas obras consultadas a origem dessas lexias, atestando-se que possuem origem indígena, que é o que buscamos, conclui-se esse processo de análise. Com isso, algumas lexias foram levadas adiante, pois correspondem ao que buscamos, e outras foram descartadas. Essa etapa de análise das lexias é importante tanto para chegarmos ao resultado que buscamos, quanto para conhecermos mais sobre a cultura dessas comunidades e desses participantes.

Em vista de tudo o que foi apresentado até aqui, constata-se o que propõe a linguística de *corpus* que

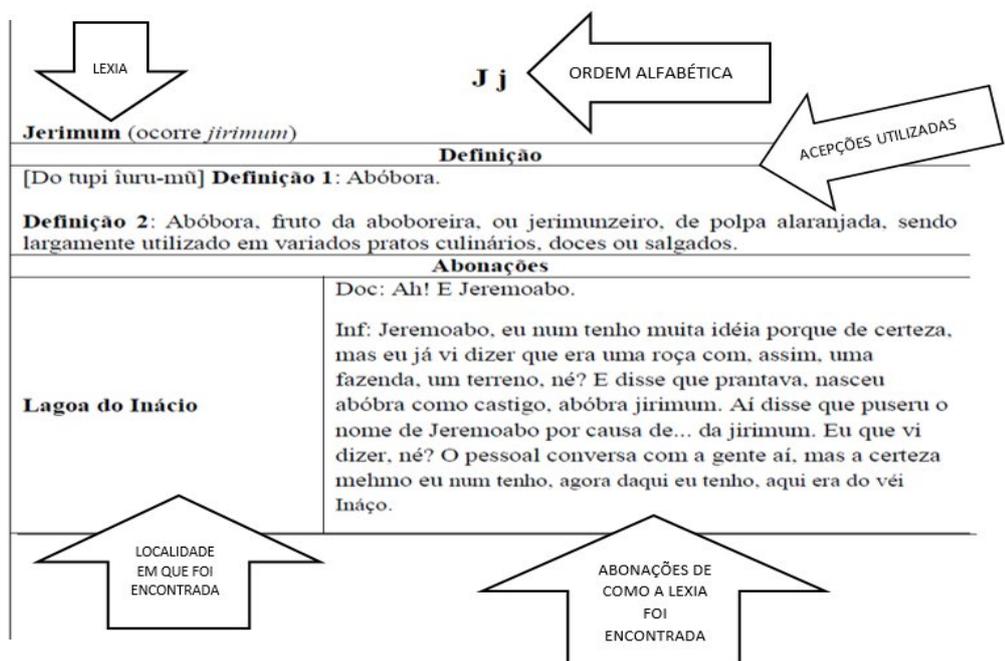
A história da Linguística de Corpus está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de corpora, mas também a sua exploração. Por isso, a história da área está relacionada à disponibilidade de ferramentas computacionais para análise de corpus. [...] Na sua essência, um corpus, seja de que tipo for, é tido como representativo da linguagem, de um idioma, ou de uma variedade dele (Sardinha, 2000, p. 334 e 342).

O próximo passo após selecionar as lexias que são importantes para os objetivos desse trabalho e que farão parte do dicionário Lexiss, que será produto dessa pesquisa, é apresentá-las em fichas lexicográficas. As fichas lexicográficas que, em sua macroestrutura, serão organizadas em ordem alfabética, o que se identifica logo na primeira linha, e na microestrutura teremos a classe de palavras a que pertence a lexia, suas acepções, que são os significados en-

contrados nos dicionários e o significado empregado pelo informante, e as abonações que é a forma como se encontra nos inquéritos.

Como foi possível observar diante da apresentação da metodologia utilizada, percebe-se que utilizamos aqui o processo semasiológico, ou seja, partimos da lexia para chegar aos seus significados, observando se os usos estão em concordância com as acepções e se surgiu alguma nova acepção.

Figura 7 – Modelo da ficha lexicográfica



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Vale ressaltar que o material analisado não foi coletado com vistas a estudo lexicográfico, o que pode ter colaborado para um número não muito grande de lexias, como veremos em seguida, na análise.

5 APRESENTAÇÃO DO LÉXICO DE ORIGEM INDÍGENA EM COMUNIDADES DO SEMIÁRIDO BAIANO

Nesta seção serão apresentados, por comunidade, os dados coletados no *corpus* em fichas lexicográficas, como foi demonstrado no modelo da seção anterior. Após esta seção, serão apresentadas as análises detalhadas de cada lexia apresentada nas fichas.

5.1 AMOSTRA DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE ANSELINO DA FONSECA (VOLUME I)

A a

| Aipim | |
|---|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>áipî</i> (Navarro, 2013, p.17) e (Carvalho, 1987, p. 22)] Planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot esculenta</i>), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa e como ração animal. MANDIOCA. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | <p>Informante: sexo feminino, 30 anos</p> <p>Doc 1: Deve ficar gostoso, né não? E o <i>aipim</i>, tem <i>aipim</i> e tem a mandioca?</p> <p>Inf: Tem o <i>aipim</i> e tem a mandioca.</p> <p>Doc 1: A mandioca num pode comer... comer cozinhada, não, né?</p> <p>Inf: Se comer embebeda.</p> |

B b

| Baraúna | |
|---|---|
| Definição | |
| [Do tupi <i>ybyraúna</i> (Navarro, 2013, p.523)] Árvore leguminosa de grande porte, cuja madeira duríssima é muito apreciada em construções (<i>Melanoxylon brauna</i> , Schott.). Também lhe chamam <i>braúna</i> , <i>graúna</i> . | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 53 anos</p> <p>Inf: Compade meu lá ne <i>Baraúna</i> diz: “vamo fazer compade, se Deus num quer não, num chegar pra nós não.” Chega ! Aí eu ia ter reunião, saia daqui pa <i>Baraúna</i>...</p> <p>Doc 1: Hum.</p> <p>Inf: ...que daqui lá em <i>Baraúna</i> é longe.</p> <p>Doc 1: Hum.</p> <p>Inf: Vez eu ia de a pé, outa vez tinha animal, eu ia montado no animal.</p> |

| Beiju | |
|---|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>mbeïu</i> (Navarro, 2013, p.270) e (Carvalho, 1987, p. 178)] s.m. bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | <p><i>Informante: sexo feminino, 30 anos</i></p> <p>Doc 1: É. Eu taha convesano com um senhor ali, antigamente ele mehmo fazia farinha e tinha farinha, né?</p> <p>Inf: É... fazia o beiju, ali a gente enganava os fio... hoje em dia as mulher tão tudo... [Óh ferveno, a água... tá tudo os pouco].</p> <p>Doc 1: Hum, hum. Num pode, até farinha tem que comprar.</p> <p>Inf: É. Pa comprar um saco de farinha de vinte e tantos reais. É duro viu...</p> |

C c

| Cajazeira | |
|--|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>akaïá</i> (Navarro, 2013, p.21) e (Carvalho, 1987, p.24)] s.f. Árvore da família das anacardiáceas (<i>Spondias lutea</i>), muito frequente nas várzeas e nas matas de terra firme argilosa do Amazonas. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | <p><i>Informante: sexo feminino, 28 anos</i></p> <p>Doc 1: Sabe a história?</p> <p>Inf: É quando... /a história que eu sei disso aqui?</p> <p>Doc 1: Hum.</p> <p>Inf: É que aqui era um... as casas era bem poquinha, né? Diz que tinha poucas casa, a feira era debaixo de... de... d'um pé de... de cajazeira.</p> <p>Doc 1: Hum.</p> |

| Cutia | |
|--|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>akuti</i> (Navarro, 2013, p.27) e (Carvalho, 1987, p.27)] s.f. Nome comum dado aos | |

roedores do gênero *Dasyprocta*, da família dos dasiproctídeos, com até 60 cm de comprimento, cauda e pêlos muito curtos.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 73 anos</p> <p>Doc 1: E como é que era? Inf: As caça? Era peba, tatu, [inint] <i>cutia</i>, gangôlha, préa é o que tinha na região, né? teiú, mas tinha demais. Eu panhava uma cachorra aqui [inint] ela quando vortava capanguinha [inint] [rindo]. Era. Doc 2: E a carne é boa? Inf: Viche Nossa Senhora! Ainda ontem o rapaz tava vende-no um aí, um peba, o senhor conhece teiú?</p> |

J j

Jacutinga

Definição

[Do tupi *iakutinga* (Navarro, 2013, p.157) e (Carvalho, 1987, p.130)] s.f. Ave florestal da família dos cracídeos (*Pipile jacutinga*), de plumagem negra, com o topo da cabeça e asas brancas, coloração azul na base do bico e em torno dos olhos, pés e pernas rosados e com barbela vermelha bem evidente; é uma espécie rara, ameaçada de extinção, privativa da Mata Atlântica.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 28 anos</p> <p>Inf: Nunca faltou comida na sua casa? Circ 1: Graças a Deus não. Inf: O senhor compra arroz, compra feijão, compra de tudo, tudo o senhor tem ni sua casa pra comer, num é isso? E antigamente o senhor comia um pedaço de carne de bode véi, assado aí no fogo de lenha do <i>jacutinga</i>, não é? Fumaçado danado. Circ 1: É, mas eu... esse tempo que eu criava... Inf: Criava, mas o senhor... rapaz, criava, mas o senhor matava um bode era de mês em mês, num era não? Circ 1: Que mês e mês! Eu passava um...</p> |

Juazeiro

Definição

[Do tupi *îuá* (Navarro, 2013, p.195) e (Carvalho, 1987, p.144)] s.m. Árvore alta e copada, da família das ramnáceas (*Zizyphus joazeiro*), característica da caatinga nordestina, de folhas trinérveas, flores pequeninas em cachos globosos, frutos amarelos e comestíveis. Também conhecido como juá.

Comunidade / Abonações

Piabas

Informante: sexo masculino, 52 anos

OCORRÊNCIA 1:

Circ 1: Quando acha, né todo mundo não.

Inf: Agora, num tou veno ninguém. Até água chega no tempo desse assim no verão... era tempo da gente tá roçano, destocano, num era?

Circ 1: Pelo menos na minha região, aí...

Inf: Prevenino uma terra, uma coisa, pra quando chover. Mas hoje, quem tem um pé de *juazeiro*, uma moita de paia é melhor do que ter um bicho pra dá de comer, tem que derrubar

pra poder de... dá... se não... aí no pasto pra num morrer tudo. É pior. Então o povo pararu de estocar aqui nessa região [inint].

Circ 1: Um [inint] de mato.

Informante: sexo feminino, 30 anos

OCORRÊNCIA 2:

Doc: Ah! Romaria, né? Como é essas romaria?

Inf: Como? Igual a Bom Jesus da Lapa, outros diz que é o *Juazeiro* do Norte também.

Doc: Hum. A senhora foi assim pagano alguma graça de... de promessa, não?

Inf: Não, num foi promessa não, que mehmo ia, o povo ia e dizia e chamava: “vamo ir oiar”. Eu disse: “vamo pra ver se melhora as coisa” [inint].

Doc: Sei...

Juriti

Definição

[Do tupi *îuriti* (Navarro, 2013, p.200) e (Carvalho, 1987, p.140)] s.f. Designação comum a várias espécies de aves columbiformes, da família dos columbídeos, gêneros *Leptoptila* Sw.

e Oreopeleia Reich., distribuídas por todo o Brasil, de coloração geral parda, com tons avermelhados, oliváceos ou brancacentos.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|---|
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 52 anos</p> <p>Doc 1: E quando tinha caça aqui dava o quê? Inf: Aqui dava de tudo, teiú, é:: peba, tatu, gambá, gato do mato, codorna, nambu, juriti, perdiz. Tudo a gente matava assim dentro da capueira assim. Mas hoje cabou tudo, que deu muita gente, tudo... todo mundo fraco... Tem gente ainda mais que nada até o rio nessas capueira mehmo caçano, num sei o que é que acha... Doc 1: E o senhor já caçou? Inf: Já! Eu fui caçador.</p> |

L l

| Licuri | |
|---|---|
| Definição | |
| <p>[Do tupi <i>urukuri</i> (Navarro, 2013, p.502) e (Carvalho, 1987, p.305)] s.m. Planta da família das palmeiras (<i>Cocos coronata</i>), de drupas comestíveis, cuja medula fornece fécula e cuja semente fornece óleo alimentar. Também conhecido como Ouricuri e Aricuri.</p> | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 53 anos</p> <p>Doc 1: A feira daqui já foi boa? Inf: Já foi boa. Antigamente os depóso aí era cheio... Doc 1: Hum. Inf: ...de mamona, licuri, naquele tempo que o depóso enchia, que eles botava a balança aí no mêi da rua, pra comprar aí no mêi da rua aí óh... Doc 1: Hum. Inf: ...porque os depóso já tava lotado. Doc 1: Hum, hum. Inf: Mais de certos tempo pra cá, nem mamona, nem licuri, nem nada.</p> |

M m

| Manaíba | |
|---|---|
| Definição | |
| [Do tupi <i>mandi'yba</i> (Navarro, 2013, p.258)] s.f. Tolete do caule do aipim ou da mandioca, cortado para plantio; muda de aipim ou de mandioca. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | Informante: sexo feminino, 70 anos |
| | Doc: <i>Manaíba</i> é o que dona? |
| | Inf: Mandioca. |
| | Doc: Ah é outro tipo de mandioca. |
| | Inf: É que a gente tira, ranca a mandioca e tira aqueles pa... pra plantar de novo. |
| | Doc: Ah, sim. |
| | Inf: Nascer outra mandioca. |
| | Doc: Ah, é o que usa pra plantar, né? |
| Inf: É, o aqui usa pra plantar. Num tem. | |

| Mandacaru | |
|---|---|
| Definição | |
| [Do tupi <i>îamakarú</i> (Navarro, 2013, p.157) e (Carvalho, 1987, p.130)] s.m. Cacto (<i>Cereus jamacaru</i>) nativo do Brasil, de porte arbóreo, ramificado, com flores grandes que se abrem à noite, típico da caatinga, onde serve de alimento ao gado, e também cultivado como ornamental e por propriedades terapêuticas. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | Informante: sexo masculino, 73 anos |
| | Doc 2: E <i>mandacaru</i> e palma? |
| | Inf: <i>Mandacaru</i> escapou, a parma acabou. Não era todo mundo que usava a parma aqui; quem tinha uma mangueira de parma logo logo passou a mão, cabouse. E <i>mandacaru</i> com essa propriedade que fizeram aqui, né, nunca morreu um bicho de fome porque tinha muito <i>mandacaru</i> , mas depois que passou esse pedaço de arame acabou tudo cabaru com tudo [inint] morreu todo, né? Capim, cabou. Num tinha outro refúgio tinha que morrer tudo, né? |

| Mandioca | |
|--|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>mandi'oka</i> (Navarro, 2013, p.256) e (Carvalho, 1987, p.170)] s.f. Planta lactescen- | |

te, da fam. das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|---|
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 28 anos</p> <p>Doc 1: É interessante esse negócio da mandioca, viu?! Quer dizer que o senhor trabalhava na casa de farinha aqui perto?!</p> <p>Inf: Era ali, aqui pa frente.</p> <p>Doc 1: É. Você fazia farinha pra vender pra fora?</p> <p>Inf: Fazia aí pa vender aí vizinha</p> <p>Doc 1: Era quanto assim, mais ou menos, assim a saca? Saía muita farinha assim?</p> <p>Inf: Saía!</p> |

Maniva

Definição

[Do tupi *mani'yba* (Navarro, 2013, p.258) e (Carvalho, 1987, p.171)] s.f. O mesmo que mandioca.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Piabas | <p>Informante: sexo feminino, 40 anos</p> <p>Doc 1: Mas é:: a maniva é o que planta, né?</p> <p>Inf: É. A maniva que a gente pranta. Mas a gente só planta maniva se a terra tiver molhada, se a terra tiver seca, como é que planta, poque não adianta.</p> <p>Doc 1: Não adianta.</p> <p>Inf: Poque ela num nasce.</p> <p>Doc 1: E se a maniva tá morrendo, num... num tem o que plantar também.</p> <p>Inf: É.</p> |

P p

| Definição | |
|--|---|
| [Do tupi <i>paranã</i> (Navarro, 2013, p.372) e (Carvalho, 1987, p.246)] s.m. Braço de rio caudaloso, separado deste por uma ilha. Canal que liga dois rios. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 73 anos</p> <p>Inf: É, dessa cobra apareceu, vem de [inint]. Circ: As vez, segundo aí vem das enchente [inint]. Inf: Vem do Paraná desse mundo, ela vem. Doc 2: Vem desse lu...do Paraná? Inf: Vem, vem. As bichinhas anda tomém, as bichinhas anda tomém. Os passos nosso d'aqui, negócio de cutia, essas coisa né, não mora mais aqui. Tão tudo friviano, vão embora e afinal num vem mais...</p> |

| Peba | |
|--|---|
| Definição | |
| [Do tupi <i>peba</i> (Navarro, 2013, p.376) e (Carvalho, 1987, p.248)] s.m. Alongado, achatado. Tatu amarronzado e de pelos esparsos na carapaça (<i>Euphractus sexcinctus</i>). Indivíduo dos pebas, tribo indígena habitante do N. do alto rio Amazonas. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 73 anos</p> <p>Doc 1: E como é que era? Inf: As caça? Era peba, tatu, [inint] cutia, gangôlha, préa é o que tinha na região, né? teiú, mas tinha demais. Eu panhava uma cachorra aqui [inint] ela quando vortava capanguinha [inint] [rindo]. Era. Doc 2: E a carne é boa? Inf: Viche Nossa Senhora! Ainda ontem o rapaz tava vendendo um aí, um peba, o senhor conhece teiú? Circ: Eu vi uma vez. Inf: Oi, um peba, eu vou lhe dizer, um peba dest'tamim aqui assim, pedino dois e quinhentos eu só não dei porque não tava com os dois e quinhento, mas tinha dado. Eu podia medir dois dedo de toicim assim.[riu]. Doc 2: Dois e quinhento o quê? Inf: O peba. Dois milhão e quiento.</p> |

| Piaba | |
|------------------|--|
| Definição | |

[Do tupi *piaba* (Navarro, 2013, p.381) e (Carvalho, 1987, p.251)] s.f. Denominação dada a algumas espécies de peixes de rio, da família dos anostomídeos, espécie dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*, de boca pequena, que se alimentam de matéria vegetal e de detritos orgânicos.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Piabas | <p>OCORRÊNCIA 1: Informante: sexo masculino, 52 anos</p> <p>Doc 1: Ah! Tem que ir pro meio mesmo? Inf: Mas... É... mas quem põe na... na ruela não põe mais nada. Tá difícil... Doc 1: Que eu conversei com a moça ali, ela disse que tinha muita. Ainda tinha alguma coisinha pra comer porque pegava umas <i>piaba</i>...</p> <p>OCORRÊNCIA 2: Informante: sexo feminino, 40 anos</p> <p>Doc 1: E... e... vem médico aí pro posto, tem posto aqui perto, tem na <i>Piaba</i>, né? Inf: Tem. Tem esse... esse hospitá... esse hospital aí, quando a gente quer ir... quer ir fazer... vai po hospital daí... Doc 1: Hum. Inf: ...pa fazer consurta. Mas aqui, aqui nas <i>Piaba</i>, eu num sei se tem... num sei se tem com'ê? como vou dizer:: posto não, qu'eu nunca... qu'eu nunca pendi pular daí. Eu num vou dizer. Doc 1: Hum.</p> |

T t

Definição

[Do tupi *tatu* (Navarro, 2013, p.467) e (Carvalho, 1987, p.289)] s.m. Denominação comum aos mamíferos, da fam. dos dasipodídeos, cujo corpo é coberto por uma forte carapaça de placas articuladas, vivem em galerias subterrâneas.

Comunidade / Abonações

| | |
|--------|--|
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 79 anos</p> <p>Doc: Tinha outros bicho assim, caça seu M.?</p> <p>Inf: Caça, tinha muita, tinha preá, tinha preá, tinha <i>tatu</i>, tinha peba, passarim. Deixa eu mostrar...</p> <p>Doc: Mas o senhor caçou, chegou a caça? Caçava?</p> <p>Inf: Cansei de caça, cansei de caçar, matar preá.</p> |
|--------|--|

Teiú

Definição

[Do tupi *teiu* (Navarro, 2013, p.470) e (Carvalho, 1987, p.290)] s.m. Lagarto terrestre da família dos teiídeos (*Tupinambis teguixin*), com corpo de 50 cm de comprimento, de coloração cinzenta manchada de preto com fitas transversais amarelo-escuro, vive em tocas e é onívoro; encontrado do Norte do Brasil ao norte da Argentina.

Comunidade / Abonações

| | |
|--------|---|
| Piabas | <p>Informante: sexo masculino, 28 anos</p> <p>Doc 1: E em relação assim a... a bicho, já que você mora aqui desde pequeno, né? Esses bichos assim de mato, de caça, como é que é aqui na região?</p> <p>Inf: Esses aí de negócio de caça, eu tou até pa lhe dizer que nem existe mais por aqui, porque de premeiro tinha muito passo, tinha péba, tinha <i>teiú</i>.</p> |
|--------|---|

| Abaré | |
|---|---|
| Definição | |
| [Do tupi <i>abaré</i> (Navarro, 2013, p.8) e (Carvalho, 1987, p.244)] s.m. Missionário ou padre cristão, entre os indígenas brasileiros. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Bananal/Barra dos Negros | <p>Informante: sexo feminino, 49 anos</p> <p>Inf: Mas, eu acho que é porque ele tava quereno ganhar tra'vez, né? E o povo viu ele be... beber água, todo mundo votou nele, devido ele ter... ser tão bom na primeira vez. Mas, agora, ele num tá valeno de nada não. Inté esse mehmo, esse homem aí que é meu marido aí, às vez nem tinha gasolina, que às vez tem hora que num tem nem gasolina pra colecar no carro, né? Às vez chega no posto, bota a gasolina fiado, que nem casião de eleição, às vez o povo vai pa votar, se uma pessoa pede pa levar no Rio da Caixa ou no tipo assim no... no Rio de Conta mehmo, ali no lugar que chama "Taman-duá", que tem muita foi Abaré no Mato Grosso. Tinha vez que ele corria, chegava aqui uma hora da manhã, duas hora da manhã, proque já tava cansado, num güentava viajar mais, né! Inté hoje ele tá sem receber um centavo.</p> <p>Doc 1: É mesmo?</p> |
| Aipim | |
| Definição | |
| [Do tupi <i>aîpi</i> (Navarro, 2013, p.17) e (Carvalho, 1987, p. 22)] s.m. Planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot esculenta</i>), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa e como ração animal. MAN-DIOCA. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Bananal/Barra dos Negros | <p>Informante: sexo feminino, 60 anos</p> <p>Doc 2: Diz que a mandioca a única que pode comer [inint].</p> <p>Inf: Por que uma é mandioca braba mehmo e outa a gente chama ela de aipim, aqui pra nós é aipim. Agora pra lá que não tem a mandioca braba tudo é mandioca mansa, né?</p> <p>Circ: Macaxeira...</p> <p>Inf: É.</p> |
| Araponga | |
| Definição | |
| [Do tupi <i>gûyraponga</i> (Navarro, 2013, p.140) e (Carvalho, 1987, p.111)] s.f. Ave passeri- | |

forme da família dos cotingídeos (*Procnias nudicollis*), do Brasil médio-oriental e estem-ridional. Cujos canto forte e estridente faz lembrar batidas de martelo numa bigorna.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|---|
| Mato Grosso | <p>Informante: sexo masculino, 17 anos</p> <p>Doc 1: É. Como é o nome desse bichinho aí que tá gritando lá?</p> <p>Doc 2: É passarinho é?</p> <p>Inf: É.</p> <p>Doc 1: Não ele fala: tou fraco, tou fraco.</p> <p>Inf: [rindo]. Não sei se é sabiá ou <i>araponga</i>, coisa assim.</p> <p>Doc 1: Eu pensei que fosse pato.</p> <p>Inf: Não.</p> |

B b

| Beiju | |
|---|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>mbeïu</i> (Navarro, 2013, p.270) e (Carvalho, 1987, p. 178)] s.m. Bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Bananal/Barra dos Negros | <p>Informante: sexo feminino, 48 anos</p> <p>Doc 1: Não roda depois não?</p> <p>Inf: Aquela massa... aquela massa já vem no jeito certo de fazer <i>beiju</i>.</p> <p>Doc 1: De fazer o <i>beiju</i>?</p> <p>Inf: É sim. Aí agora, a gente cessa e faz os <i>beiju</i>.</p> <p>Doc 1: Mas, tem que saber a conta certa, né?</p> <p>Inf: É. Tem. A massa nem... nem muito seca, nem muito assim aguada também. Se ficar, assim aguada, o <i>beiju</i> não sai bom. Tem que ter uma dosagem boa.</p> <p>Doc 1: Ah! E a tapioca, a senhora sabe fazer?</p> <p>Inf: Ah, sei! A tapioca...</p> |
| Mato Grosso | <p>Informante: sexo masculino, 50 anos</p> <p>Doc 2: E o <i>beiju</i>, o que é o <i>beiju</i>?</p> <p>Inf: Ah, moço, o <i>beiju</i> é da mesma massa da farinha, é da mesma massa. Faz no forno. Faz assim numa caçarola den' de casa. No fogão e faz no forno também. A gente bota ele aqui assim na laje quente e solta um pouquinho a massa, aí agora</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>demora uma hora e tá bom, já tá pronto. E vira pra o outro lado, negócio de meia hora a gente vira ele assim. A gente vira, aí passano negócio de uma hora tá bom, pode comer.</p> <p>Doc 1: Hum. E sua alimentação, o senhor come tudo, por causa da pressão?</p> <p>Inf: Como, minha senhora. [inint].</p> |
|--|---|

M m

Macaxeira

Definição

[Do tupi *makaxera* (Navarro, 2013, p.254) e (Carvalho, 1987, p.170)] s.f. Planta lactescente, da família das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usadas para fazer farinha de mesa e como ração animal. MANDIOCA.

Comunidade / Abonações

| | |
|--------------------------|--|
| | <p>Informante: sexo feminino, 60 anos</p> |
| Bananal/Barra dos Negros | <p>Inf: Por que uma é mandioca braba mehmo e outa a gente chama ela de aipim, aqui pra nós é aipim. Agora pra lá que não tem a mandioca braba tudo é mandioca mansa, né?</p> <p>Circ: Macaxeira...</p> <p>Inf: É.</p> <p>Doc 1: Quer dizer que mandioca... macaxeira, aipim, como é o nome do outro que a senhora falou?</p> <p>Inf: É um...</p> <p>Doc 2: Mandioca mansa.</p> |

Manaíba

Definição

[Do tupi *mandi'yba* (Navarro, 2013, p. 256)] s.f. Tolete do caule do aipim ou da mandioca, cortado para plantio; muda de aipim ou de mandioca.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|---|
| Bananal/Barra dos Negros | <p>Informante: sexo feminino, 60 anos</p> <p>Doc 1: E a senhora planta o quê aqui? Inf: Aqui, de tudo, eu planto um pouquinho. Num planto muita coisa porque não tenho condições. Mas eu planto meu feijão. Planto <i>manaíba</i>, mandioca. Doc 1: <i>Manaíba</i> é mandioca é? Inf: É. Milho, uns pezinho de banana, laranjeira, uns pezinho de cafezeiro. [rindo]. Tudo é pouco, mas de tudo tem, né, um pouquinho. Doc 2: Diz que a mandioca a única que pode comer [inint]. Inf: Por que uma é mandioca braba mehmo e outa a gente chama ela de aipim, aqui pra nós é aipim. Agora pra lá que não tem a mandioca braba tudo é mandioca mansa, né? Circ: Macaxeira... Inf: É.</p> |

Mandioca

Definição

[Do tupi *mandi'oka* (Navarro, 2013, p.256) e (Carvalho, 1987, p.170)] s.f. Planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usadas para fazer farinha de mesa e como ração animal.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Bananal/Barra dos Negros | <p>Informante: sexo masculino, 59 anos</p> <p>Inf: Cessa no lençol. Circ 2: E se a cor dela tá preta tombém, nas caatinga a gente faz, cessa na peneira grossa e ai agora, a gente droba assim e faz uns beiju de tapioca. Doc: Agora, é... da tapioca, né, eu queria saber também, como é que, ah! por exemplo, o processo de fazer a farinha mesmo, pro senhor descrever quantos dias, assim, que tipo de forno, como é? Inf: [rindo]. Doc: Hum. Circ 2: Agora tá pouco porque não tem quase <i>mandioca</i> maduro. Se fosse <i>mandioca</i> maduro, a gente rela uma semana ou mais. Agora, quano não tem, você ranca hoje, rapa ela, bota na prensa, amanhã levanta de madrugada, põe no fogo. Inf: É. Circ 2: Esquece, joga no fogo e torra assim pra cima de uma</p> |

| | |
|-------------|---|
| | <p>quarta ou de meia. Doc: Hum. Circ 2: Ou de... de mei alqueire. Inf: Ou de alqueire.</p> |
| Mato Grosso | <p>Informante: sexo masculino, 54 anos</p> <p>Inf: Não. Cê via... naqueles tempo pra trás aí, algum pezinho de cafézeiro prantado. E hoje não, só se vê nesse mundo só vê cháca de café. O que prantava mais era mandioca pra fazer farinha, essas coisa. Pegava de segunda a sábado pra tá destocano pa prantar mandioca pra esperar fazer farinha, cinco ano, pra fazer farinha. E hoje ninguém cuida disso mais não. Farinha tá barato. Doc 1: [ri]. É mehmo. Inf: Baiano da roça gosta de farinha.</p> |

Mangabeira

Definição

[Do tupi *manga'yba* (Navarro, 2013, p. 257) e (Carvalho, 1987, p.171)] s.f. Arvoreta da família das apocináceas (*Hancornia speciosa*), frequente em cerrados e no litoral nordestino, que produz fruto comestível, a mangaba.

Comunidade / Abonações

| | |
|-------------|---|
| Mato Grosso | <p>Informante: sexo feminino, 75 anos</p> <p>Doc: Lá em Bom Jesus da Lapa, né? Inf: [pessoas conversando]. No Menino Jesus. Doc: Eu conheço, eu conheço aquela gruta que tem [inint], né? Na Mangabeira eu nunca fui não, diz que é lindo, né? A esposa de seu A. de seu A.N. falou que ela já foi, diz que é lindo. Circ 1: É tudo da natureza.</p> |
|-------------|---|

Maniçoba

Definição

[Do tupi *maniçoba* (Navarro, 2013, p.258)] s.f. Árvore da família das euforbiáceas (*Manihot glaziovii*), nativa do Brasil, de cujo látex, de aroma desagradável, se produzia uma borracha

de qualidade inferior. Prato feito com as folhas da mandioca trituradas e espremidas às quais se adiciona carne suína, e se tempera com alho, sal, louro e pimenta, deixando-se longo tempo cozinhando.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|---|
| Bananal/ Barra dos Negros | <p>Informante: sexo feminino, 60 anos</p> <p>Doc: Por que não tinha o quê comer? Inf: Não tinha não. Caino das perna porque enfraqueceu as perna. Misericórdia moça. Aqui nós ia panhar <i>maniçoba</i> e palmatória, não tinha nada de comer não. Nós já sofreu muito moça, mas hoje o povo tá todo vivo meu bem, graças a Deus! Doc: Hoje as coisa tá melhor, né? Inf: Tá melhor, graças a Deus. O povo hoje tá tudo vivo meu bem, porque pelo meno não tá passano fome. Não tá roubano, e tá comeno a hora que quer comer e beber. Graças a Deus o povo tá tudo vivo. Mah pra trás moça o povo tava sofreno mais do que cachorro. [tosse].</p> |

P p

| Pequi | |
|---|---|
| Definição | |
| [Do tupi <i>peke'i</i> (Navarro, 2013, p.377) e (Carvalho, 1987, p.249)] s.m. Árvore da família das cariocaráceas (<i>Caryocar brasiliense</i>), muito grossa e própria dos cerrados. O fruto do pequi. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Bananal/ Barra dos Negros | <p>Informante: sexo masculino, 19 anos</p> <p>Doc: Hum. Eu vejo também aqui que... que tem muito óleo de <i>pequi</i>, né? Inf: Tem. Óleo de <i>pequi</i> tem. Doc: O gado também gosta de <i>pequi</i>. [rindo]. Inf: É. Doc: E como é que faz? Você sabe? Inf: Sei.</p> |
| Mato Grosso | <p>Informante: sexo feminino, 44 anos</p> <p>Doc 2: E as comidas daqui? Vocês fazem comida com <i>pequi</i>?</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>Inf: Faz. Doc 2: Vocês botam o quê? Inf: Bota tempero, cebola, salsa, o que achar. Doc 2: Mas ele puro? Inf: Não. É o alho e tudo bota na comida. Doc 2: Mas o <i>pequi</i>, aquela frutinha. É <i>pequi</i>? Doc 1: É <i>pequi</i>. Inf: É, mas agora não tá dano não. Doc 1: Qual o mês que dá <i>pequi</i> aqui? Inf: Quando é L.? Circ 1: É fevereiro. De fevereiro em diante até abril.</p> |
|--|---|

Puba

Definição

[Do tupi *puba* (Navarro, 2013, p.408) e (Carvalho, 1987, p.170)] s.f. Massa de mandioca deixada de molho até amolecer e fermentar. Terreno úmido e coberto de capim.

Comunidade / Abonações

| | |
|---------------------------|--|
| Bananal/ Barra dos Negros | <p><i>Informante: sexo masculino, 42 anos</i></p> <p>Doc: E além da farinha vocês fazem o quê mais? Inf: Aqui, da farinha da mandioca, cê tira tapioca, faz <i>puba</i>. [inint]. Doc: O piqui também é aqui? Inf: O piqui? Doc: Hum ! Inf: É. Aqui mehmo é o lado do piqui, óh.</p> |
|---------------------------|--|

Saruê

Definição

[Do tupi *sarigûeîa* (Navarro, 2013, p. 439) e (Carvalho, 1987, p.65)] s.m. Mesmo que gambá. Espiga de milho com poucos grãos.

Comunidade / Abonações

| | |
|---------------------------|---|
| Bananal/ Barra dos Negros | <p>Informante: sexo masculino, 25 anos</p> <p>Doc: E sariguê? Inf: Ham? Doc: Sariguê? Inf: Eu nem sei o que é isso não! Doc: É um bichinho que parece... É... é meu tio que fala assim, ele come o ovo de galinha, quando a galinha bota ovo. Inf: Ah! Saruê! Doc: Ah! Saruê! Inf: É, tem. Doc: Então, aqui tem saruê? Inf: Tem. Doc: O nome é saruê? Inf: É.</p> |
|---------------------------|---|

Suçuarana

Definição

[Do tupi *sûasuarana* (Navarro, 2013, p.446)] s.f. Felino selvagem de grande porte (*Felis concolor*), encontrado nas três Américas, de coloração uniforme, geralmente amarronzada, sem manchas ou pintas. PUMA.

Comunidade / Abonações

| | |
|---------------------------|--|
| Bananal/ Barra dos Negros | <p>Informante: sexo masculino, 19 anos</p> <p>Inf: Eles num contar assim como foi não. Eles só falava que viu assim como nos mato assim, que ela passano assim. Eles também corria, saía fora com medo. Doc: Como é a sussuarana? Inf: Ham? A sussuarana eu não sei não. Eu nunca vi ela, mas diz que ela é assim grande assim igual um cachorro assim. Doc: Braba, né? Inf: Braba.</p> |
|---------------------------|--|

T t

Tamanduá

| Definição | |
|--|---|
| [Do tupi <i>tamanduá</i> (Navarro, 2013, p.459) e (Carvalho, 1987, p.289)] s.f. Mamífero desdentado, da família dos mimercofagídeos, cujo alimento básico são os cupins. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Bananal/ Barra dos Negros | <p>Informante: sexo feminino, 49 anos</p> <p>Inf: Mas, eu acho que é porque ele tava quereno ganhar tra'vez, né? E o povo viu ele be... beber água, todo mundo votou nele, devido ele ter... ser tão bom na primeira vez. Mas, agora, ele num tá valeno de nada não. Inté esse mehmo, esse homem aí que é meu marido aí, às vez nem tinha gasolina, que às vez tem hora que num tem nem gasolina pra colecar no carro, né? Às vez chega no posto, bota a gasolina fiado, que nem casião de eleição, às vez o povo vai pa votar, se uma pessoa pede pa levar no Rio da Caixa ou no tipo assim no... no Rio de Conta mehmo, ali no lugar que chama "Tamanduá", que tem muita foi Abaré no Mato Grosso. Tinha vez que ele corria, chegava aqui uma hora da manhã, duas hora da manhã, proque já tava cansado, num güentava viajar mais, né! Inté hoje ele tá sem receber um centavo.</p> |

| Tapioca | |
|---|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>typy'oka</i> (Navarro, 2013, p.487) e (Carvalho, 1987, p.288)] s.f. Farinha fina, branca e úmida extraída da raiz da mandioca. GOMA. Iguaria feita com essa farinha peneirada, assada e recheada, geralmente com coco ou manteiga. BEIJU. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Bananal/ Barra dos Negros | <p>Informante: sexo masculino, 25 anos</p> <p>Doc: E a <i>tapioca</i> como é que faz?</p> <p>Inf: Tapioca?</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Tapioca, tem de tirar da... tem de relar a mandioca, colocar água e depois arrumar um saco assim de pano bem fininho, espremer. Aí agora, tira a tapioca e coloca assim numa... numa vasilha grande assim...</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: ...Tira a tapioca e depois cua, depois tu torna mexer ela de novo, a tapioca, torna devolver ela. É:: logo... daí a pouco, ela sentar aquele pó, né? Aí você torna devolver ela e torna coar, aí agora, [inint], a tapioca. É assim que faz a tapioca.</p> |

| | |
|-------------|--|
| Mato Grosso | <p>Informante: sexo masculino, 17 anos</p> <p>Doc 1: Aqui tem <i>tapioca</i>? Ôh, como é o nome, mandioca? Doc 2: Mandioca. Inf: O povo pranta, o povo prantava bastante, agora já não tá prantando demais não. Doc 1: Por que deixaram de plantar? Inf: Porque num... num deu renda.</p> |
|-------------|--|

Teiú

Definição

[Do tupi *teiú* (Navarro, 2013, p.470) e (Carvalho, 1987, p.290)] s.m. Lagarto terrestre da família dos teídeos (*Tupinambis teguixin*), com corpo de 50 cm de comprimento, de coloração cinzenta manchada de preto com fitas transversais amarelo-escuro, vive em tocas e é onívoro; encontrado do Norte do Brasil ao norte da Argentina.

Comunidade / Abonações

| | |
|---------------------------|---|
| Bananal/ Barra dos Negros | <p>Informante: sexo masculino, 58 anos</p> <p>Doc 3: E <i>teiú</i>? Inf: <i>Teiú</i>, tem tombém. Doc 3: Já comi <i>teiú</i>, achei uma delícia. Inf: É boa. Doc 2: Como é que caça <i>teiú</i>, seu A.? Inf: Como é que caça? Doc 2: Sim. Inf: <i>Teiú</i>? Com cachorro do mato, aí estira ele, eu tirei ele... Doc 2: Sim senhor.</p> |
|---------------------------|---|

A a

| Aipim | |
|--|--|
| Definição | |
| <p>[Do tupi <i>aîpi</i> (Navarro, 2013, p.17) e (Carvalho, 1987, p. 22)] s.m. Planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot esculenta</i>), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa e como ração animal. MAN-DIOCA.</p> | |
| Comunidade / Abonações | |
| Matinha | <p>Informante: sexo feminino, 68 anos</p> <p>Doc: E o qu'ê que cês plantam aqui além de feijão? Inf: Eu já plantei de tudo, era batata, era feijão, era <i>aipim</i>, de tudo já lavrei, mas hoje em dia não pranto mais nada. Doc: Por que a senhora deixou de plantar? Inf: Porque não guento mais pegar ne enxada. S'eu guentasse eu prantava, mas eu num guento mais. Já trabaei muito, já peguei trabaiair foi... foi criança. Era pra cavar cova, capinar feijão, fazer tudo, rancar mandoca, relar, torrar pra trazer pronta. Eu vou dizer s'eu fosse, sei lá, não eu não sei, Jesus é nosso pai, porque já comi o pão que o diabo amassou, mas tou remeteno, remeteno assim mehmo.</p> |

B b

| Beiju | |
|--|--|
| Definição | |
| <p>[Do tupi <i>mbeîu</i> (Navarro, 2013, p.270) e (Carvalho, 1987, p. 178)] s.m. Bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies.</p> | |
| Comunidade / Abonações | |
| Matinha | <p>Informante: sexo feminino, 28 anos</p> <p>Doc 2: E como era preparar assim o <i>beiju</i>? Inf: É ótimo, fácil de fazer. Tem um forno, a gente leva um bujão, a gente... o forno tem uma tampinha, a gente suspende a tampinha faz o [inint] embaixo. Mas esse ano mehmo teve até disputa, teve quatro pessoa na fila e tinha só duas colher de <i>beiju</i>, aí a gente {ariu} tanto no final da festa que essas duas colher dividiu pra quatro pessoa, aí fez quatro <i>beiju</i>. Aí tinha um estudante que ele era deficiente, ele é tão legal ele. Ele, os pezinho dele é diferente do da gente, os pezinho dele é bem desse tamainho aqui assim. Aí ele disse quando vê</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>mainha: "coração de mãe sempre cabe mais um." [ri] Doc: [ri]. Inf: E sambano no samba da Quixabeira. Ele samba, é deficiente, mas samba mehmo. Pequeninho a perninha dele, quase do tamanho de A... aí a gente faz o <i>beiju</i>, coloca a massa, nós tem... tem vários sabores. Tem catupiri com queijo, tem presunto, tem coco ralado com leite condensado, tem o doce de goiaba e tem o doce de leite e tem a charque e a carne do sol. Carne do sol e charque foi que mais vendeu e o frango também. Eu acho uma loucura eles toma com guaraná gelado, aquele negoço quente e guaraná gelado, mas tão acostumado.</p> |
|--|---|

C c

| | |
|--|--|
| Cajá | |
| Definição | |
| [Do tupi <i>akaiá</i> (Navarro, 2013, p.21) e (Carvalho, 1987, p.24)] s.m. O fruto da cajazeira. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Matinha | <p><i>Informante: sexo feminino, 59 anos</i></p> <p>Doc: E licor só faz de jenipapo é? Inf: Faz de tudo. Fai de acelora, fai de <i>cajá</i>, fai de abacaxi. Doc: É mesmo? Inf: Fai de tudo quanto é planta, fai. Doc: E de abacaxi, como é que faz? Inf: O abacaxi fai ele cozido tamém.</p> |

L l

| | |
|------------------|--|
| Licuri | |
| Definição | |

[Do tupi *urukuri* (Navarro, 2013, p.502) e (Carvalho, 1987, p.305)] s.m. Planta da família das palmeiras (Cocos coronata), de drupas comestíveis, cuja medula fornece fécula e cuja semente fornece óleo alimentar. ARICURI; OURICURI.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Matinha | <p>Informante: sexo masculino, 74 anos.</p> <p>Doc: É verdade. E como é que o pai do senhor tratava o senhor quando era pequeno?</p> <p>Inf: Ah! eu num fui criado com meu pai, fui criado com minha vó e minha vó, todo chei de dengo, mas tamém apanhei. Aí naquele tempo, a gente apanhava era, tinha um negoço chamado ingaço de <i>licuri</i>, né? Tira os <i>licuri</i> ali, tira os caroços ali e guarda, passa sebo de boi pa dar surra no cara [...]</p> |

M m

| Mandioca | |
|--|--|
| Definição | |
| <p>[Do tupi <i>mani'oka</i> (Navarro, 2013, p.256) e (Carvalho, 1987, p.170)] s.f. Planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot esculenta</i>), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usadas para fazer farinha de mesa e como ração animal.</p> | |
| Comunidade / Abonações | |
| Matinha | <p>Informante: sexo feminino, 59 anos</p> <p>Doc: Como é assim, na casa de farinha? Que antes não tinha na casa de farinha, agora é com máquina.</p> <p>Inf: Tinha a casa de farinha assim: a hente rala <i>mandioca</i> assim, a hente rala <i>mandioca</i> a braço, né? A hente ralava <i>mandioca</i> assim a braço e tinha uma pessoa na boca da bola cevano, empurano <i>mandioca</i>, cevano. E agora não, agora tem o motor, premeiro pareceu o motor de a hente cevar <i>mandioca</i>, agora tem o motor sem cevar a braço. Agora tem esse outro motor que é da farinha elétrica pra gente, não é manual, pra gente colocar, ceva <i>mandioca</i> no banco. Aí vai a massa pr'ó outro lado e a hente pega a massa, bota na prensa que ela imprensa, que enxuga a massa. Nós tira a massa, bota no motor de novo, ceva a massa, depois que a hente ceva a massa de novo, a hente bota o... liga, pega o... liga o forno onde liga energia pra paleta ir trabalhano e a gente jogano a massa, movimentano, né? Aí ela vai movimentano, movimentano e ahente jogano a massa e ela vai fazeno farinha, fazeno farinha. Quando a farinha tá torrada, aí a hente vai, espia se tá torrada [...]</p> |

P p

| Pitanga | |
|---|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>ybapytanga</i> (Navarro, 2013, p.516) e (Carvalho, 1987, p.312)] s.f. O fruto da pitangueira. | |
| Comunidade / Abonações | |
| Matinha | <p>Informante: sexo feminino, 56 anos</p> <p>Doc: E os remédios aqui, como é que são feitos os remédios caseiros? Quais são as plantas que usam?</p> <p>Inf: A parte das pranta. Quando a gente está com febe, a gente tem: cunzinha [inint], cunzinha navegina, que é aquela foia ali, pa febe, fai o chá na parte de febe. Na parte da dor de barriga conzinha {ve'cedeira menis, ela está ali. Na parte de gripe, pega juíz de paz, fedegoso, carqueja, foia da acelora, foia de <i>pitanga</i>, fai o chá, o lambedor, juíz de paz, [inint] os santo e fai o chá e toma pra gripe. Hoje, na situação de hoje já miorano, acelora é um chá, acelora não, graviola hoje já é um chá natural. É bom pra parte de cansaço, de dor, a parte da pressão. A graviola hoje já é um remedo, um chá natural. A milagrosa, ali, parte de febe, cozin... fevre ela, fevre a água, tira a água e abafa, quando esfria bebe, já é tombém da febe. O manjeriçã branco, caatinga de crioulo, ali tem, fai aquele lambedor tombém para parte de chá.</p> |

| Puba | |
|--|--|
| Definição | |
| [Do tupi <i>puba</i> (Navarro, 2013, p.408) e (Carvalho, 1987, p.170)] s.f. Massa de mandioca deixada de molho até amolecer e fermentar. Terreno úmido e coberto de capim. | |

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Matinha | <p>Informante: sexo feminino, 56 anos</p> <p>Inf: Festaja o São João, a gente bota a <i>puba</i>, a mandioca de moio, fai o bolo de <i>puba</i>.</p> <p>Circ: Boa Tarde!</p> <p>Inf: [Boa Tarde.] [interrupção da entrevista] A mandioca já disse. A gente bota a mandioca de moio, aí quando a mandioca mulece desmancha ela na peneira, aí cõa, no saco lava, no saco de pano, aí agora vai colocano água, mais água e espreme pra sair o fedozinho da <i>puba</i>. Aí depois bota no saco no solo pra escoar, depois que escoa bota na prensa, aí agora fai o bolo. O bolo, aí agora bota açúcar, ovo, leite, manteiga, cravo, canela, aí bate a massa, bota na forma, aí é pro festejo de São João.</p> |

T t

| Tapioca | |
|--|--|
| Definição | |
| <p>[Do tupi <i>typy'oka</i> (Navarro, 2013, p.487) e (Carvalho, 1987, p.288)] s.f. Farinha fina, branca e úmida extraída da raiz da mandioca. GOMA. Iguaria feita com essa farinha peneirada, assada e recheada, geralmente com coco ou manteiga. BEIJU.</p> | |
| Comunidade / Abonações | |
| Matinha | <p>Informante: sexo feminino, 28 anos</p> <p>Doc: E tem barracaquinha de quê?</p> <p>Inf: Vende laranja, vendia <i>tapioca</i>, depois eu parei porque minha mãe viajou pra São Paulo e na época [inint] tocar lá. Eu num fui, aí num podia ir pra barraca e deixar a casa só, aí quando eu cheguei lá, meus freguês, óh, o pessoal que mora lá [inint] porque se a pessoa que tem barraca e demorar de ir na barraca, o freguês já muda pra outra. Aí eles ficaru, aí eu parei [inint] vender, trazia pra casa e chegava em casa fazia beiju, aí eu parei.</p> |

5.4 AMOSTRA DA LÍNGUA FALADA NA ZONA RURAL DE JEREMOABO (VOLUME IV

A a

Arapuca**Definição**

[Do tupi *arataka* (Carvalho, 1987, p.47)] s.f. Armadilha para apanhar pássaros pequenos, feita de pauzinhos cada vez mais curtos, dispostos em forma piramidal.

Comunidade / Abonações

Tapera

Informante: sexo masculino, 21 anos

Inf: Não sei nem se... é travessura. A travessura que eu mais fiz, sai daqui pro mato escondido, sem dizer pra ninguém.

Doc: E daí que que aconteceu?

Inf: Todo mundo ficou preocupado, me procurando, e eu no mato.

Doc: Fazendo o que lá?

Inf: Os cara foru e eu fui no meio armar *arapuca*, foi a pior da minha vida também.

B b**Beiju****Definição**

[Do tupi *mbeîu* (Navarro, 2013, p.270) e (Carvalho, 1987, p. 178)] s.m. Bolo feito com massa fina de mandioca ou tapioca assada.

Comunidade / Abonações

Casinhas

Informante: sexo feminino, 23 anos

Doc: Qual é a que você mais gosta de fazer que dá menos trabalho?

Inf: Se cozinhar, assim, um arroizinho, uma carne.

Doc: *Beiju*? Você sabe fazer *beiju*?

Inf: Sei fazer.

Doc: Como é que faz?

Inf: A gente vai espremer a... a tapioca, depois lava, aí escorre novamente. Aí faz os *beiju*. Aí eu faço *beiju*, Ave Maria, ele fica alegue demais! "ah, mãe eu quero beju, eu quero beju".

"Num tem maih não, meu filho". É assim as coisas.

Tapera

Informante: sexo feminino, 65 anos

Doc: Então quer dizer que a senhora sempre trabalhou, né?

Inf: Ave Maria! Eu trabalhava desde nova, que nós não tinha outro mei de nada, óh! Nós puxava, eu mesmo pra criar esse menino, ói! Nesse tempo tinha na casa de farinha, mas era de roda, nós traba... eu e mais esta irmã que morreu, nós puxava era roda, ói! E o mais véim mexeno no forno e quando era dia

| | |
|-----------------|---|
| | <p>de sábo choveno que era tempo de chuva, eu ia pa rua ói! Pegava dez <i>beiju</i> de forno que a senhora não sabe, pegava fazia de noite dez <i>beiju</i> de forno, quando acabava, ói, pegava dez quilo de farinha, levava na cabeça pra compra o arranjim pa meus filho.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: E quando era na semana na enxada de novo. Quando era toda quinta-feira na... arrancava mandioca pra fazer. Mas graças a Deus nem nunca pedi nada a ninguém, nem nunca pedi esmola nem a de chegar, Meu Pai do céu.</p> |
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo feminino, 65 anos</p> <p>Inf: Num sabe como é as casa de farinha?</p> <p>Doc: Não. Eu só vim conhecer uma casa de farinha antiga.</p> <p>Inf: É... é tudo a negia.</p> <p>Doc: Sei.</p> <p>Inf: A gente rapa, e pa relar é a negia, tem aquele cochão de relar, pa imprensar, é a braço pa imprensar, tem as peça diferente, a imprensa. Pa torrar a farinha é a negia, pa peneirar a farinha é a negia. Hoje, é::, as muié só faz mehmo rapar.</p> <p>Doc: Hum. Senhora faz <i>beiju</i>?</p> <p>Inf: Quond'eu trabaiava fazia mia fia, mas hoje eu adoeci, passou derrame pa esse lado...</p> <p>Doc: Ham.</p> <p>Inf: Nunca mais eu... até o ano passado, eu e N. num tinha ninguém, só era nóh dois aqui den'de casa, aí nóh não plantou mandioca [inint].</p> |

C c

Caititu

Definição

[Do tupi *taítetu* (Navarro, 2013, p.458) e (Carvalho, 1987, p.286)] s.m. Mamífero da ordem dos artiodáctilos, família dos taiacuídeos (*Tayassu tajacu* (L)), da região cisandina da América do Sul.

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Tapera | <p>Informante: sexo feminino, 15 anos</p> <p>Doc: Seu pai não caça não? Inf: Caçar, ele caçava, é porque mais agora não caça mais não. Doc: O que era? Inf: O que ele caçava? Doc: Sim. Inf: Tatu, <i>caititu</i> e cutia. Doc: E tinha muita por aqui? Inf: Tinha.</p> |
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo masculino, 64 anos</p> <p>Inf: Uma cois'assim aqui tinha muito. Toda caça tinha. Doc: Hum. Inf: Na hora que foi terminano, né? Inda tem aqui pert'ali em doutor Sidônio tem, ali no tabuleiro, lá perto das Casinha, subino tem. Doc: Hum. Inf: Da Sirica pra lá, tem. Doc: Hum. Inf: Desse lad'aqui passano o tabuleiro vem p'outo lado tem. Doc: Que tipo de bich... Inf: Inda hoje tem p... peba, tatu, tamanduá, cutia, <i>caititu</i>, veado. Doc: Hum. Inf: Só esses bicho de veado e <i>caititu</i> pa trás, né? Doc: Mas quando o senhor era criança, o senhor chegou ver, assim, onça, esses bichos assim? Inf: Não. De onça eu só via história.</p> |

Caju

Definição

[Do tupi *akaïu* (Navarro, 2013, p.21) e (Carvalho, 1987, p.24)] s.m. Pedicelo tuberizado, comestível, do fruto do cajueiro.

Comunidade / Abonações

| | |
|--------|---|
| Tapera | <p>Informante: sexo masculino, 38 anos</p> <p>Doc: Quais frutas que vocês cultivam aqui pra vender? Inf: Manga, goiaba, <i>caju</i>... Doc: Aqui tem <i>caju</i> também? Inf: Tem. Doc: E vocês vendem só <i>caju</i>, ou vende castanha, essas coisa? Inf: [inint]... Castanha, <i>caju</i>... Doc: Hum, hum. Inf: Vende mais castanha. Doc: Certo. Mas dá pra tirar um di... um bom dinheiro... Inf: Dá. Doc: ...dessas vendas? Inf: Dá. Doc: E qual o período que dá manga, <i>caju</i>, essas coisas? Inf: Só no mês de dezembro.</p> |
|--------|---|

Cipó

Definição

[Do tupi *ysypó* (Navarro, 2013, p.534) e (Carvalho, 1987, p.316)] s.m. Designação comum às plantas sarmentosas ou trepadeiras que pendem das árvores e nelas se trançam; icipó.

Comunidade / Abonações

| | |
|----------|---|
| | <p>Informante: sexo masculino, 20 anos</p> <p>Doc: Hum, hum. E aqui, assim tem... tem cobra? Inf: Tem. De vez em quando aparece mas difíci. Doc: É? Quais são as cobras que mais tem aqui? Inf: Cascavel é:: um negócio de cobra <i>cipó</i>, essas cobras aí. Doc: E... Inf: Jibóia.</p> |
| Casinhas | <p>Informante: sexo feminino, 62 anos</p> <p>Doc: A senhora já viajou assim, muito pra fora? (pessoas conversando) Inf: Eu? Doc: Sim. Inf: Já! Doc: Pra onde? Inf: Viagem {xou ver lugar} de lugar assim lonjão mehmo que eu já num... fui só foi pa São Paulo, Paulo Afonso, com 'é Savador... Doc: Hum! Inf: ...<i>Cipó</i>, Pombal, Tabunes...</p> |

Cutia**Definição**

[Do tupi *akuti* (Navarro, 2013, p.27) e (Carvalho, 1987, p.27)] s.f. Mamífero roedor, da família dos dasiproctídeos, gênero *Dasyprocta* III., com sete espécies em território brasileiro.

Comunidade / Abonações

| | |
|-----------------|--|
| Casinhas | <p>Informante: sexo masculino, 41 anos</p> <p>Doc: O senhor lembra assim de histórias, assim, de animais de caça? O senhor já saiu pra caçar? Tem alguma história pra contar?</p> <p>Inf: Não. De ca... Tinha caça, mah agora num tem mais não, porque já acabou, o governo impediu o negócio, né?</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Tinha caça. Tinha caça do mato, mas depois que acabou, que vi... O pessoal pegou a trabalhar, as caça foram tudo s'embora.</p> <p>Doc: Tinha o quê?</p> <p>Inf: Tinha, assim, veado, <i>cutia</i>. Tinha um... uma caça chamada tatu...</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: ...tatupeba, tatuim. Agora num tem mais, agora acabou.</p> |
| Tapera | <p>Informante: sexo feminino, 15 anos</p> <p>Doc: Seu pai não caça não?</p> <p>Inf: Caçar, ele caçava, é porque mais agora não caça mais não.</p> <p>Doc: O que era?</p> <p>Inf: O que ele caçava?</p> <p>Doc: Sim.</p> <p>Inf: Tatu, caititu e <i>cutia</i>.</p> <p>Doc: E tinha muita por aqui?</p> <p>Inf: Tinha.</p> |
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo masculino, 64 anos</p> <p>Inf: Uma coisa assim aqui tinha muito. Toda caça tinha.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Na hora que foi terminano, né? Inda tem aqui pert' ali em doutor Sidônio tem, ali no tabuleiro, lá perto das Casinha, subino tem.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Da Sirica pra lá, tem.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Desse lado aqui passano o tabuleiro vem p'outo lado tem.</p> <p>Doc: Que tipo de bich...</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>Inf: Inda hoje tem p... peba, tatu, tamanduá, <i>cutia</i>, caititu, veado. Doc: Hum.</p> |
|--|---|

J j

Jatobá

Definição

[Do tupi *îata'yba* (Navarro, 2013, p.164) e (Carvalho, 1987, p.140)] s.m. Árvore da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea (*Hymenaea courbaril*), nativa do México ao Brasil, com pequenas flores brancas e frutos negros com polpa farinácea comestível, e cujo tronco fornece resina própria para fabricação de verniz.

Comunidade / Abonações

| | |
|----------|---|
| | <p>Informante: sexo masculino, 65 anos</p> |
| Casinhas | <p>Doc: O senhor pode falar, assim, o nome do... das folhas, do mato, e do remédio pra que doença que serve? Inf: Já acabou [inint] sabe tudo. Doc: Sei. Pode dizer. Inf: Tem o alecrinho. Tem o babatelão que é bom pa... pa sangue, pegar sangue... Doc: Sei. Inf: ...[inint] lambedor tudo era isso. Doc: Sei. [tosse]</p> |

| | |
|--------|---|
| | <p>Inf: Não tinha farmácia não. Era assim aqui apanha tudo que é pau. Doc: Hum. Inf: É. Pé de <i>Jatobá</i> que prepara um lambedor quando tava tudo gipado, serve tombém... Doc: Sei.</p> |
| Tapera | <p>Informante: sexo feminino, 65 anos</p> <p>Doc: Hum. Quais são os tipos de ervas que a senhora conhece? Inf: Ói! ói! Se eu for contar, não tenho nem mais cabeça mais pra dizer, óh! É [inint] quebrapedra... Doc: Hum. Inf: ...e <i>jatobá</i>. E o que era mais meu pai... é folha miúda, um pau chamado pinapina e quebrafacão e outro que me ensinaram, mas esse aí tem tudo no Raso. Sipipira, anjico, eu faço tudo. De cada um pé de pau, eu rapo uma rapinha e encho a panela. Quando acaba, cozinho, coou, aí depois que freve de novo, aí eu boto o açúcar, aí que apuro e faço. [rindo]</p> |

M m

Macambira

Definição

[Do tupi *makã'bira*] s.f. Planta da fam. das bromeliáceas (*Bromélia laciniosa*) encontrada nas caatingas do Nordeste, usado como ração e para extração de fibras.

Comunidade / Abonações

| | |
|-----------------|--|
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo masculino, 64 anos</p> <p>Doc: Sim. Vocês usava essa madeira na época? Inf: Usava, a madeira ali, nessa época que eu quaih me entendi... Doc: Hum. Inf: ...as cercas era quase tudo de velado, sabe o que é velado? Doc: Não. Inf: É dar de cavar um rêgo, assim, a <i>mancambira</i>, sabe o que é? Doc: Não. Inf: Um... um negócio assim ói, agora todo chêi de espinzim, né? Doc: Sei, mandacaru? Inf: Não, <i>mancambira</i>. Doc: Ah! Inf: Aí fazia aquele velado, prantava aquela <i>macambira</i> mode os bicho, poque num existia arame. Era, cê pa fazer uma roça, er'um sacrificio. Doc: Sei.</p> |
|-----------------|--|

Mandioca

Definição

[Do tupi *mani'oka* (Navarro, 2013, p.256) e (Carvalho, 1987, p.170)] s.f. Planta leitosa, da família das euforbiáceas (*Manihot utilissima*), cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação, e da qual há espécies venenosas, que servem para fazer farinha de mesa.

Comunidade / Abonações

| | |
|----------|--|
| Casinhas | <p>Informante: sexo masculino, 36 anos</p> <p>Doc: Ham, ham. É:: o senhor trabalha em quê? Lavrador, certo? Inf: É lavador, prantano mio, prantano <i>mandioca</i>. Doc: Por dia é? Inf: Por dia, é tudo por dia.</p> |
| Tapera | <p>Informante: sexo feminino, 39 anos</p> <p>Doc: Vocês planta o quê aqui? Inf: Feijão, milho... Doc: Hum. Inf: Assim um pé de <i>mandioca</i>, né? <i>Mandioca</i> [inint]. Doc: Hum. E essa, essa época tá boa pra plantação? Inf: Tá não. Com esse solão bateno aí. Esse veraozão pegado, né?</p> |

| | |
|-----------------|---|
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo feminino, 65 anos</p> <p>Doc: E o qu' é qu' é cultivado aqui?</p> <p>Inf: Milho, feijão, <i>mandioca</i>. Té uns tempos atrás plantava muinto fumo, mais deixaru, o povo ficaru véi.</p> <p>Doc: É?</p> <p>Inf: Foru deixar e mais [inint], deixaru de plantar fumo, aplan- ta mehmo é feijão e milho e <i>mandioca</i>.</p> <p>Doc: A senhora sabe fazer farinha?</p> <p>Inf: Ah, todo mundo sabe, né?</p> <p>Doc: É. Senhora pode falar como é que faz?</p> <p>Inf: Como é que faz? Bota a... arranca a maniv... arranca a <i>maindioca</i>, bota na casa de farinha, a gente, as mulher, vai lá rapar, né?</p> <p>Doc: Hum.</p> |
|-----------------|---|

O o

Ouricuri

Definição

[Do tupi *urukuri* (Navarro, 2013, p.502) e (Carvalho, 1987, p.305)] s.m. Árvore (*Cocos coronata*) da fam. das palmáceas, de frutos globosos comestíveis.

Comunidade / Abonações

| | |
|----------|--|
| Casinhas | <p>Informante: sexo feminino, 62 anos</p> <p>Doc: Hum. O doce de coco? Inf:... Descasca... Doc: Sim. Inf: ...descasca o coco, caba, pega o ralo e rela, né? Bota no tacho e agora aí passa de mão, bota o açúcar dento, mexe, aí dá o ponto, a gente tira. Se quiser botar um pouquinho de leite dento bota... Doc: Hum Inf: ...e num quereno, só faz dele só. Doc: Ah! e...e o de leite? Inf: O de leite do mehmo jeito. A senhora vai, pega o leite, cõa o leite, bota no tacho, bota o açúcar dento e fica o bagaço a mexer. Dest'ar que mexeno ele, mexe, mexe, quando ele chega na base do ponto a gente tira, bota no chão e antonce bate, bate, bate no chão até quondo ele dá. Acaba de bater, dá o ponto no chão. Quondo ele dá o ponto no chão a gente bota na... no tabuleiro e dá o ponto. (criança chorando) Doc: E o de <i>licuri</i>? Inf: O de <i>licuri</i>, a gente quebra o <i>licuri</i> e cabar passa de mão, bota no quilificador, põe um pouco de água dento, aí mói ele. Quondo termina de moer ele, agora aí, bota no tacho também, bota o açúcar dento, mexe. Quondo tava quereno dar o ponto, põe ele no chão e, cabar, bate, bate, ele dá o ponto também, a pessoa bota no tacho, bota no tabuleiro.</p> |
|----------|--|

P p

Peba

Definição

[Do tupi *peba* (Navarro, 2013, p.376) e (Carvalho, 1987, p.289)] **1.** Alongado, achatado. **2.** Bras. N.E. De má-qualidade, ordinário sm. **3.** Bras. Zool. Tatu amarronzado e de pelos esparsos na carapaça (*Euphractus sexcinctus*).

| Comunidade / Abonações | |
|-------------------------------|--|
| Casinhas | <p>Informante: sexo masculino, 41 anos</p> <p>Inf: Tinha caça. Tinha caça do mato, mas depois que acabou, que vi... O pessoal pegou a trabalhar, as caça foram tudo s'embora.</p> <p>Doc: Tinha o quê?</p> <p>Inf: Tinha, assim, veado, cutia. Tinha um... uma caça chamada tatu...</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: ...tatu <i>peba</i>, tatuim. Agora num tem mais, agora acabou.</p> |
| Tapera | <p>Informante: sexo feminino, 65 anos</p> <p>Doc: Mas o seu pai nunca falou, assim, contou história de bicho aqui, de caça, não? Quando tinha mato fechado?</p> <p>Inf: Disse que tinha.</p> <p>Doc: A senhora conheceu alguma?</p> <p>Inf: Eu inda conheci, catu, veado, <i>peba</i> tudo, mas aqui ninguém caçava, nem caça.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Mas disse que o mato era cheio, uma [inint] que tem por aí, pra riba, nunca ninguém foi por aí, nem viu por aí.</p> <p>Doc: E o seu pai?</p> <p>Inf: Hum.</p> |
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo masculino, 64 anos</p> <p>Doc: Que tipo de bich...</p> <p>Inf: Inda hoje tem p... <i>peba</i>, tatu, tamanduá, cutia, caititu, veado.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Só esses bicho de veado e caititu pa trás, né?</p> <p>Doc: Mas quando o senhor era criança, o senhor chegou ver, assim, onça, esses bichos assim?</p> <p>Inf: Não. De onça eu só via história.</p> |

Pindoba

Definição

[Do tupi *pindoba* (Navarro, 2013, p.383) e (Carvalho, 1987, p.253)] s.f. Palmeira de belo porte (*Attalea compta*), que compõe amplos palmeirais em certas regiões do C.O. e apresenta nozes muito duras, com algumas sementes, ricas em óleo utilizável.

Comunidade / Abonações

| | |
|-----------------|--|
| Casinhas | <p>Informante: sexo feminino, 55 anos</p> <p>Doc: Daquela época quando a senhora era criança pra hoje. Como é que tá o desenvolvimento?</p> <p>Inf: Aqui, quando a gente chegou... quando pai vei morar aqui...</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf:... nesse meio que não tinha nem casa, assim, de... de teia, era tudo casa de <i>pindoba</i>.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Pois é, dormia tudo no chão. Adepois foi que ele fôru ficano mais, assim, mais como a quem mais mió um pouco, né?...</p> <p>Doc: Ham.</p> <p>Inf: ...Aí faze... Deve fazer casa de teia, mas era tudo assim pobre demais. As casa era tudo, assim, de <i>pindoba</i>.</p> <p>[...]</p> |
| | <p>Informante: sexo masculino, 54 anos</p> <p>Inf: Aí, bom, quano uma vez, eu brincano mais um, ele morreu um compade meu, nós também é de compade de brincadeira e se consideram até.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: O momento que Deus levou. Aí uma gaia de <i>pindobeira</i> entrou aqui na fixta, foi muito sangue daqui encuiou a perna, né?</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Eu digo o médico só ninguém sabe na cidade, muinto vem ele, ninguém ligava só uma casquinha de pau, uma raizinha de pau, que ajeitava, né?</p> <p>Doc: Hum</p> |
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo masculino, 45 anos</p> <p>Doc: E o senhor acha que as brincadeiras de antigamente era melhor do que as de hoje?</p> <p>Inf: Não. As brincadeiras de antigamente... as de hoje é... é melhor porque tem muitos brinquedo. Que a gente... criança que na minha idade, porque num tinha brinquedo pra gente brincar. A gente brincava era fazeno um... um boi de barro, um... um cavalo de <i>pindoba</i> e era assim essas brincadeira. E hoje não, tem muito tipo de brinquedo pr'ocê brincar. Tem um carrinho... [inint] e hoje tem brinquedo pras criança brincar.</p> <p>Doc: E o senhor num acha interessante, antigamente, que o pessoal fa... criava seu próprio brinquedo?</p> <p>Inf: É porque a gente é... a gente é que se esf... se esforçava pra fazer os brinquedo da gente. Era um carrinho de... de... de tauba, era assim.</p> |

T t

Tamanduá

Definição

[Do tupi *tamandúá* (Navarro, 2013, p.459) e (Carvalho, 1987, p.289)] s.m. Mamífero desdentado, da família dos mimercofagídeos, cujo alimento básico são os cupins. Ao contrário do que se propaga, o tamanduá não se alimenta de saúvas.

Comunidade / Abonações

| | |
|-----------------|--|
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo feminino, 45 anos</p> <p>Doc: Que tipo de bich...</p> <p>Inf: Inda hoje tem p... peba, tatu, <i>tamanduá</i>, cutia, caititu, veado.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Só esses bicho de veado e caititu pa trás, né?</p> <p>Doc: Mas quando o senhor era criança, o senhor chegou ver, assim, onça, esses bichos assim?</p> <p>Inf: Não. De onça eu só via históra.</p> |
|-----------------|--|

Tapera

Definição

[Do tupi *tapera* (Navarro, 2013, p.462) e (Carvalho, 1987, p.287)] s.f. Habitação ou aldeia abandonada. Casa arruinada.

Comunidade / Abonações

| | |
|--------|--|
| Tapera | <p>Informante: sexo feminino, 65 anos</p> <p>Doc: E a senhora sabe por que esse nome <i>Tapera</i>?</p> <p>Inf: Se eu sei?</p> <p>Doc: Sim. Aqui, o lugarejo, por que tem esse nome?</p> <p>Inf: Num sei. Agora aí, só o povo mais véi, né, que sabe. Eu mesmo num sei. Agora nós aqui, já mora aqui, <i>Tapera</i>, dessa rodagem pra lá e aqui já chama fazenda Jipinho, que é outro terreno, né?</p> <p>Doc: Sei.</p> <p>Inf: Mas eu penso que nom assentaru aqui.</p> <p>Doc: Mas é tudo <i>Tapera</i>?</p> |
|--------|--|

| | |
|--|---|
| | <p>Inf: É tudo <i>Tapera</i>, mas aqui que era outro terreno, aí aqui fazenda Jipinho e Umbuzeiro, aqui.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Mas é tudo <i>Tapera</i>.</p> |
|--|---|

Tapioca

Definição

[Do tupi *tapi'oka* (Navarro, 2013, p.487) e (Carvalho, 1987, p.288)] s.f. Beiju que tem no interior uma camada de coco ralado. Fécula alimentícia que se extrai da mandioca; goma.

Comunidade / Abonações

| | |
|----------|---|
| Casinhas | <p>Informante: sexo feminino, 40 anos</p> <p>Doc: E como é que faz a farinha?</p> <p>Inf: Como é que faize?</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Bota no mo... bota no motor, depois tira, bota num... pega a farinha, móia a... a mandioca, aí bota no forno, aí mexe a farinha. Aí faz, a farinha tá feita.</p> <p>Doc: Hum. E <i>tapioca</i>?</p> <p>Inf: Tapi... a <i>tapioca</i> tira espermemo.</p> <p>Doc: Como assim?</p> <p>Inf: Tira amassa, depois vai, aí bota a <i>tapioca</i>, aí esperme a tapioca, aí... aí bota pa ajuntar, aí ajunta a <i>tapioca</i>, aí depois vai e escorre, aí tira a <i>tapioca</i>.</p> <p>Doc: Hum, hum! Não é difícil não?</p> <p>Inf: Não. Né difíce não, é face.</p> |
|----------|---|

Tatu

Definição

[Do tupi *tatu* (Navarro, 2013, p.467) e (Carvalho, 1987, p.289)] s.m. Designação comum aos mamíferos desdentados da família dos dasipodídeos, com seis gêneros no Brasil e aproximadamente 11 espécies.

Comunidade / Abonações

| | |
|----------|---|
| Casinhas | <p>Informante: sexo masculino, 41 anos</p> <p>Inf: Tinha caça. Tinha caça do mato, mas depois que acabou, que vi... O pessoal pegou a trabalhar, as caça foram tudo s'embora.</p> <p>Doc: Tinha o quê?</p> <p>Inf: Tinha, assim, veado, cutia. Tinha um... uma caça chamada <i>tatu</i>...</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: ...<i>tatu</i> peba, tatuim. Agora num tem mais, agora acabou.</p> |
|----------|---|

| | |
|-----------------|--|
| Tapera | <p>Informante: sexo masculino, 21 anos</p> <p>Doc: Hum. E quais são as caça assim...</p> <p>Inf: A caça que a gente pega?</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Tatu, às vez peba, eu mesmo nunca peguei peba, nem tatu, não. Agora os cara aí pega. Tem uns negócio proibido, mas às vez o cara só vevi disso, não tem pra onde correr, não. Às vez quando eu vou, as vez pra lá pa pegar passarinho.</p> |
| Lagoa do Inácio | <p>Informante: sexo feminino, 45 anos</p> <p>Doc: Que tipo de bich...</p> <p>Inf: Inda hoje tem p... peba, tatu, tamanduá, cutia, caititu, veado.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Só esses bicho de veado e caititu pa trás, né?</p> <p>Doc: Mas quando o senhor era criança, o senhor chegou ver, assim, onça, esses bichos assim?</p> <p>Inf: Não. De onça eu só via história.</p> |

U u

Umbuzeiro

Definição

[Do tupi *umbu* (Navarro, 2013, p.497) e (Carvalho, 1987, p.303)] s.m. Arvoreta muito copada, da família das anacardiáceas, própria da caatinga (*Spondias tuberosa*) própria da caatinga [...], sendo os frutos (imbus) bagas comestíveis, bastante apreciadas. IMBUZEIRO.

Comunidade / Abonações

| | |
|----------|--|
| Casinhas | <p>Informante: sexo masculino, 54 anos</p> <p>Inf: Por isso que passo para o povo “Atenda o seu filho na premeira palavra com carim, não dê, não fique sem atender não que ele se odeia, ele se odeia”...</p> <p>Doc: Ham.</p> <p>Inf: ...entendeu? Aí, daí deixano isso aí, eu passei a caminhar</p> |
|----------|--|

| | |
|--------|--|
| | <p>e tal era mei macho, mei danado, mei preseperinho. Presepero se entende, assim, gostava muito de fazer brincadeira, mas mais eu pegava. Mãe tinha um pé de cajueiro, um pé de <i>umbuzeiro</i> bem bonito, aquele tronco bem lisinho e aquilo outro, pegava a faca, gostava sempre de desenhar cruz, cruzeiro, a imagem de santo. Sempre eu tenho o dom de nascença.</p> <p>Doc: Sei.</p> |
| Tapera | <p><i>Informante: sexo feminino, 65 anos</i></p> <p>Doc: Mas é tudo Tapera?</p> <p>Inf: É tudo Tapera, mas aqui que era outro terreno, aí aqui fazenda Jipinho e <i>Umbuzeiro</i>, aqui.</p> <p>Doc: Hum.</p> <p>Inf: Mas é tudo Tapera.</p> |

6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, explicitamos a análise detalhada de cada lexia apresentada nas fichas lexicográficas da seção anterior, dividindo as discussões por comunidade, seguindo a ordem dos volumes da coleção que compõe o *corpus*. Em cada subseção, antes da análise das lexias, faz-se a explanação de informações relacionadas às comunidades.

6.1 ZONA RURAL DE ANSELINO DA FONSECA (VOLUME I)

Os dados apresentados abaixo, também apresentados nas fichas lexicográficas, foram obtidos a partir das entrevistas gravadas na localidade de Piabas, que faz parte da zona rural de Anselino da Fonseca, também conhecido como Caém, que é um antigo povoado do município de Jacobina. O *corpus* da zona rural de Anselino da Fonseca, é composto por 12 inquéritos, gravados entre os anos de 1994 e meados de 1996. As gravações foram feitas em povoados,

denominados pelos moradores de “comércios”, e em fazendas nos arredores desses povoados. Os informantes pertencem a três faixas etárias: faixa 1 (20-40), faixa 2 (40-60) e faixa 3 (acima de 60). Quanto à escolaridade, os informantes têm, no máximo, quatro anos de escolarização, ou seja, chegaram apenas à 4ª série primária, hoje chamada de 5º ano. A comunidade de Piabas é composta por pessoas com o fenótipo que demonstra que são afrodescendentes, em sua maioria, e são falantes do PPB, que é uma variedade da língua (já abordada anteriormente neste trabalho) que possui lexias de origem indígena que são usadas no dia a dia da comunidade.

AIPIM: É uma “planta lactescente, da família das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa e como ração animal”. Também chamado de mandioca, conforme apresentam os dicionários Aulete Digital e o Aurélio (1986). O dicionário de Navarro (2013) e o de Carvalho (1987) apresentam a lexia em tupi como “AÎP”⁷, com a mesma significação apresentada nos dicionários de língua portuguesa, já citados anteriormente, e com a mesma significação utilizada nas ocorrências do corpus, como a apresentada a seguir: “Doc 1: Deve ficar gostoso, né não? E o *aipim*, tem *aipim* e tem a mandioca? Inf: Tem o *aipim* e tem a mandioca. Doc 1: A mandioca num pode comer... comer cozinhada, não, né? Inf: Se comer embebida.”. O dicionário de Navarro (2013) ainda apresenta uma lexia muito próxima, que é AÎPI, que dá nome a um peixe da família dos percófideos.

BARAÚNA: De acordo com os dicionários Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é uma “árvore leguminosa de grande porte, cuja madeira duríssima é muito apreciada em construções (*Melanoxylon brauna*, Schott.). Também lhe chamam de braúna, graúna”. O dicionário de Navarro (2013) apresenta a lexia em tupi como “YBYRAÚNA”. Foram encontradas 10 ocorrências no corpus da lexia Baraúna e todas se referem ao nome de uma localidade, ou seja, se apresenta como um topônimo: “Inf: Compade meu lá ne *Baraúna* diz: “vamo fazer compade, se Deus num quer não, num chegar pra nós não.” Chega! Aí eu ia ter reunião, saia daqui pa *Baraúna*... Doc 1: Hum. Inf: ...que daqui lá em *Baraúna* é longe. Doc 1: Hum. Inf: Vez eu ia de a pé, outra vez tinha animal, eu ia montado no animal.”.

BEIJU: Lexia que é apresentada pelos dicionários Aurélio (1986) e Aulete Digital como um “bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies”. Em tupi é apresentado como “MBEÎU”, conforme os dicionários de tupi antigo de Navarro (2013) e Carvalho (1987). Nas três ocorrências do corpus, a lexia aparece com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc 1: É. Eu taha convesano com um senhor ali, antigamente ele mehmo fazia farinha e tinha farinha, né? Inf: É... fazia o *beiju*, ali a gente enganava os fio... hoje em dia as mulher tão tudo... [Óh ferveno, a água... tá tudo os pouco]. Doc 1: Hum, hum. Num pode,

até farinha tem que comprar. Inf: É. Pa comprar um saco de farinha de vinte e tantos reais. É duro viu...”.

CAJAZEIRA: Conforme Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é uma “árvore da família das anacardiáceas (*Spondias lutea*), muito frequente nas várzeas e nas matas de terra firme argilosa do Amazonas.”. Em tupi, de acordo com Navarro (2013) e Carvalho (1987), se apresenta como AKAÏA. Aparece com a mesma significação nas ocorrências do *corpus*: “Doc 1: Sabe a história? Inf: É quando... /a história que eu sei disso aqui? Doc 1: Hum. Inf: É que aqui era um... as casas era bem poquinha, né? Diz que tinha poucas casa, a feira era debaixo de... de... d’um pé de... de *cajazeira*. Doc 1: Hum.”.

CUTIA: É um “nome comum dado aos roedores do gênero *Dasyprocta*, da família dos dasiproctídeos, com até 60 cm de comprimento, cauda e pêlos muito curtos”. Em tupi é chamado de AKUTI, conforme Navarro (2013) e Carvalho (1987). Se apresenta com a mesma significação nas quatro ocorrências do *corpus*: “Doc 1: E como é que era? Inf: As caça? Era peba, tatu, [inint] *cutia*, gangôlha, préa é o que tinha na região, né? teiú, mas tinha demais. Eu panhava uma cachorra aqui [inint] ela quando vortava capanguinha [inint] [rindo]. Era. Doc 2: E a carne é boa? Inf: Viche Nossa Senhora! Ainda ontem o rapaz tava vendendo um aí, um peba, o senhor conhece teiú?”.

JACUTINGA: “Ave florestal da família dos cracídeos (*Pipile jacutinga*), de plumagem negra, com o topo da cabeça e asas brancas, coloração azul na base do bico e em torno dos olhos, pés e pernas rosados e com barbela vermelha bem evidente; é uma espécie rara, ameaçada de extinção, privativa da Mata Atlântica”, de acordo com a definição apresentada pelo Aulete Digital e o Aurélio (1986). Conforme os dicionários de Navarro (2013) e Carvalho (1987), a lexia em tupi é “ÏAKUTINGA”. Só teve uma ocorrência no *corpus*, com significação diferente à apresentada pelos dicionários: “Inf: O senhor compra arroz, compra feijão, compra de tudo, tudo o senhor tem ni sua casa pra comer, num é isso? E antigamente o senhor comia um pedaço de carne de bode véi, assado aí no fogo de lenha do *jacutinga*, não é? Fumaçado danado. Circ 1: É, mas eu... esse tempo que eu criava... Inf: Criava, mas o senhor... rapaz, criava, mas o senhor matava um bode era de mês em mês, num era não? Circ 1: Que mês e mês! Eu passava um...”.

JUAZEIRO: É uma “árvore alta e copada, da família das ramnáceas (*Zizyphus joazeiro*), característica da caatinga nordestina, de folhas trinérveas, flores pequeninas em cachos globosos, frutos amarelos e comestíveis. Também conhecido como juá”, conforme Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Em tupi, de acordo com Carvalho (1987) e Navarro (2013), a lexia se apresenta como “ÏUÁ”. Aparece sete vezes e com duas significações nas ocorrências do *corpus*. Primei-

ro, com a significação apresentada pelo dicionário “Inf: Prevenino uma terra, uma coisa, pra quando chover. Mas hoje, quem tem um pé de *juazeiro*, uma moita de paia é melhor do que ter um bicho pra dá de comer, tem que derrubar pra poder de... dá... se não... aí no pasto pra num morrer tudo. É pior. Então o povo pararu de estocar aqui nessa região [inint]”. E também aparece como nome de uma cidade “Doc: Ah! Romaria, né? Como é essas romaria? Inf: Como? Igual a Bom Jesus da Lapa, outros diz que é o *Juazeiro* do Norte também. Doc: Hum. A senhora foi assim pagano alguma graça de... de promessa, não? Inf: Não, num foi promessa não, que mehmo ia, o povo ia e dizia e chamava: “vamo ir oiar”. Eu disse: “vamo pra ver se melhora as coisa” [inint]”.

JURITI: “Designação comum a várias espécies de aves columbiformes, da família dos columbídeos, gêneros *Leptoptila* Sw. e *Oreopeleia* Reich., distribuídas por todo o Brasi, de coloração geral parda, com tons avermelhados, oliváceos ou brancacentos”, de acordo com o Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Em tupi é conhecida como “ÍURITI”. No corpus, aparece uma vez, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Inf: Aqui dava de tudo, teiú, é:: peba, tatu, gambá, gato do mato, codorna, nambu, *juriti*, perdiz. Tudo a gente matava assim dentro da capueira assim. Mas hoje cabou tudo, que deu muita gente, tudo... todo mundo fraco... Tem gente ainda mais que nada até o rio nessas capueira mehmo caçano, num sei o que é que acha...”.

LICURI: Segundo os dicionários de língua portuguesa, é uma “planta da família das palmeiras (*Cocos coronata*), de drupas comestíveis, cuja medula fornece fécula e cuja semente fornece óleo alimentar. Também conhecido como Ouricuri e Aricuri”. Em tupi, de acordo com Navarro (2013) e Carvalho (1987), se apresenta como “URUKURI”. Aparece seis vezes nas ocorrências, com a mesma significação apresentada anteriormente: “Doc 1: A feira daqui já foi boa? Inf: Já foi boa. Antigamente os depóso aí era cheio... Doc 1: Hum. Inf: ...de mamona, *licuri*, naquele tempo que o depóso enchia, que eles botava a balança aí no mêi da rua, pra comprar aí no mêi da rua aí óh... Doc 1: Hum. Inf: ...porque os depóso já tava lotado. Doc 1: Hum, hum. Inf: Mais de certos tempo pra cá, nem mamona, nem *licuri*, nem nada”.

MANAÍBA: É o “tolete do caule do aipim ou da mandioca, cortado para plantio; muda de aipim ou de mandioca”, de acordo com os dicionários Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Em tupi é “MANDI’YBA”, conforme Navarro (2013). Nas ocorrências aparece com a mesma significação apresentada pelos dicionários “Doc: *Manaiba* é o que dona? Inf: Mandioca. Doc: Ah é outro tipo de mandioca. Inf: É que a gente tira, ranca a mandioca e tira aqueles pa... pra plantar de novo. Doc: Ah, sim. Inf: Nascer outa mandioca. Doc: Ah, é o que usa pa plantar, né? Inf: É, o aqui usa pra plantar. Num tem.”.

MANDACARU: “Cacto (*Cereus jamacaru*) nativo do Brasil, de porte arbóreo, ramificado, com flores grandes que se abrem à noite, típico da caatinga, onde serve de alimento ao gado, e também cultivado como ornamental e por propriedades terapêuticas”, conforme o Aurélio (1986) e o Aulete Digital. De acordo com Navarro (2013) e Carvalho (1987) é chamada de “ÎAMAKARU” em tupi. Possui quatro ocorrências e apresenta-se no corpus com a mesma significação dos dicionários: “Doc 2: E *mandacaru* e palma? Inf: *Mandacaru* escapou, a parma acabou. Não era todo mundo que usava a parma aqui; quem tinha uma manguinha de parma logo logo passou a mão, cabouse. E *mandacaru* com essa propriedade que fizeram aqui, né, nunca morreu um bicho de fome porque tinha muito *mandacaru*, mas depois que passou esse pedaço de arame acabou tudo cabou com tudo [inint] morreu todo, né? Capim, cabou. Num tinha outro refígelos tinha que morrer tudo, né?”.

MANDIOCA: É uma “planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa”, de acordo com o Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Conforme Navarro (2013) e Carvalho (1987), em tupi é “MANDI’OKA”. No corpus, a lexia aparece com a mesma significação apresentada pelos dicionários nas 51 ocorrências: “Doc 1: É interessante esse negócio da *mandioca*, viu?! Quer dizer que o senhor trabalhava na casa de farinha aqui perto?! Inf: Era ali, aqui pa frente. Doc 1: É. Você fazia farinha pra vender pra fora? Inf: Fazia aí pa vender aí vizinha Doc 1: Era quanto assim, mais ou menos, assim a saca? Saía muita farinha assim? Inf: Saía!”.

MANIVA: Os dicionários Aurélio (1986) e o Aulete Digital atribuem a essa lexia a mesma definição de “mandioca”. Em tupi a lexia se apresenta como “MANI’YBA”. Nas quatro ocorrências, está com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc 1: Mas é:: a *maniva* é o que planta, né? Inf: É. A *maniva* que a gente pranta. Mas a gente só planta *maniva* se a terra tiver molhada, se a terra tiver seca, como é que planta, porque não adianta. Doc 1: Não adianta. Inf: Porque ela num nasce. Doc 1: E se a *maniva* tá morrendo, num... num tem o que plantar também. Inf: É”.

PARANÁ: É um “braço de rio caudaloso, separado deste por uma ilha. Canal que liga dois rios”. Em tupi, conforme o Aurélio (1986) e o Aulete Digital, se apresenta como “PARANÃ”. Nas ocorrências aparece com a mesma significação: “Inf: É, dessa cobra apareceu, vem de [inint]. Circ: As vez, segundo aí vem das enchente [inint]. Inf: Vem do *paraná* desse mundo, ela vem. Doc 2: Vem desse lu...do *paraná*? Inf: Vem, vem. As bichinhas anda tomém, as bichinhas anda tomém. Os passos nosso d’aqui, negócio de cutia, essas coisa né, não mora mais

aqui. Tão tudo friviano, vão embora e afinal num vem mais...”. Essa lexia também é utilizada como toônimo, nomeando um estado brasileiro.

PEBA: É um “tatu amarronzado e de pelos esparsos na carapaça (*Euphractus sexcinctus*). Indivíduo dos pebas, tribo indígena habitante do N. do alto rio Amazonas”. Em tupi a lexia é semelhante à utilizada atualmente “PEBA”, de acordo com Carvalho (1987) e Navarro (2013). Aparece nove vezes nas ocorrências e possui a mesma significação que os dicionários apresentam: “Doc 1: E como é que era? Inf: As caça? Era *peba*, tatu, [inint] cutia, gangôlha, préa é o que tinha na região, né? teiú, mas tinha demais. Eu panhava uma cachorra aqui [inint] ela quando vortava capanguinha [inint] [rindo]. Era”.

PIABA: É a “denominação dada a algumas espécies de peixes de rio, da família dos anostomídeos, espécie dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*, de boca pequena, que se alimentam de matéria vegetal e de detritos orgânicos”. Conforme os dicionários Carvalho (1987) e Navarro (2013), em tupi “PÎABA”. Possui trinta ocorrências nos inquéritos e apresenta duas significações: “**OCORRÊNCIA 1:** Doc 1: Ah! Tem que ir pro meio mesmo? Inf: Mas... É... mas quem põe na... na ruela não põe mais nada. Tá difícil... Doc 1: Que eu conversei com a moça ali, ela disse que tinha muita. Ainda tinha alguma coisinha pra comer porque pegava umas *piaba*...”. “**OCORRÊNCIA 2:** Doc 1: E... e... vem médico aí pro posto, tem posto aqui perto, tem na *Piaba*, né? Inf: Tem. Tem esse... esse hospitá... esse hospital aí, quando a gente quer ir... quer ir fazer... vai po hospital daí... Doc 1: Hum. Inf: ...pa fazer consurta. Mas aqui, aqui nas *Piaba*, eu num sei se tem... num sei se tem com'ê? como vou dizer:: posto não, qu'eu nunca... qu'eu nunca pendi pular daí. Eu num vou dizer. Doc 1: Hum.”. Na primeira ocorrência possui a mesma significação apresentada pelos dicionários e na segunda ocorrência é um topônimo que dá nome à comunidade onde as entrevistas foram realizadas.

TATU: “Denominação comum aos mamíferos, da família dos dasipodídeos, cujo corpo é coberto por uma forte carapaça de placas articuladas, vivem em galerias subterrâneas”. A lexia em tupi é semelhante à utilizada no corpus “TATU”, de acordo com Navarro (2013) e Carvalho (1987). Aparece com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc: Tinha outros bicho assim, caça seu M.? Inf: Caça, tinha muita, tinha preá, tinha preá, tinha *tatu*, tinha peba, passarim. Deixa eu mostrar... Doc: Mas o senhor caçou, chegou a caça? Caçava? Inf: Cansei de caça, cansei de caçar, matar preá”.

TEIÚ: É um “lagarto terrestre da família dos teiídeos (*Tupinambis teguixin*), com corpo de 50 cm de comprimento, de coloração cinzenta manchada de preto com fitas transversais amarelo-escuro, vive em tocas e é onívoro; encontrado do Norte do Brasil ao norte da Argentina”. Em tupi se apresenta como “TEÎU”. Nas ocorrências, possui a mesma significação que os dicio-

nários apresentam: “Doc 1: E em relação assim a... a bicho, já que você mora aqui desde pequeno, né? Esses bichos assim de mato, de caça, como é que é aqui na região? Inf: Esses aí de negócio de caça, eu tou até pa lhe dizer que nem existe mais por aqui, porque de premeiro tinha muito passo, tinha péba, tinha *teiú*”.

Além das lexias apresentadas, também foi localizada nas entrevistas a lexia *cágado*¹⁴ que, conforme os dicionários de Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é uma “designação de várias espécies de réptis da ordem dos quelônios, família dos quelídeos, especialmente as dos gêneros *Hydraslis* Bel., *Platemys* Spix e *Hydro Medusa* Wagl., que vivem em lagoas rasas e terrenos pantanosos. Também conhecido como jabuti”. Nas ocorrências, aparece com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc 1: E tem outos bicho por aqui? Tatu... Inf: Tem não, isso daí já acabou. Doc 1: ...veado... Inf: Tem mah nada! Quando eu era pequena vi falar muito nessas coisa, e acabou de tudo mehmo. *Cágado*, quando era tempo de imbu aqui, nem imbu num tem mais. Doc 1: Num tem, né? Inf: E aí aparecia muito *cágado* debaixo dos pé de imbu, e acabou tudo mehmo.”. É importante ressaltar a respeito dessa lexia que, em Soares (2022), ela é representada com origem controversa, sem confirmação de que realmente seja de origem indígena. Neste trabalho não foi possível localizá-la no dicionário de Carvalho (1987), nem em Navarro (2013), mas foi encontrada em Navarro (2013) o vocábulo *ÍABOTI*, que é referente a *jabuti* e, no dicionário, é apresentada como sinônimo de *cágado*. É importante ressaltar que, no sertão, as duas palavras são sinônimas, embora *cágado* seja o que vive na água e *jabuti* o que vive na terra. Soares (2022, p. 34) afirma que “os dicionaristas apontam os possíveis étimos para esta palavra, designando-a ao português, latim e/ou hispânico pré-românico, sendo a primeira e segunda opção mais aceitável por estar mais próxima da história linguística do Português Brasileiro”.

6.2 ZONA RURAL DE RIO DE CONTAS (VOLUME II)

Os dados apresentados da zona rural de Rio de Contas foram obtidos através das entrevistas gravadas nas comunidades de Bananal/Barra dos Negros e Mato Grosso, foram gravadas doze entrevistas em cada. A faixa etária dos informantes foi dividida em três grupos: faixa 1 (18-38), faixa 2 (39-58) e faixa 3 (acima de 59). A escolaridade dos informantes foi determinada a partir do local onde viviam, sendo assim, eles possuíam apenas até a 5ª série do fun-

¹⁴ Optamos por não apresentar essa lexia nas fichas, pois, apesar de ser apresentada nas entrevistas como sinônimo de *jabuti*, não foram encontradas, nos dicionários, evidências de que ela seja de origem indígena.

damental (equivalente ao 6º ano atualmente) ou nenhuma escolarização. Acredita-se que as comunidades de Bananal e Barra dos Negros são oriundas de antigos quilombos e por terem uma relação de convivência muito íntima e serem próximas, foram apresentadas no *corpus* como uma só. A comunidade de Bananal surgiu nos fins do período de exploração de ouro, no século XIX. Essas comunidades sobrevivem da agricultura de subsistência. Já a comunidade de Mato Grosso é mais antiga do que o município de Rio de Contas. Acredita-se que o povoado surgiu a partir de uma ordem de D. João V, na época de exploração das minas, para que escolhessem um lugar para criar uma nova vila. Nessa vila viviam paulistas, mineiros e portugueses que migravam para essa região em busca do ouro. O povoado de Mato Grosso fica localizado a 1.450 metros acima do nível do mar, possuindo um acesso difícil na época em que foram feitas as gravações, e as pessoas que lá convivem plantam verduras e café para vender, além de só para subsistência, ao contrário das comunidades de Bananal e Barra dos Negros.

ABARÉ: É o “missionário ou padre cristão, entre os indígenas brasileiros”. Em tupi possui escrita semelhante à encontrada no corpus “ABARÉ”, de acordo com os dicionários de Navarro (2013) e Carvalho (1987). Na ocorrência dos inquéritos, a lexia aparece como topônimo, nomeando uma cidade: “Inf: Mas, eu acho que é porque ele tava quereno ganhar tra’vez, né? E o povo viu ele be... beber água, todo mundo votou nele, devido ele ter... ser tão bom na primeira vez. Mas, agora, ele num tá valeno de nada não. Inté esse mehmo, esse homem aí que é meu marido aí, às vez nem tinha gasolina, que às vez tem hora que num tem nem gasolina pra colocar no carro, né? Às vez chega no posto, bota a gasolina fiado, que nem casião de eleição, às vez o povo vai pa votar, se uma pessoa pede pa levar no Rio da Caixa ou no tipo assim no... no Rio de Conta mehmo, ali no lugar que chama “Tamanduá”, que tem muita foi *Abaré* no Mato Grosso. Tinha vez que ele corria, chegava aqui uma hora da manhã, duas hora da manhã, proque já tava cansado, num güentava viajar mais, né! Inté hoje ele tá sem receber um centavo”.

AIPIM: É uma “planta lactescente, da família das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa e como ração animal”. Também chamado de mandioca, conforme os dicionários Aulete Digital e o Aurélio (1986). O dicionário de Navarro (2013) e o de Carvalho (1987) apresentam a lexia em tupi como “AÎP”. Foram encontradas cinco ocorrências nos inquéritos de Bananal/Barra dos Negros, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc 2: Diz que a mandioca a única que pode comer [inint]. Inf: Por que uma é mandioca braba mehmo e outa a gente chama ela de *aipim*, aqui pra nós é *aipim*. Agora pra lá que não tem a mandioca braba tudo é mandioca mansa, né? Circ: Macaxeira... Inf: É”.

ARAPONGA: É uma “ave passeriforme da família dos cotingídeos (*Procnias nudicollis*), do Brasil médio-oriental e estemeridional. Cujo canto forte e estridente faz lembrar batidas de martelo numa bigorna”, de acordo com o Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Conforme Navarro (2013) e Carvalho (1987), a lexia em tupi é “GÛYRAPONGA”. Foi identificado o uso registrando-se uma ocorrência em cada comunidade, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc 1: É. Como é o nome desse bichinho aí que tá gritando lá? Doc 2: É passarinho é? Inf: É. Doc 1: Não ele fala: tou fraco, tou fraco. Inf: [rindo]. Não sei se é sabiá ou *araponga*, coisa assim. Doc 1: Eu pensei que fosse pato. Inf: Não”.

BEIJU: Os dicionários Aulete Digital e o Aurélio (1986) apresentam esse vocábulo como um “bolo feito com massa fina de mandioca ou tapioca assada, do qual há numerosas espécies”. O dicionário de Navarro (2013) e o de Carvalho (1987) apresenta a lexia em Tupi “*MBE-YU*”. A lexia aparece nas comunidades de Bananal/Barra dos Negros e em Mato Grosso, somando 31 ocorrências, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: Bananal/Barra dos Negros: “Inf: Aquela massa... aquela massa já vem no jeito certo de fazer *beiju*. Doc 1: De fazer o *beiju*? Inf: É sim. Aí agora, a gente cessa e faz os *beiju*. Doc 1: Mas, tem que saber a conta certa, né? Inf: É. Tem. A massa nem... nem muito seca, nem muito assim aguada também. Se ficar, assim aguada, o *beiju* não sai bom. Tem que ter uma dosagem boa”.

Mato Grosso: “E o *beiju*, o que é o *beiju*? Inf: Ah, moço, o *beiju* é da mesma massa da farinha, é da mesma massa. Faz no forno. Faz assim numa caçarola den’de casa. No fogão e faz no forno também [...]”.

MACAXEIRA: É uma “planta lactescente, da família das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usadas para fazer farinha de mesa e como ração animal. Também conhecida como mandioca, de acordo com Aurélio (2013) e Aulete Digital. Em tupi é apresentada como “*MAKAXERA*”, conforme Carvalho (1987) e Navarro (2013). A lexia teve duas ocorrências nas entrevistas da comunidade de Bananal/Barra dos Negros, com o mesmo significado apresentado pelos dicionários: “Inf: Por que uma é mandioca braba mehmo e outa a gente chama ela de aipim, aqui pra nós é aipim. Agora pra lá que não tem a mandioca braba tudo é mandioca mansa, né? Circ: *Macaxeira*... Inf: É. Doc 1: Quer dizer que mandioca... *macaxeira*, aipim, como é o nome do outro que a senhora falou? Inf: É um... Doc 2: Mandioca mansa”.

MANAÍBA: “Tolete do caule do aipim ou da mandioca, cortado para plantio; muda de aipim ou de mandioca”, conforme apresentam os dicionários Aurélio (1986) e Aulete Digital. Em tupi é “*MANDI’YBA*”, conforme Navarro (2013). Essa lexia foi localizada nos inquéritos da comunidade de Bananal/Barra dos Negros, significando o mesmo que os dicionários apresen-

tam: “Doc 1: E a senhora planta o quê aqui? Inf: Aqui, de tudo, eu planto um pouquinho. Num planto muita coisa porque não tenho condições. Mas eu planto meu feijão. Planto *manaíba*, mandioca. Doc 1: *Manaíba* é mandioca é? Inf: É. Milho, uns pezinho de banana, laranjeira, uns pezinho de cafezeiro. [rindo]. Tudo é pouco, mas de tudo tem, né, um pouquinho.

MANDIOCA: “Planta lactescente, da família das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usadas para fazer farinha de mesa e como ração animal”, conforme Aurélio (1986) e Aulete Digital, possui a mesma definição da lexia macaxeira, pois são sinônimos. Em tupi, de acordo com Navarro (2013) e Carvalho (1987), é “MANDI’OKA”. Foi encontrada nas duas localidades onde foram gravadas as entrevistas. Bananal/Barra dos Negros: “Circ 2: Agora tá pouco porque não tem quase *mandioca* maduro. Se fosse *mandioca* maduro, a gente rela uma semana ou mais. Agora, quando não tem, você ranca hoje, rapa ela, bota na prensa, amanhã levanta de madrugada, põe no fogo. Inf: É. Circ 2: Esquece, joga no fogo e torra assim pra cima de uma quarta ou de meia. Doc: Hum. Circ 2: Ou de... de mei alqueire. Inf: Ou de alqueire”.

Mato Grosso: “Inf: Não. Cê via... naqueles tempo pra trás aí, algum pezinho de cafézeiro prantado. E hoje não, só se vê nesse mundo só vê cháca de café. O que prantava mais era *mandioca* pra fazer farinha, essas coisa. Pegava de segunda a sábado pra tá destocano pa prantar *mandioca* pra esperar fazer farinha, cinco ano, pra fazer farinha. E hoje ninguém cuida disso mais não. Farinha tá barato. Doc 1: [ri]. É mehmo”.

MANGABEIRA: É uma “arvoreta da família das apocináceas (*Hancornia speciosa*), frequente em cerrados e no litoral nordestino, que produz fruto comestível, a mangaba”, de acordo com Aurélio (1986) e Aulete Digital. Em tupi é “MANGA’YBA”. Foi encontrada na localidade Mato Grosso com significação diferente da apresentada pelos dicionários: “Doc: Lá em Bom Jesus da Lapa, né? Inf: [pessoas conversando]. No Menino Jesus. Doc: Eu conheço, eu conheço aquela gruta que tem [inint], né? Na *Mangabeira* eu nunca fui não, diz que é lindo, né? A esposa de seu A. de seu A.N. falou que ela já foi, diz que é lindo. Circ 1: É tudo da natureza”. Conforme a ocorrência, a lexia se apresenta como topônimo.

MANIÇOBA: “Árvore da família das euforbiáceas (*Manihot glaziovii*), nativa do Brasil, de cujo látex, de aroma desagradável, se produzia uma borracha de qualidade inferior. Prato feito com as folhas da mandioca trituradas e espremidas às quais se adiciona carne suína, e se tempera com alho, sal, louro e pimenta, deixando-se longo tempo cozinhando”, conforme o Aulete Digital e o Aurélio (1986). De acordo com Navarro (2013), em tupi é “MANISOBA”. Ocorre na comunidade de Bananal/ Barra dos Negros com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc: Por que não tinha o quê comer? Inf: Não tinha não. Caino das perna porque

enfraqueceu as perna. Misericórdia moça. Aqui nós ia panhar *maniçoba* e palmatória, não tinha nada de comer não. Nós já sofreu muito moça, mas hoje o povo tá todo vivo meu bem, graças a Deus!”.

PEQUI: De acordo com os dicionários de língua portuguesa, Aurélio (1986) e Aulete Digital, é uma “árvore da família das cariocaráceas (*Caryocar brasiliense*), muito grossa e própria dos cerrados. O fruto do pequi”. Segundo os dicionários de Carvalho (1987) e Navarro (2013), a lexia em tupi é “PEKE’I”. Foram encontradas ocorrências da lexia nas duas comunidades em que os inquéritos foram gravados. Bananal/Barra dos Negros: “Doc: Hum. Eu vejo também aqui que... que tem muito óleo de *pequi*, né? Inf: Tem. Óleo de *pequi* tem. Doc: O gado também gosta de *pequi*. [rindo]. Inf: É. Doc: E como é que faz? Você sabe? Inf: Sei”.

Mato Grosso: “Doc 2: E as comidas daqui? Vocês fazem comida com *pequi*? Inf: Faz. Doc 2: Vocês botam o quê? Inf: Bota tempero, cebola, salsa, o que achar. Doc 2: Mas ele puro? Inf: Não. É o alho e tudo bota na comida. Doc 2: Mas o *pequi*, aquela frutinha. É *pequi*? Doc 1: É *pequi*”.

PUBA: Segundo o Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é uma “massa de mandioca deixada de molho até amolecer e fermentar. Terreno úmido e coberto de capim”. A lexia em tupi é bem semelhante à encontrada nas entrevistas: “PUBA”. Foi encontrada na comunidade de Bananal/Barra dos Negros: “Doc: E além da farinha vocês fazem o quê mais? Inf: Aqui, da farinha da mandioca, cê tira tapioca, faz *puba*. [inint]”.

SARUÊ: É “mesmo que gambá. Espiga de milho com poucos grãos”, conforme os dicionários de língua portuguesa. Se apresenta em tupi como “SARIGÛÊÏA”, segundo Carvalho (1987) e Navarro (2013). Foram encontradas quatro ocorrências na comunidade de Bananal/Barra dos negros: “Doc: E sariguê? Inf: Ham? Doc: Sariguê? Inf: Eu nem sei o que é isso não! Doc: É um bichinho que parece... É... é meu tio que fala assim, ele come o ovo de galinha, quando a galinha bota ovo. Inf: Ah! *Saruê*! Doc: Ah! *Saruê*! Inf: É, tem”.

SUÇUARANA: “Felino selvagem de grande porte (*Felis concolor*), encontrado nas três Américas, de coloração uniforme, geralmente amarronzada, sem manchas ou pintas. Também conhecido como puma”, conforme o Aurélio (1987) e o Aulete Digital. Em tupi é “SÛASUARANA”, de acordo com o dicionário de Tupi-Português de Navarro. Foram encontradas quatro ocorrências na comunidade de Bananal/Barra dos Negros: “Inf: Eles num contar assim como foi não. Eles só falava que viu assim como nos mato assim, que ela passano assim. Eles também corria, saía fora com medo. Doc: Como é a *sussuarana*? Inf: Ham? A *sussuarana* eu não sei não. Eu nunca vi ela, mas dize que ela é assim grande assim igual um cachorro assim. Doc: Braba, né? Inf: Braba”.

TAMANDUÁ: De acordo com os dicionários de língua portuguesa, é um “mamífero desdentado, da família dos mimercofagídeos, cujo alimento básico são os cupins”. Se apresenta como “TAMANDUÁ” em tupi. Foi encontrada apenas uma ocorrência da lexia na comunidade de Bananal/Barra dos Negros, mas com significação diferente da apresentada pelos dicionários: “Inf: Mas, eu acho que é porque ele tava querendo ganhar tra’vez, né? E o povo viu ele be... beber água, todo mundo votou nele, devido ele ter... ser tão bom na primeira vez. Mas, agora, ele num tá valendo de nada não. Inté esse mehmo, esse homem aí que é meu marido aí, às vez nem tinha gasolina, que às vez tem hora que num tem nem gasolina pra colecar no carro, né? Às vez chega no posto, bota a gasolina fiado, que nem casião de eleição, às vez o povo vai pa votar, se uma pessoa pede pa levar no Rio da Caixa ou no tipo assim no... no Rio de Conta mehmo, ali no lugar que chama “*Tamanduá*”, que tem muita foi Abaré no Mato Grosso. Tinha vez que ele corria, chegava aqui uma hora da manhã, duas hora da manhã, proque já tava cansado, num güentava viajar mais, né! Inté hoje ele tá sem receber um centavo”.

TAPIOCA: “Farinha fina, branca e úmida extraída da raiz da mandioca”, conhecida como goma. “Iguaria feita com essa farinha peneirada, assada e recheada, geralmente com coco ou manteiga”, também chamada de beiju, segundo os dicionários de Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Conforme Navarro (2013) e Carvalho (1987), em tupi é representada como “TYPY’OKA”. Foram encontradas 38 ocorrências nos inquéritos da comunidade de Bananal/Barra dos Negros, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc: E a *tapioca* como é que faz? Inf: *Tapioca*? Doc: Hum. Inf: *Tapioca*, tem de tirar da... tem de relar a mandioca, colocar água e depois arrumar um saco assim de pano bem fininho, espremer. Aí agora, tira a *tapioca* e coloca assim numa... numa vasilha grande assim...”. E na comunidade de Mato Grosso foi localizada apenas 1 ocorrência: “Doc 1: Aqui tem *tapioca*? Ôh, como é o nome, mandioca? Doc 2: Mandioca. Inf: O povo pranta, o povo prantava bastante, agora já não tá prantando demais não. Doc 1: Por que deixaram de plantar? Inf: Porque num... num deu renda”.

TEIÚ: É um “lagarto terrestre da família dos teídeos (*Tupinambis teguixin*), com corpo de 50 cm de comprimento, de coloração cinzenta manchada de preto com fitas transversais amarelo-escuro, vive em tocas e é onívoro; encontrado do Norte do Brasil ao norte da Argentina”, segundo o Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Em tupi se apresenta como “TEIÚ”. Foram encontradas seis ocorrências nos inquéritos da comunidade de Bananal/Barra dos Negros, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc 3: E *teiú*? Inf: *Teiú*, tem tombém. Doc 3: Já comi *teiú*, achei uma delícia. Inf: É boa. Doc 2: Como é que caça *teiú*, seu A.? Inf: Como

é que caça? Doc 2: Sim. Inf: *Teiú*? Com cachorro do mato, aí estira ele, eu tirei ele... Doc 2: Sim senhor”.

6.3 ZONA RURAL DE FEIRA DE SANTANA (VOLUME III)

Os dados obtidos através desse corpus foram coletados no distrito da Matinha, localizado na zona rural de Feira de Santana. Os informantes das entrevistas possuem, no máximo, cinco anos de escolarização e foram divididos em três faixas etárias: faixa 1 (18-38), faixa 2 (39-58) e faixa 3 (a partir de 59). Os moradores da comunidade da Matinha possuem um contato muito grande com a zona urbana, pois vendem os produtos agrícolas que produzem nas feiras da cidade, portanto, é inevitável que se tenha influências culturais e linguísticas entre os indivíduos habitantes da zona urbana e da zona rural. Algumas pessoas acreditam que o distrito se originou a partir de um quilombo que existiu na localidade. Outros contam que a comunidade surgiu a partir de uma promessa feita por duas moradoras de fazendas que existiam naquele lugar, para que uma peste que assolava a região não chegasse até suas terras e para pagar

a promessa, elas ergueriam uma capela, com isso, o povoado foi se formando ao redor dessa igreja. O município de Feira de Santana se desenvolveu muito rapidamente pelo fato de sua localização ser uma importante ligação entre o sertão e o recôncavo, e por ter abrigado uma rápida expansão industrial, fazendo com que muitos habitantes da zona rural migrassem para a cidade.

AIPIM: Em consonância com os dicionários de língua portuguesa Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é uma “planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usados para fazer farinha de mesa e como ração animal. Também conhecida como mandioca”. Em tupi é apresentada como “AÎP”, de acordo com Navarro (2013) e Carvalho (1987). Foram encontradas duas ocorrências da lexia nos inquéritos da comunidade da Matinha: “Doc: E o qu’ é que cês plantam aqui além de feijão? Inf: Eu já plantei de tudo, era batata, era feijão, era *aipim*, de tudo já lavrei, mas hoje em dia não pranto mais nada. Doc: Por que a senhora deixou de plantar? Inf: Porque não guento mais pegar ne enxada. S’ eu guentasse eu prantava, mas eu num guento mais. Já trabaei muito, já peguei trabaiar foi... foi criança. Era pra cavar cova, capinar feijão, fazer tudo, rancar mandoca, relar, torrar pra trazer pronta. Eu vou dizer s’ eu fosse, sei lá, não eu não sei, Jesus é nosso pai, porque já comi o pão que o diabo amassou, mas tou remeteno, remeteno assim mehmo”.

BEIJU: “Bolo de massa de tapioca ou de mandioca, do qual há numerosas espécies”, conforme o Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Em tupi se apresenta como “MBEÛ”, de acordo com Carvalho (1987) e Navarro (2013). Foram encontradas nove ocorrências nos inquéritos, com mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc 2: E como era preparar assim o *beiju*? Inf: É ótimo, fácil de fazer. Tem um forno, a gente leva um bujão, a gente... o forno tem uma tampinha, a gente suspende a tampinha faz o [inint] embaixo. Mas esse ano mehmo teve até disputa, teve quatro pessoa na fila e tinha só duas colher de *beiju*, aí a gente {ariu} tanto no final da festa que essas duas colher dividiu pra quatro pessoa, aí fez quatro *beiju*. Aí tinha um estudante que ele era deficiente, ele é tão legal ele. Ele, os pezinho dele é diferente do da gente, os pezinho dele é bem desse tamainho aqui assim. Aí ele disse quando vê mainha: "coração de mãe sempre cabe mais um." [ri]”.

CAJÁ: De acordo com o Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é o fruto da cajazeira. Em tupi se apresenta como “AKAÏÁ”. Foi encontrada uma ocorrência nos inquéritos da comunidade da Matinha: Doc: E licor só faz de jenipapo é? Inf: Faz de tudo. Fai de acelora, fai de *cajá*, fai de abacaxi. Doc: É mesmo? Inf: Fai de tudo quanto é planta, fai. Doc: E de abacaxi, como é que faz? Inf: O abacaxi fai ele cozido tamém”.

LICURI: De acordo com o Aulete Digital e o Aurélio (1986), é uma “planta da família das palmeiras (*Cocos coronata*), de drupas comestíveis, cuja medula fornece fécula e cuja semente fornece óleo alimentar. Também conhecida como aricuri ou ouricuri”. Segundo Navarro (2013) e Cavalho (1987), em tupi se apresenta como “URUKURI”. Foram encontradas quatro ocorrências nas entrevistas: “Doc: É verdade. E como é que o pai do senhor tratava o senhor quando era pequeno? Inf: Ah! eu num fui criado com meu pai, fui criado com minha vó e minha vó, todo chei de denço, mas tamém apanhei. Aí naquele tempo, a gente apanhava era, tinha um negoço chamado ingaço de *licuri*, né? Tira os *licuri* ali, tira os caroços ali e guarda, passa sebo de boi pa dar surra no cara [...]”.

MANDIOCA: “Planta lactescente, da família das euforbiáceas (*Manihot esculenta*), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são usadas para fazer farinha de mesa e como ração animal”, conforme o Aulete Digital e o Aurélio (1986). Em tupi é “mani’oka”, segundo Navarro (2013) e Cavalho (1987). Foram localizadas 56 ocorrências da lexia nos inquéritos, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc: Como é assim, na casa de farinha? Que antes não tinha na casa de farinha, agora é com máquina. Inf: Tinha a casa de farinha assim: a hente rala *mandioca* assim, a hente rala *mandioca* a braço, né? A hente ralava *mandioca* assim a braço e tinha uma pessoa na boca da bola cevano, empurano *mandioca*, cevano. E agora não, agora tem o motor, premeiro pareceu o motor de a hente cevar *mandioca*, agora tem o motor sem cevar a braço. Agora tem esse outo motor que é da farinha elétrica pra gente, não é manual, pra gente colocar, ceva *mandioca* no banco. Aí vai a massa pr’o outo lado e a hente pega a massa, bota na prensa que ela imprensa, que enxuga a massa. Nós tira a massa, bota no motor de novo, ceva a massa, depois que a hente ceva a massa de novo, a hente bota o... liga, pega o... liga o forno onde liga energia pra paleta ir trabalhano e a gente jogano a massa, movimentano, né? Aí ela vai movimentano, movimentano e ahente jogano a massa e ela vai fazeno farinha, fazeno farinha. Quando a farinha tá torrada, aí a hente vai, espia se tá torrada [...]”.

PITANGA: Segundo o Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é o fruto da pitangueira. Em tupi encontramos como “YBAPYTANGA”, de acordo com Navarro (2013). Apenas uma ocorrência foi identificada nos inquéritos da comunidade da Matinha, com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Doc: E os remédios aqui, como é que são feitos os remédios caseiros? Quais são as plantas que usam? Inf: A parte das pranta. Quando a gente está com febe, a gente tem: cunzinha [inint], cunzinha navegina, que é aquela foia ali, pa febe, fai o chá na parte de febe. Na parte da dor de barriga conzinha {ve’cedeira menis, ela está ali. Na parte de gripe, pega juíz de paz, fedegoso, carqueja, foia da acelora, foia de *pitanga*, fai o chá, o lambedor,

juíz de paz, [inint] os santo e fai o chá e toma pra gripe. Hoje, na situação de hoje já miorano, acelora é um chá, acelora não, graviola hoje já é um chá natural. É bom pra parte de cansaço, de dor, a parte da pressão. A graviola hoje já é um remedo, um chá natural. A milagrosa, ali, parte de febe, cozin... fevre ela, fevre a água, tira a água e abafa, quando esfria bebe, já é tom-bém da febe. O manjeriçã branco, caatinga de crioulo, ali tem, fai aquele lambedor tombém para parte de chá”.

PUBA: Conforme o Aurélio (1986) e o Aulete Digital, é uma “massa de mandioca deixada de molho até amolecer e fermentar. Terreno úmido e coberto de capim”. A lexia em tupi é bem semelhante à encontrada nas entrevistas: “PUBA”, segundo Navarro (2013) e Carvalho (1987). Foram encontradas três ocorrências nas entrevistas da comunidade da Matinha: “Inf: Festaja o São João, a gente bota a *puba*, a mandioca de moio, fai o bolo de *puba*. Circ: Boa Tarde! Inf: [Boa Tarde.] [interrupção da entrevista] A mandioca já disse. A gente bota a mandioca de moio, aí quando a mandioca mulece desmancha ela na peneira, aí cõa, no saco lava, no saco de pano, aí agora vai colocano água, mais água e espreme pra sair o fedozinho da *puba*. Aí depois bota no saco no solo pra escoar, depois que escoar bota na prensa, aí agora fai o bolo. O bolo, aí agora bota açúcar, ovo, leite, manteiga, cravo, canela, aí bate a massa, bota na forma, aí é pro festejo de São João”.

TAPIOCA: É a “farinha fina, branca e úmida extraída da raiz da mandioca”, conhecida como goma. “Iguaria feita com essa farinha peneirada, assada e recheada, geralmente com coco ou manteiga”, também chamada de beiju, conforme os dicionários de Aurélio (1986) e o Aulete Digital. Segundo Navarro (2013) e Carvalho (1987), em tupi é representada como “TYPY’OKA”. Foi encontrada apenas uma ocorrência nas entrevistas da Matinha: “Doc: E tem barracaquinha de quê? Inf: Vende laranja, vendia *tapioca*, depois eu parei porque minha mãe viajou pra São Paulo e na época [inint] tocar lá. Eu num fui, aí num podia ir pra barraca e deixar a casa só, aí quando eu cheguei lá, meus freguês, óh, o pessoal que mora lá [inint] porque se a pessoa que tem barraca e demorar de ir na barraca, o freguês já muda pra outra. Aí eles ficaram, aí eu parei [inint] vender, trazia pra casa e chegava em casa fazia beiju, aí eu parei”.

6.4 ZONA RURAL DE JEREMOABO (VOLUME IV)

Os dados apresentados na seção anterior foram encontrados no volume IV do corpus utilizado, esse volume trata das Amostras da Língua Falada na Zona Rural de Jeremoabo. Como já foi dito anteriormente neste trabalho, esse volume foi gravado em três comunidades da região de Jeremoabo, as comunidades de Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio. Portanto, ao apresentar os dados, colocamos a ocorrência das lexias em todas as comunidades em que ela aparece, algumas delas só ocorreu em uma, outras, em todas. Apesar de as comunidades terem origens distintas, foi possível encontrar lexias de origem indígena em todas elas, apenas na comunidade de Lagoa do Inácio, que se formou a partir da descendência de brancos e mestiços, é que se constatou uma quantidade menor de lexias em relação às outras.

O volume IV do corpus é composto por 36 entrevistas, somando as três comunidades. Esse volume contém 10.283 lexias que foram analisadas e, após a análise feita, foram encontradas 17 lexias de origem indígena. Foi possível perceber que todas as lexias encontradas são substantivos e se tratam de animais, de alimentos e de plantas.

Abaixo serão apresentadas as análises mais detalhadas das lexias encontradas nos inquéritos das três comunidades da região de Jeremoabo:

ARAPUCA: A definição para esse vocábulo foi encontrada tanto no dicionário Aulete Digital quanto no Aurélio (1986) e os dois apresentam, praticamente, o mesmo conceito “Armadilha para apanhar pássaros pequenos, feita de pauzinhos cada vez mais curtos, dispostos em forma piramidal”. Para essa mesma definição, no dicionário de Carvalho (1987), foi encontrado o vocábulo “*ARATAKA*. Substantivo, (o que colhe batendo com estrépito): espécie de armadilha para caça”. Já em Navarro (2013), tem-se a lexia *KOTY* referente ao significado que os dicionários apresentam para a lexia arapuca e *ARATAKA* dá nome a uma espécie de beija-flor. Nos inquéritos, essa lexia só foi constatada na comunidade de Tapera e com uma ocorrência apenas, mas com o mesmo conceito que os dicionários apresentam: “Inf: Não sei nem se... é travessura. A travessura que eu mais fiz, sai daqui pro mato escondido, sem dizer pra ninguém. Doc: E daí que que aconteceu? Inf: Todo mundo ficou preocupado, me procurando, e eu no mato. Doc: Fazendo o que lá? Inf: Os cara foru e eu fui no meio armar *arapuca*, foi a pior da minha vida também”.

BEIJU: Os dicionários Aulete Digital e o Aurélio (1986) apresentam esse vocábulo como um “bolo feito com massa fina de mandioca ou tapioca assada”. O dicionário de Carvalho (1987) e o de Navarro (2013) apresenta a lexia em Tupi “*MBEÍU*”. Esse vocábulo ocorre em todas as comunidades do *corpus* e sendo utilizada com o mesmo conceito em todas as ocorrências “Doc: *Beiju?* Você sabe fazer *beiju*? Inf: Sei fazer. Doc: Como é que faz? Inf: A gente vai espremer a... a tapioca, depois lava, aí escorre novamente. Aí faz os *beiju*. Aí eu faço *beiju*, Ave Maria, ele fica alegue demais! “ah, mãe eu quero beju, eu quero beju”. “Num tem maih não, meu filho”. É assim as coisas”.

CAITITU: Os dois dicionários de língua portuguesa apresentam o conceito dessa lexia como um “mamífero da ordem dos artiodáctilos, família dos tiaiçuídeos (*Tayassu tajacu* (L)), da região cisandina da América do Sul”, ou seja, é um animal de caça e é assim que a lexia aparece nas ocorrências nos inquéritos de Tapera e Lagoa do Inácio, somando um total de três ocorrências. Navarro (2013) e Carvalho (1987) apresenta essa lexia em Tupi como “*TAÍTETU*”.

CAJU: “Pedicelo tuberizado, comestível, do fruto do cajueiro”, de acordo com o Aulete e o Aurélio (1986). Foram encontradas sete ocorrências nos inquéritos gravados na comunidade de Tapera e todas em consonância com o significado que os dicionários apresentam “ Doc: Quais frutas que vocês cultivam aqui pra vender? Inf: Manga, goiaba, *caju*... Doc: Aqui tem *caju* também? Inf: Tem. Doc: E vocês vendem só *caju*, ou vende castanha, essas coisa? Inf: [inint]... Castanha, *caju*...”. No dicionário de Carvalho (1987) e Navarro (2013), a lexia é apresentada da seguinte forma: “*AKAÍU*”.

CIPÓ: Os dicionários Aulete e Aurélio (1986) apresentam o conceito de que é “designação comum às plantas sarmentosas ou trepadeiras que pendem das árvores e nelas se trançam; ici-pó”, mas nas ocorrências encontradas nos inquéritos da comunidade de Casinhas, a lexia primeiro aparece designando uma espécie de cobra “ Doc: A senhora já viajou assim, muito pra fora? (pessoas conversando) Inf: Eu? Doc: Sim. Inf: Já! Doc: Pra onde? Inf: Viagem {xou ver lugar} de lugar assim lonjão mehmo que eu já num... fui só foi pa São Paulo, Paulo Afonso, com’ é Savador... Doc: Hum! Inf:...*Cipó*, Pombal, Tabunes... ”. Navarro (2013) e Carvalho (1987) apresenta a lexia em Tupi como “*YSYPÓ*”.

CUTIA: É uma espécie de “Mamífero roedor, da família dos dasiproctídeos, gênero *Dasyprocta* III., com sete espécies em território brasileiro”, de acordo com Aulete e Aurélio (1986). A lexia foi encontrada em todas as comunidades que compõem o *corpus* com a mesma definição apresentada nos dicionários “Doc: Seu pai não caça não? Inf: Caçar, ele caçava, é porque mais agora não caça mais não. Doc: O que era? Inf: O que ele caçava? Doc: Sim. Inf: Tatu, caititu e *cutia*. Doc: E tinha muita por aqui? Inf: Tinha.”. É também a definição apresentada por Carvalho (1987) e Navarro (2013) para a lexia em Tupi “*AKUTP*”.

JATOBÁ: “Árvore da família das leguminosas, subfamília cesalpinioídea (*Hymenaea courbaril*), nativa do México ao Brasil”. Encontramos a lexia em duas comunidades Casinhas e Tapera, com a mesma significação apresentada pelos dicionários “Doc: Hum. Quais são os tipos de ervas que a senhora conhece? Inf: Ói! ói! Se eu for contar, não tenho nem mais cabeça mais pra dizer, óh! É [inint] quebrapedra... Doc: Hum. Inf: ...e *jatobá*. E o que era mais meu pai... é folha miúda, um pau chamado pinapina e quebrafacão e outro que me ensinaram, mas esse aí tem tudo no Raso. Sipipira, anjico, eu faço tudo. De cada um pé de pau, eu rapo uma rapinha e encho a panela. Quando acaba, cozinho, coou, aí depois que freve de novo, aí eu boto o açúcar, aí que apuro e faço. [rindo]”. Em Navarro (2013) e Carvalho (1987) a lexia aparece como “*ÍATA’YBA*”.

MACAMBIRA: Conforme o Aulete Digital e o Aurélio (1986), é uma “planta da família das bromeliáceas (*Bromélia laciniosa*) encontrada nas caatingas do Nordeste, usadas como ração

e para extração de fibras”. Esta lexia também não está registrada nos dicionários de (Navarro, 2013) e (Carvalho, 1987), mas o Dicionário Aurélio (1986) a apresenta em Tupi como *MAKÃ'BIRA*. Só houve ocorrência dessa lexia nos inquéritos da comunidade de Lagoa do Inácio e ela aparece nos diálogos com a mesma significação apresentada pelos dicionários “Inf: ...as cercas era quase tudo de velado, sabe o que é velado? Doc: Não. Inf: É dar de cavar um rêgo, assim, a *mancambira*, sabe o que é? Doc: Não. Inf: Um... um negócio assim ói, agora todo chêi de espinzim, né? Doc: Sei, mandacaru? Inf: Não, *mamcambira*. Doc: Ah! Inf: Aí fazia aquele velado, prantava aquela *macambira* mode os bicho, poque num existia arame. Era, cê pa fazer uma roça, er'um sacrificio. Doc: Sei”.

MANDIOCA: Esse vocábulo, por ser mais comum, foi encontrado nos inquéritos de todas as comunidades que compõem o *corpus* e com a mesma significação em todas as ocorrências que, de acordo com os dicionários de LP, é uma “planta leitosa, da família das euforbiáceas (*Manihot utilíssima*), cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação”. Nos inquéritos aparece da seguinte forma: “Doc: Vocês planta o quê aqui? Inf: Feijão, milho... Doc:Hum. Inf: Assim um pé de *mandioca*, né? *Mandioca* [inint]. Doc: Hum. E essa, essa época tá boa pra plantação? Inf: Tá não. Com esse solão bateno aí. Esse veraozão pegado, né?”. No dicionário de Carvalho (1987) e Navarro (2013) sua representação em Tupi é “*MANI'OKA*”.

OURICURI: “Árvore (*Cocos coronata*) da família das palmáceas, de frutos globosos comestíveis” essa é a definição apresentada pelo Aulete Digital e o Aurélio (1986), para o que nós conhecemos mais comumente por “Licuri” e é assim que essa lexia aparece nos inquéritos da comunidade de Casinhas, mas com a mesma significação que os dicionários nos mostram: “Doc: Hum. O doce de coco? Inf:... Descasca... Doc: Sim. Inf: ...descasca o coco, caba, pega o ralo e rela, né? Bota no tacho e agora aí passa de mão, bota o açúcar dento, mexe, aí dá o ponto, a gente tira. Se quiser botar um pouquinho de leite dento bota... [...] Doc: E o de *licuri*? Inf: O de *licuri*, a gente quebra o *licuri* e cabar passa de mão, bota no quilificador, põe um pouco de água dento, aí mói ele. Quondo termina de moer ele, agora aí, bota no tacho também, bota o açúcar dento, mexe. Quondo tava quereno dar o ponto, põe ele no chão e, cabar, bate, bate, ele dá o ponto também, a pessoa bota no tacho, bota no tabuleiro”. Carvalho (1986) e Navarro (2013) apresentam a forma dessa lexia em Tupi, definindo que ela também é conhecida como “licuri”: “*URIKURP*”.

PEBA: Os dicionários Aulete e o Aurélio (1986) apresentam três definições distintas para essa lexia “1. Alongado, achatado. 2. Bras. N.E. De má-qualidade, ordinário sm. 3. Bras. Zool. Tatu amarronzado e de pelos esparsos na carapaça (*Euphractus sexcinctus*)” e o Aurélio (1986)

ainda traz que também significa “indivíduo dos pebas, tribo indígena habitante do N. do alto rio Amazonas”. Nos inquéritos, foi encontrada ocorrências da lexia nas três comunidades e todas com a significação de que é um animal de caça “Doc: Que tipo de bich... Inf: Inda hoje tem p... *peba*, tatu, tamanduá, cutia, caititu, veado. Doc: Hum. Inf: Só esses bicho de veado e caititu pa trás, né? Doc: Mas quando o senhor era criança, o senhor chegou ver, assim, onça, esses bichos assim? Inf: Não. De onça eu só via históra”. Carvalho (1987) e Navarro (2013) apresenta a lexia em Tupi como “*PEBA*”.

PINDOBA: Conforme o Aulete e o Aurélio (1986) é uma “Palmeira de belo porte (*Attalea compta*), que compõe amplos palmeirais em certas regiões do C.O. e apresenta nozes muito duras, com algumas sementes, ricas em óleo utilizável”. Navarro (2013) e Carvalho (1987) apresentam como “*PINDOBA*”. Foram encontradas ocorrências da lexia nos inquéritos de Casinhas e Lagoa do Inácio com a mesma significação apresentada pelos dicionários “Inf: Aí, bom, quano uma vez, eu brincano mais um, ele morreu um compade meu, nós também é de compade de brincadeira e se consideram até. Doc: Hum. Inf: O momento que Deus levou. Aí uma gaia de *pindobeira* entrou aqui na fixta, foi muito sangue daqui encuiou a perna, né? Doc: Hum.”.

TAMANDUÁ: Segundo o Aulete Digital e o Aurélio (1986) a definição para essa lexia é “mamífero desdentado, da família dos mimercofagídeos, cujo alimento básico são os cupins”. Carvalho (1987) e Navarro (2013) mostram sua representação em Tupi e a definição que está em consonância com a que já foi apresentada “*TAMANDUÁ*”, e com essa mesma significação ela aparece nos inquéritos da comunidade de Lagoa do Inácio: “Doc: Que tipo de bich... Inf: Inda hoje tem p... peba, tatu, *tamanduá*, cutia, caititu, veado. Doc: Hum. Inf: Só esses bicho de veado e caititu pa trás, né? Doc: Mas quando o senhor era criança, o senhor chegou ver, assim, onça, esses bichos assim? Inf: Não. De onça eu só via históra.”.

TAPERA: Além de ser o nome de uma das comunidades que compõem o *corpus*, a lexia também significa “habitação ou aldeia abandonada. Casa arruinada”, conforme o Aulete e o Aurélio (1986) e da mesma forma ela aparece no dicionário de Tupi de Carvalho (1987) e no de Navarro (2013) “*TAPERA*”. Nas ocorrências encontradas, ela aparece apenas se referindo à comunidade mesmo “Doc: E a senhora sabe por que esse nome *Tapera*? Inf: Se eu sei? Doc: Sim. Aqui, o lugarejo, por que tem esse nome? Inf: Num sei. Agora aí, só o povo mais véi, né, que sabe. Eu mesmo num sei. Agora nós aqui, já mora aqui, *Tapera*, dessa rodagem pra lá e aqui já chama fazenda Jipinho, que é outro terreno, né?”.

TAPIOCA: É o “beiju que tem no interior uma camada de coco ralado. Fécula alimentícia que se extrai da mandioca; goma”, conforme o Aulete e o Aurélio (1986). De acordo com os di-

cionários de Navarro (2013) e de Carvalho (1987), essa lexia em Tupi é: “*TAPY’OKA*”. A lexia só foi encontrada nos inquéritos da comunidade de Casinhas e com a mesma significação apresentada acima “Doc: Hum. E *tapioca*? Inf: Tapi... a *tapioca* tira espermemo. Doc: Como assim? Inf: Tira amassa, depois vai, aí bota a *tapioca*, aí esperme a tapioca, aí... aí bota pa ajuntar, aí ajunta a *tapioca*, aí depoi vai e escorre, aí tira a *tapioca*. Doc: Hum, hum! Não é difícil não? Inf: Não. Né difíce não, é face”.

TATU: Segundo o Aulete Digital e o Aurélio (1986) é “designação comum aos mamíferos desdentados da família dos dasipodídeos, com seis gêneros no Brasil e aproximadamente 11 espécies”. Navarro (2013) e Carvalho (1987) apresenta como “*TATU*” e nas ocorrências que foram constatadas nas três comunidades, a lexia aparece com a mesma significação apresentada pelos dicionários “Doc: Hum. E quais são as caça assim... Inf: A caça que a gente pega? Doc: Hum. Inf: *Tatu*, às vez peba, eu mesmo nunca peguei peba, nem *tatu*, não. Agora os cara aí pega. Tem uns negócio proibido, mas às vez o cara só vevi disso, não tem pra onde correr, não. Às vez quando eu vou, as vez pra lá pa pegar passarinho”.

UMBUZEIRO: De acordo com os dicionários de língua portuguesa, é uma “arvoreta muito copada, da família das anacardiáceas, própria da caatinga (*Spondias tuberosa*) própria da caatinga [...], sendo os frutos (imbus) bagas comestíveis, bastante apreciadas”, também chamado de imbuzeiro. Em tupi não há uma designação para esse vocábulo, mas é possível encontrar nos dicionários de Navarro (2013) e Carvalho (1987) a nomeação do seu fruto como “*UMBU*”. Esses dicionários apresentam o significado dessa lexia como “nome de duas árvores da família das anacardiáceas” e como “o fruto dessas árvores”. Na ocorrência da comunidade de Casinhas, aparece com a mesma significação apresentada pelos dicionários: “Inf:... entendeu? Aí, daí deixano isso aí, eu passei a caminhar e tal era mei macho, mei danado, mei preseperinho. Presepero se entende, assim, gostava muito de fazer brincadeira, mas mais eu pegava. Mãe tinha um pé de cajueiro, um pé de *umbuzeiro* bem bonito, aquele tronco bem lisinho e aquilo outro, pegava a faca, gostava sempre de desenhar cruz, cruzeiro, a imagem de santo. Sempre eu tenho o dom de nascença.”. Já na ocorrência da comunidade de Tapera, aparece nomeando um determinado lugar: “Doc: Mas é tudo Tapera? Inf: É tudo Tapera, mas aqui que era outro terreno, aí aqui fazenda Jipinho e *Umбуzeiro*, aqui. Doc: Hum. Inf: Mas é tudo Tapera.”.

Além das lexias apresentadas, foi encontrado também o vocábulo “quixabeira” que, segundo os registros dos dicionários Aulete Digital e Aurélio (1986), possivelmente é de origem indígena, mas não se tem confirmação da exata origem dessa lexia. Os dicionários apresentam a lexia “quixabeira” como sendo uma “árvore lactescente, da família das sapotáceas (*Bumelia sartorum*), muito difundida na caatinga, e que tem folhas pequenas e numerosos espinhos ro-

bustos”, essa lexia é uma derivação de “quixaba”, que é o fruto da árvore. Não foram encontrados registros de “quixaba”, nem de “quixabeira” no dicionário de Carvalho (1987). No dicionário de Navarro (2013), foi possível encontrar a lexia “KESABA”, que significa “lugar de dormir”. Nas ocorrências do corpus, aparece com a significação apresentada pelos dicionários de língua portuguesa: “Doc: Mas é... o pessoal aqui usa muita erva pa fazer remédio? ou prefere medicamento? Inf: Ah! Usa muito. Usa, usa muito, quando a gente vê que aquelas erva do mato num serve, aí a gente vai pro médico. Doc: Hum. E a senhora sabe, assim, me falar um pouco sobre esses remédios de erva? Inf: Que serve pa remédio? A... a... como é, a gente faz remédio de *quixabeira*, faz remédio de paudecuié.... Doc: Pra quê? Inf: Pra infecção. Doc: Hum. Inf: Paudecuié.(crianças gritando por perto) *Quixabeira*, pra arrebentação, a gente se arrebenta, leva uma queda.... Doc: Hum”.

Conforme os fatos apresentados, não é possível vincular a lexia diretamente ao Tupi, pois não há evidências que comprove essa possível origem. De acordo com estudos realizados por Soares (2022, p. 36), é possível vincular essa lexia à família linguística Kariri, que pertence ao tronco Macro-jê, pois seu uso é bastante presente no semiárido baiano e, “mais precisamente, entre municípios que dialogam territorialmente com os aldeamentos indígenas Massacará e Mirandela”.

6.5 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Conforme os dados apresentados nas seções anteriores, é possível perceber que o tronco linguístico Tupi foi o que mais obteve ocorrências de lexias, comparado ao tronco Macro-jê. Esse fato pode ser explicado levando em consideração todo o contexto histórico da ocupação do território baiano pelos povos indígenas, onde houve uma grande quantidade de grupos falantes de famílias linguísticas do tronco Tupi, inclusive quando houve a instituição da Língua Geral Brasileira, e os poucos grupos de falantes de famílias linguísticas do tronco Macro-jê, acabaram perdendo a língua materna com o passar do tempo e dos acontecimentos. Nesta pesquisa só foi encontrada a lexia *quixabeira* com possível origem no tronco macro-jê, devido à região em que ela possui registros.

No volume I do *corpus*, constituído na zona rural de Anselino da Fonseca, foram registradas 19 lexias de origem indígena em uma pesquisa feita nos doze inquéritos que compõem o volume. Essas lexias foram registradas na fala de informante que possuem idades entre 28 e 79 anos. A maioria das lexias apresentam, em seu contexto de uso, significações semelhantes às apresentadas pelos dicionários, com a exceção de algumas que diferem do significado original por, muitas vezes, denominarem localidades, transformando-se em um substantivo próprio. Ainda há aquelas lexias que no contexto de uso aparece com o significado apresentado pelos dicionários e com significações divergentes, como é o caso da lexia “Juazeiro”.

No volume II do *corpus*, gravado na zona rural de Rio de Contas, foram registradas 16 lexias de base indígena nos vinte e quatro inquéritos gravados nas três comunidades. Os informantes que participaram das entrevistas possuíam idade a partir dos 18 anos e frequentaram escola até a 5ª série do fundamental. Grande parte das lexias possuem a mesma significância apresentada pelos dicionários. A única que aparece com o significado divergente é “ABARÉ”, que os dicionários apresentam como sendo o nome dado por indígenas ao que conhecemos como missionário, mas que nos inquéritos aparece nomeando uma cidade. Esta cidade foi fundada em uma região que já foi habitada por indígenas e que padres e missionários foram até lá com o objetivo de catequizá-los, nesse mesmo lugar existia uma fazenda com esse mesmo nome. Na fazenda foi edificada a capela de Santo Antônio e a partir disso foi se formando a cidade (Portal Prefeitura de Abaré).

No volume III, que foi gravado na zona rural de Feira de Santana, foram registradas 8 lexias de base indígena nos inquéritos que compõem o *corpus*. As entrevistas foram realizadas com informantes que possuíam a partir de 18 anos de idade e com cinco anos de escolarização, no máximo. Todas as lexias analisadas possuem a mesma significação apresentada pelos dicionários em seus usos nos diálogos.

No volume IV, que foi gravado na zona rural de Jeremoabo, foram registradas 17 lexias de base indígena nos trinta e seis inquéritos analisados e que foram gravados em três comunidades da região. Os informantes das entrevistas possuem de 15 a 65 anos e frequentaram até a quinta série ou são analfabetos. Apenas uma lexia das que foram localizadas não estão com a mesma significação apresentada pelos dicionários que é “tapera”. Nos inquéritos aparece nomeando uma localidade. Além de “quixabeira” que não foi possível localizar nos dicionários de Tupi, mas que há estudos que apontam que essa lexia está vinculada à família linguística Kiriri, que pertence ao tronco macro-jê. Se assim for, temos apenas esta lexia no trabalho que possui origem no macro-jê.

Conforme os resultados apresentados nesta pesquisa, é possível perceber que, embora tantos anos já se passaram desde o período da colonização, ainda se encontra muitas palavras oriundas das línguas indígenas que já existiram e algumas que ainda existem (e resistem) na língua portuguesa falada atualmente. Algumas dessas línguas são pertencentes ao tronco Tupi e outras ao tronco Macro-jê, com os dados obtidos após a realização deste estudo, encontramos mais lexias do tronco tupi, do que do tronco macro-jê. Isso pode ser explicado pelo fato de que a língua adotada para comunicação pelos portugueses no período de colonização, foi do tronco Tupi e houve bastante expansão, e também porque, segundo Pinto (1935, p. 147) os dados relacionados às línguas do tronco Macro-jê são bastante escassos e não há muitos registros das línguas pertencentes a esse tronco.

Como ressaltamos na seção anterior, o material utilizado para análise não foi coletado com vistas a estudo lexicográfico, houve poucas lexias de origem indígena, o que pode representar a necessidade de uma metodologia específica para a coleta, mas pode também ser um indício de apagamento da participação indígena na formação mais ativa do léxico do português da região, como já foi dito anteriormente neste trabalho. Sabemos, por exemplo, que mesmo na toponímia, houve períodos em que havia tentativas de mudanças de nomes para, por exemplo, homenagear “personalidades” políticas, apagando, muitas vezes, nomes indígenas e africanos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi muito importante para evidenciar as tentativas de apagamento da língua dos povos indígenas, a fim de propiciar a entrada e o uso da língua dos colonizadores. Como foi demonstrado ao decorrer do texto, essas tentativas obtiveram êxito, pois hoje, no Brasil, temos a língua portuguesa como língua oficial e nenhuma língua indígena com abrangência de falantes ou que seja reconhecida também como língua oficial do país.

Porém, diante do que foi pesquisado, podemos perceber que as línguas indígenas não foram totalmente apagadas, pois há muitas heranças delas na língua portuguesa que é utilizada nos tempos atuais no país, sendo um dos motivos que fazem com que a nossa língua portuguesa possua características diferentes da língua portuguesa deixada (e imposta) pelos colonizadores. Tânia Lobo, em seu artigo intitulado Rosa Virgínia Mattos e Silva e a História Social

Linguística do Brasil, apresenta uma proposição de Mattos e Silva, onde a autora afirma que “a história linguística do Brasil não se restringe à história da língua portuguesa no Brasil, nem à história do português brasileiro” (2015, p.71), essa proposição comprova o que já foi dito anteriormente nesta seção. A língua portuguesa existente hoje no Brasil carrega muitas marcas e heranças das línguas indígenas, como também de outras línguas que formaram o multilinguismo no território brasileiro no século XVIII, como as línguas africanas. Portanto, é possível – e cabível – afirmar que a história da língua que se fala no Brasil, atualmente, começa muito antes dessa língua existir nesse território.

Esse processo se deu a partir dos contatos linguísticos, já discutido neste trabalho, que, conforme Lucchesi (2015, p. 91) “durante os quatro primeiros séculos da formação da sociedade brasileira, na diglossia entre o português falado pela elite colonial e do Império e as centenas de línguas indígenas e africanas faladas pelos povos subjugados”.

O Brasil, hoje, se caracteriza como um país bilíngue, pois em 2002 instituiu-se a LIBRAS como língua oficial, além da já oficial língua portuguesa. Porém, os povos indígenas e alguns estudiosos já lutavam e continuam lutando incessantemente pelo resgate de suas línguas originárias. Inclusive, Lobo (2015) apresenta que, após bastante luta, algumas cidades possuem algumas línguas indígenas como cooficiais. “Em aproximadamente dez anos, nove línguas tornaram-se cooficiais em doze municípios brasileiros. O nheengatu, o baniwa e o tukano, em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas; o guarani, em Tacuru, no Mato Grosso do Sul e o akwê xerente, em Tocantínia, no Tocantins” (Lobo, 2015, p. 72).

Se não fossem o grande número de imigrantes que chegaram ao Brasil na época da colonização e o Diretório criado por Pombal em 1757, o Brasil hoje seria um país em que se falaria majoritariamente as línguas indígenas, pois houve um grande desenvolvimento das línguas gerais no interior do território, ultrapassando, inclusive, os limites criados pelos jesuítas. Além dos fatos já mencionados, outro fator que contribuiu para que as línguas indígenas não se estabelecessem foi a expulsão dos jesuítas do território brasileiro, no ano de 1759. Esses eram os principais protetores da língua geral. Diante do que foi exposto neste trabalho, percebe-se que o que aconteceu para o estabelecimento da língua portuguesa no Brasil, foi, realmente, uma violência, tanto linguística, como física e cultural. Portanto, é importante e necessário o resgate, que vem sendo feito, das línguas indígenas, mesmo sabendo que é muito difícil o uso destas se abranger por todo o território, para que não se perca a história dos povos e a cultura dos povos originários, que integram também a história linguística e cultural do nosso país.

Em vista dos resultados desta pesquisa e de outros trabalhos realizados no semiárido baiano a respeito do léxico das línguas indígenas, percebe-se que ainda há necessidade de in-

vestigações sobre as línguas indígenas, principalmente as do tronco Macro-jê que ainda são difíceis de serem localizadas, fato que se justifica por meio do processo de tupinização. Há muitas pesquisas em desenvolvimento com o objetivo de explorar as entranhas do semiárido em busca da história linguística do PB, mas ainda há bastante espaço para novas pesquisas, traçando novos caminhos, a fim de obter novos e interessantes resultados, têm muita informação a ser descoberta. Investigar a língua é também investigar a história do povo e das comunidades. Não dá para separar a linguística da história e é dessa forma que a ciência se desenvolve. É pertinente que haja continuidade nas investigações a respeito das contribuições das línguas indígenas para compreender a formação das variedades existentes do PB e, para além das contribuições linguísticas, perceber o quanto da cultura e costumes indígenas estão presentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Uana Vanessa Pinheiro de. **Da África à Bahia: um estudo sobre o léxico africano em comunidades do semiárido baiano**. Dissertação. 2019.

ALMEIDA, Norma Lucia F. de; CARNEIRO, Zenaide de O. N. **Amostrs da língua falada no semi- árido baiano**. Feira de Santana, UEFS/FAPESB, 2008.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. **Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado por três comunidades do interior da Bahia** / Norma Lucia Fernandes de Almeida.- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

ALMEIDA, Patrícia Matos de; JESUS, Larissa Cheyenne Nepomuceno de. **Os indígenas Payayá e o Distrito de Maria Quitéria: história, memória e ensino**. In: VIII Encontro Estadual de História: Espaços de História, 2016, Feira de Santana. Anais do VIII Encontro Estadual de História: Espaços da História, 2016.

ALMEIDA, Rita Heloísa. **O diretório dos índios**: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII. Brasília: UnB, 1997.

ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2 ed. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001 [1998].

ANTHONY, Laurence. **AntConc** (Versão 4.2.0) [Software de Computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. 2022. Disponível em: <<https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 02 fev. 2023.

ANTUNES, Irlandé. O léxico de uma língua. In: _____. **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AULETE DIGITAL. Lexikon Editora Digital Ltda. 2023. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia**. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília, 1990. (p. 152-158).

BARREIROS, Liliâne Lemos Santana. **Vocabulário de Eulálio Motta** / Liliâne Lemos Santana Barreiros. Salvador, 2017.

BIDERMAN, M. T. C. **A ciência da Lexicografia**. In: ALFA, São Paulo, 28, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza C. A estrutura mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). **Estudos de Filologia e Linguística**: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A Queiroz/Edusp, v. 02, 1981, p. 131-145.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande: Ed UFMG, 2001, p. 13-22.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário tupi (antigo) português**/ Moacyr Ribeiro de carvalho – Salvador, 1987.

CUNHA E SOUZA, Hirão Fernandes. **O português Kiriri**: aspectos fônicos e lexicais na fala de uma comunidade do sertão baiano / Hirão Fernandes Cunha e Souza. 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil** / organização Manuela Carneiro da Cunha. – São Paulo: Companhia das Letras. Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

DANTAS, B. G; SAMPAIO, J. A. L; CARVALHO, M. R. G. de. Os Povos Indígenas no Nordeste Brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil** / organização Manuela Carneiro da Cunha. – São Paulo: Companhia das Letras. Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

EDELWEISS, Frederico G. **Estudos Tupis e Tupi-Guaranis: confrontos e revisões**. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1969.

FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda; **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. J.E.M.M. Editores Ltda. – 1986, (p. 1-1821).

FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne. 500 anos de línguas indígenas no Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo (Ba), 2006, p. 17-61.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

IRIARTE SANROMÁN, Á. **A Unidade Lexicográfica**. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas. Braga: Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho, 2001.

IVO, Ivana Pereira. O falar caiçara: subsídios para os estudos sobre a contribuição de línguas indígenas para a formação do português brasileiro. **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 29-53, 2021. DOI: 10.22481/el.v19i3.9139. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/9139>. Acesso em: 29 jun. 2023.

LOBO, T. **Rosa Virgínia Mattos e Silva e a história social linguística do Brasil**. Estudos de Lingüística Galega, v. 7, 2015, p. 69-82.

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 249-274.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (org.) **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 41-73.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil** / Dante Lucchesi. – São Paulo: Contexto, 2015.

Matinha (Feira de Santana). Wikiwand. Disponível em: <[https://www.wikiwand.com/pt/Matinha_\(Feira_de_Santana\)](https://www.wikiwand.com/pt/Matinha_(Feira_de_Santana))> . Acesso em: 11/02/2024.

MATOS, Márcio. **“MEIO ÍNDIOS”, “MEIO NEGROS”**: etnicidade e pobreza em rio de contas / Márcio Matos. -- Salvador, 2021.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil** / Heliana Mello, Cléo V. Altenhofen, Tommaso Raso, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola, 2007.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de Tupi Antigo: a língua indígena clássica do Brasil**. São Paulo: Global, 2013.

NOBRE, Wagner Carvalho de Argolo. **Introdução à história das línguas gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial**. 229 f. il. 2011. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001[1998], (p. 9–123).

PINTO, Estêvão. **Os Indígenas do Nordeste**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. Edições Loyola, São Paulo – SP, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. D.E.L.T.A., vol. 9, n. 1, 1993, (p. 83-103).

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Notas sobre o sistema de parentesco dos índios Kiriri** / Revista do Museu Paulista, vol. 11. – São Paulo, 1948.

SANTANA, Rejane Cristine Carneiro; MENDES, Luan Oliveira. **O Legado Linguístico dos Tapuias no Sertão Baiano**. *Léngua & Meia*, Brasil, n.11, v. 2, p. 78-93, 2020.

SANTOS, Cosme Batista dos. Lexicografia, culturas do semiárido e formação de educadores. In: SANTOS, Cosme Batista dos; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. **As palavras e as culturas: estudos da relação entre léxico e cultura na realidade baiana**/ Organizado por Cosme Batista dos Santos e Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz. – Salvador: EDUNEB, 2016.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia (1750- 1800)** / Fabricio Lyrio Santos. – Salvador/BA: Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Os índios na história da Bahia**. Organizado por Fabrício Lyrio Santos. Cruz das Almas, EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SANTOS, Solon Natalício Araújo dos. **Conquista e resistência dos Payayá no Sertão das Jacobinas: tapuia, tupi, colonos e missionários (1651-1706)** / Solon Natalício Araújo dos Santos. – Salvador, 2011.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus: histórico e problemática**. D.E.L.T.A., Vol. 16, nº2, 2000. (323-367)

SILVA, Cíntia dos Santos Pereira da; IVO, Ivana Pereira. **Educação Escolar Indígena: Reflexões sobre língua e cultura nos territórios etnoeducacionais**. Terra Livre, [S. l.], v. 2, n. 45,

p. 197–224, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/628>. Acesso em: 03 fev. 2024.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Presença: Brasília, INL, 1976.

SOARES, Paloma Reis. **A participação da família linguística kiriri para a formação do léxico do português brasileiro falado no município de Quijingue – BA**. Feira de Santana/BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2022.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos; RODRIGUES, Jardel Jesus Santos; ALMEIDA, Fernanda Lima; SOUZA, Élvia Martins Falcão. (2020). **Os Kiriri dos “sertões” da Bahia**: discutindo documentação, revitalização e políticas linguísticas. *Cadernos de Linguística*, v.1, n. 3, p. 01-20.

SPANGHERO, Vitória Regina. Produção de dicionários contemporâneos com línguas em contato: o caso do português e das línguas indígenas brasileiras. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 5 ed. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2010.

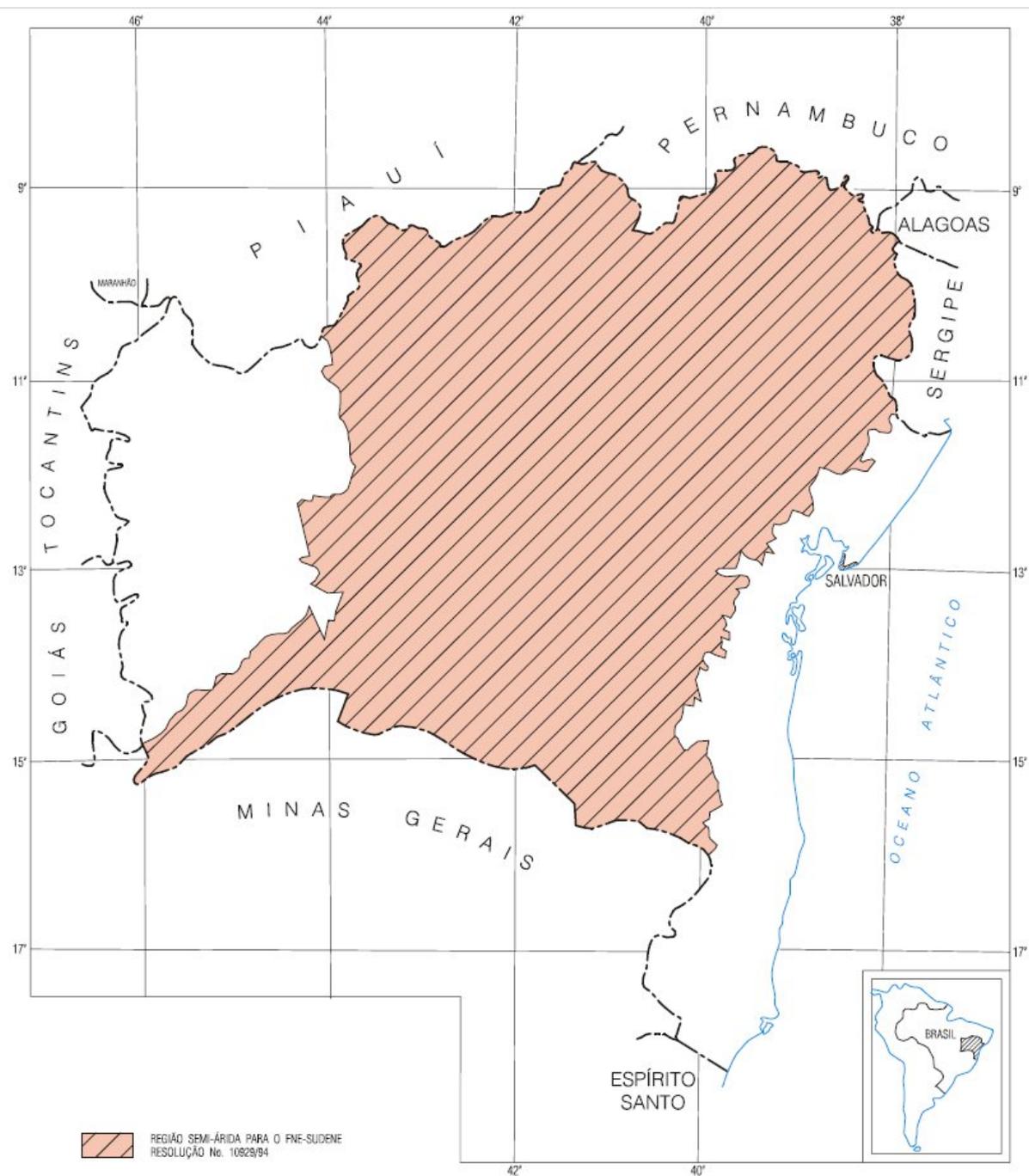
VENÂNCIO, Renato Pinto. Por uma História Social do Português no Brasil. *In*: RAMOS, Jânia Martins; ALKMIM, Mônica A. **Para a História do Português Brasileiro**. Jânia M. Ramos e Mônica A. Alkmim (organizadoras) – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia** / Herbert Andreas Welker. – 2. ed. revista e ampliada – Brasília: Thesaurus, 2004.

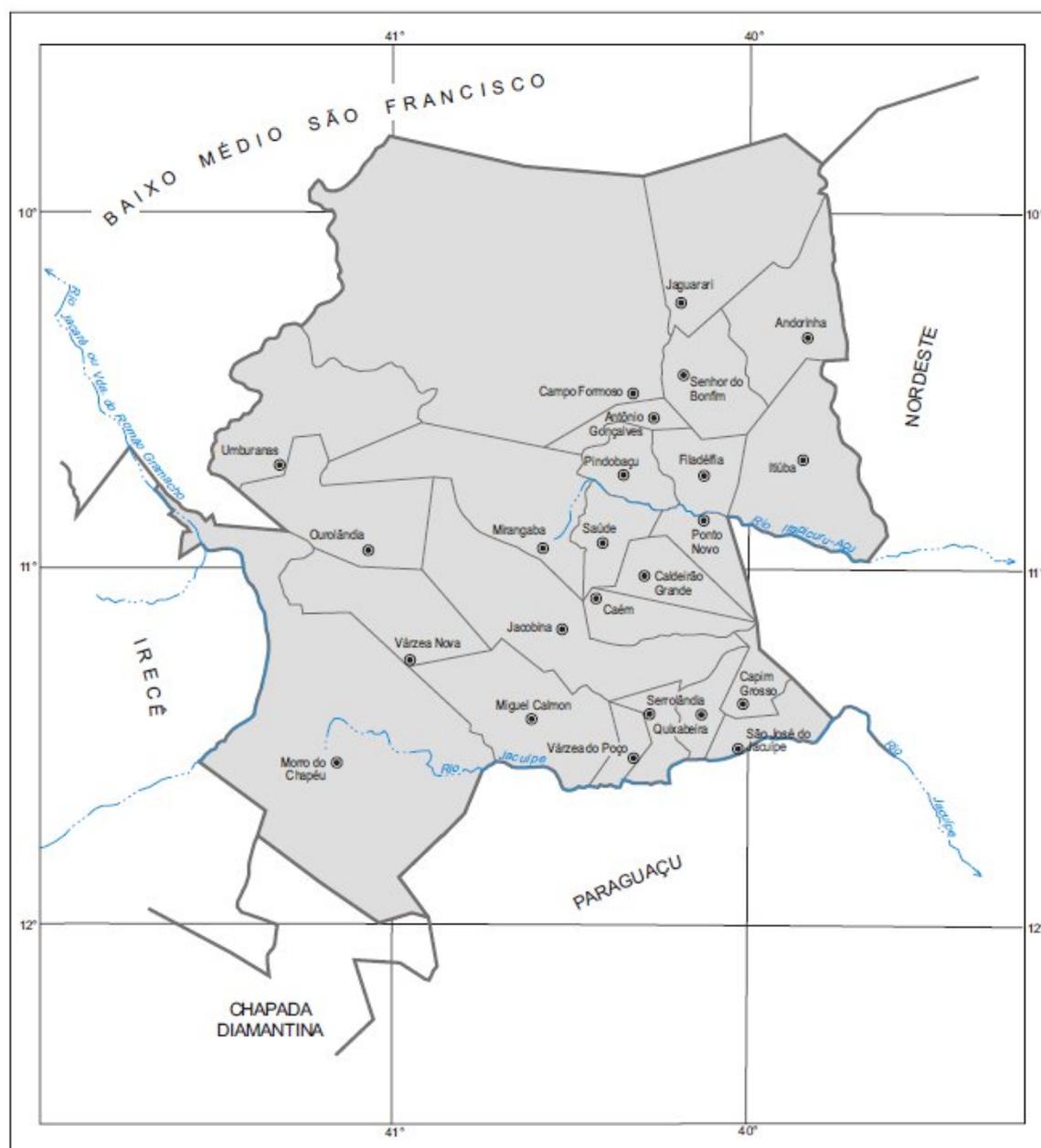
ANEXOS

ANEXO A – Figura 8 – Mapa com a representação do território do semiárido da Bahia



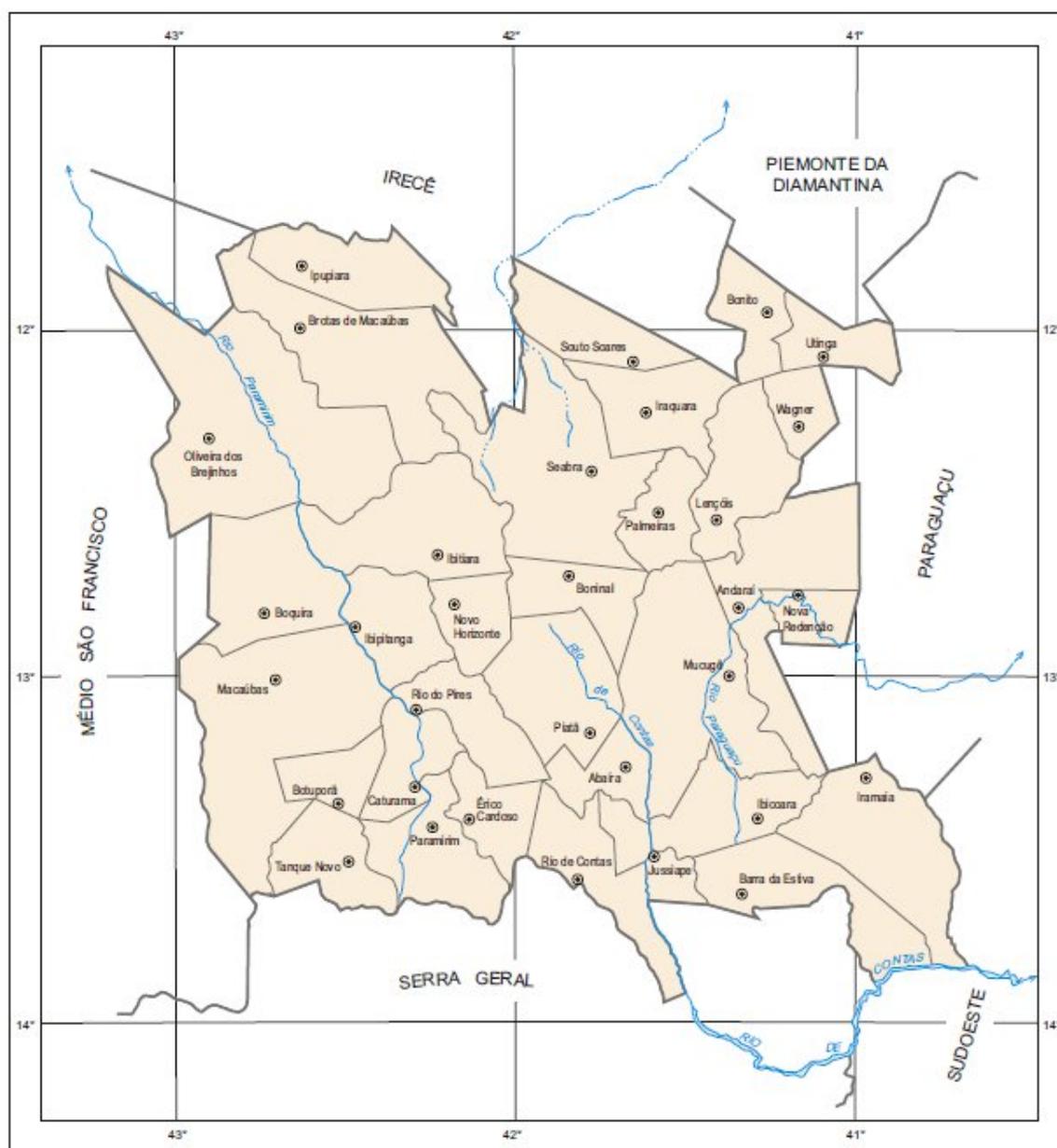
Fonte: (Almeida e Carneiro, 2008)

ANEXO B – Figura 9 – Mapa da região do Piemonte da Diamantina (Caém / Anselino da Fonseca)



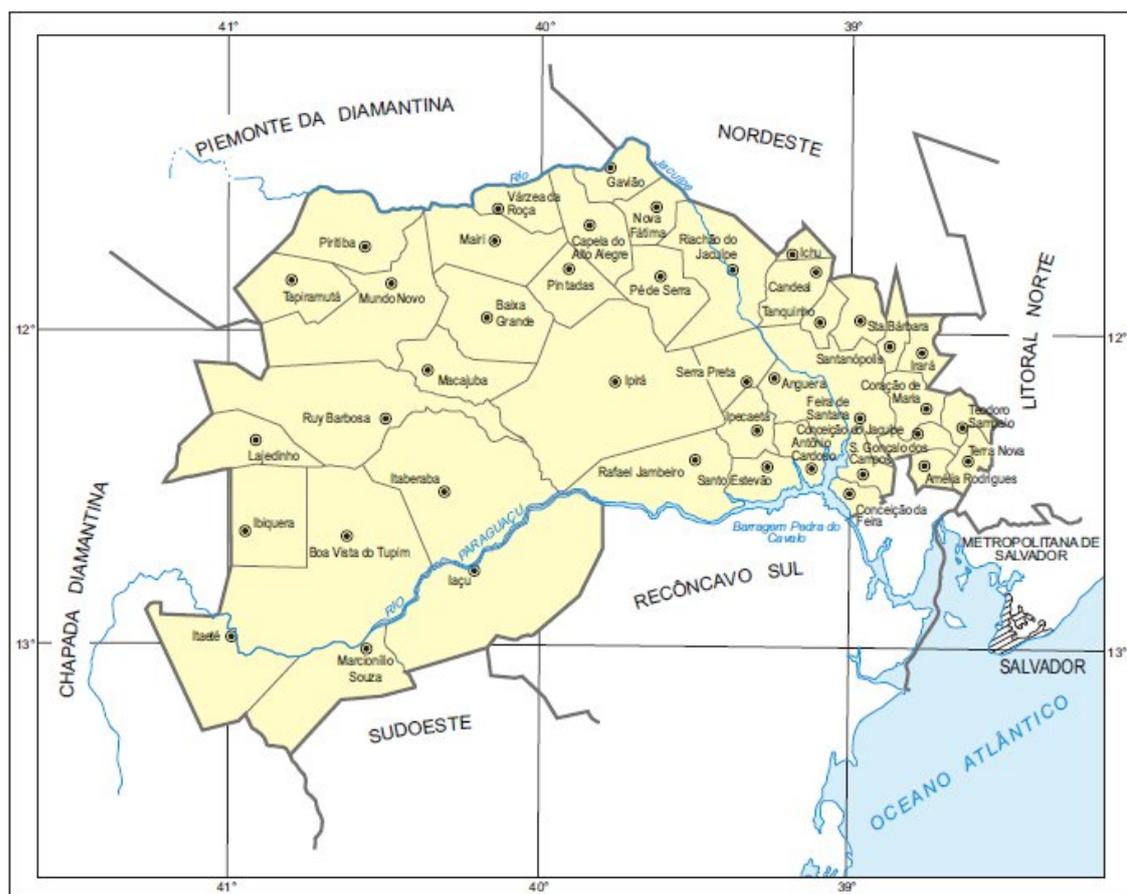
Fonte: (Almeida e Carneiro, 2008)

ANEXO C – Figura 10 – Mapa da região da Chapada Diamantina (Rio de Contas)



Fonte: (Almeida e Carneiro, 2008)

ANEXO D – Figura 11 – Mapa da região do Paraguaçu (Feira de Santana)



Fonte: (Almeida e Carneiro, 2008)

ANEXO E – Figura 12 – Mapa da região Nordeste da Bahia (Jeremoabo)

